



ELEIÇÕES



Os associados da Cotrijuí irão eleger 154 representantes este ano, nas três regionais, Pioneira,

Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul. As eleições, marcadas para o dia 22 de agosto, terão desta vez a participação de 60 por cento do quadro social, com 13.619 produtores aptos a votar. São 147 urnas espalhadas por vários municípios, que receberão votos pela manhã e à tarde. Os representantes terão um mandato de três anos. Veja nesta edição tudo sobre as eleições, com o roteiro das urnas em cada uma das localidades das três regionais

Página 11 à 15

COOPERADO

Agora, o plano do peixe

Página 16



Aumento da produção vai depender da nova política para o setor

LEITE

Balanco depois da crise

Páginas 20 e 21

HISTÓRIA

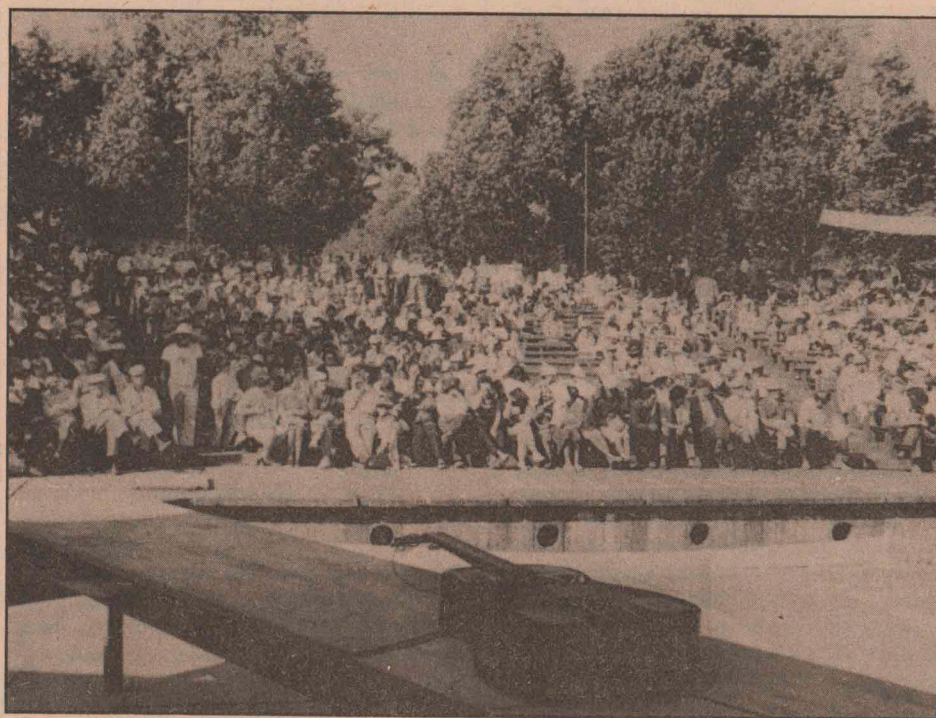
A Cotrijuí chega à Campanha

Página 24

BALANCETE DO SEMESTRE

REFORMA AGRÁRIA

O governo desapropria e passa a enfrentar pressões mais fortes no Estado



Página 6 à 8

Apelo na concentração dos sem-terra, em Ijuí: o governo não pode recuar

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Valter José Pötter
Vice/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Angelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Wagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godói Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Antenor José Vione, Antonio Cândido da Silva Netto e Valdeci Oli Martinelli.

Suplentes:
Valter Lufs Driemeyer, Luiz Anildo Brum, da Costa e Flori José de Pelegrin.

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

CORRESPONDENTES

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Os associados da Cotrijuí se preparam para eleger, no dia 22 de agosto, numa sexta-feira, o novo Conselho de Representantes da Cooperativa, que, a partir desta eleição passa a contar com 154 representantes e não mais 123. A eleição dos novos representantes é um fato muito importante para a vida política da Cooperativa. Por essa razão, a escolha do candidato deve ser muito bem feita e pensada, não apenas pelo associado com direito a voto, mas também por toda a sua família, que de uma forma ou de outra, também são afetados pelas decisões tomadas dentro da Cooperativa. Para essa eleição, a Cotrijuí estará colocando à disposição dos seus associados um total de 147 urnas espalhadas por todas as Unidades das três regionais. Além das urnas fixas, existirão aquelas que ficarão, durante todo o dia, circulando pelo interior. O esquema de votação, quem pode votar e quem não pode votar, o roteiro das urnas, horários, locais e mesários, estão nas páginas 11, 12, 13, 14 e 15.

Os mais pessimistas estão dando o braço a torcer: o terraço de base larga em nível aprovou para a região. Depois de quase um ano e meio de trabalhos de substituição de antigos terraços de base estreita em desnível, por terraços de base larga em nível, eles puderam, por fim, passar por um teste decisivo: em dois dias caiu na região uma das maiores chuvas erosivas dos últimos 10 anos. O base larga aguentou firme. Os pequenos acidentes de transbordamento que ocorreram em algumas propriedades não tem nada a ver com a eficiência deste tipo de terraço, mas com algumas falhas de construção ou até de manejo de solo. Última página.

Não está longe o tempo em que os agricultores, e inclusive os minifundiários, iam atrás da conversa de que a reforma agrária representava uma ameaça a todos os proprietários — por menores que fossem. Esse lero-lero persiste até hoje, e é encampado principalmente pela tal de TFP (Tradição, Família e Propriedade), uma organização de direita que em julho mandou emissários à região ao redor de Ijuí. Mas será que os produtores ainda dão atenção a este tipo de alarma, que tenta relacionar a reforma com o batido fantasma da "ameaça comunista?" O trabalho dos sindicatos e da Igreja, na zona da soja, vem contribuindo para que — como dizem algumas lideranças — a conversa fiada dos tefepistas seja ouvida como piada. Página 6.

Agricultura foi incluída no Plano de Metas do Governo, lançado no final de julho, e que pretende promover o desenvolvimento da economia, com reflexos na área social. O Plano prevê a aplicação de 120 bilhões de cruzados na indústria, nos transportes, telecomunicações e outros setores, e não irá canalizar diretamente esses recursos para a agricultura. Mas o Governo está certo de que, de forma indireta, a produção será beneficiada, e espera chegar a 1989 com uma safra de mais de 71 milhões de toneladas de grãos. Na primeira quinzena de agosto, o presidente José Sarney deverá divulgar os meios capazes de assegurar este crescimento, anunciando os novos critérios para liberação do custeio e fixação dos preços mínimos para a lavoura de verão. Página 4.

A reforma aqui e agora

Mirko Roque Frantz

A reforma agrária tem mobilizado parcelas da população favoráveis e também contrárias à sua implantação. Os "contras" iniciaram seu "fogo," para impedir o plano do governo, de realizar a reforma agrária, logo que a Nova República deu os primeiros passos na direção de concretizar a promessa do falecido Presidente Tancredo Neves. Os segmentos sociais que apoiam a reforma têm se organizado. Surgiram comitês de apoio, comissões de trabalhadores sem terra nos municípios e a nível de regiões, e no Estado o Movimento dos Agricultores Sem-Terra tem demonstrado boa organização.

A Igreja também vem dando a sua contribuição para que o povo possa entender melhor o que significa para o Brasil a realização da reforma agrária e a necessidade de termos justiça social no campo. Outras entidades têm se manifestado claramente em relação ao assunto.

Os Trabalhadores Rurais Sem-Terra, com apoio dos sindicatos de trabalhadores rurais da regional de Ijuí, realizaram no dia 25 de julho — "Dia do Colono" — uma manifestação Pró-Reforma Agrária na Praça da República.

Reuniram um bom número de pessoas. Mas, por ser um evento regional, devemos observar que o ato deveria ter reunido maior número de interessados na reforma. Será que a não participação é sinal de que a população não acredita na efetiva implantação do Plano Nacional de Reforma Agrária? Ou a questão fundiária e a distribuição mais justa da terra ainda não foram devidamente discutidas e entendidas pela sociedade como um todo?

O que estará faltando para que a reforma agrária saia definitivamente do papel e as desapropriações do governo não sejam entravadas por demoradas discussões judiciais? Não estará faltando apoio político ao plano do Governo? Devemos dizer que, ao nosso ver, tem faltado objetividade no encaminhamento do plano por parte do governo. Falta também o apoio político necessário, o que aliás, deve ser resultado das pressões que o poder central recebe.

Os donos de latifúndios improdutos ou produtivos criaram a nível nacional a famigerada UDR — União Democrática Ruralista, e aqui, junto aos nossos olhos (em Carazinho/RS), foi organizado o PUR, que desde a sua criação só tem falado em usar armas e armar os fazendeiros para defesa de suas terras.

Nos últimos dias, o Governo Federal deu mais alguns passos em favor da efetiva implantação do Plano de reforma agrária, com a desapropriação de áreas em todo o país. No Rio Grande do Sul foram desapropriadas áreas em Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Santiago. Mas ainda está faltando terra para completar os 32 mil hectares prometidos pelo INCRA ao Movimento Estadual dos Sem-Terra. A promessa de desapropriar 32 mil hectares já deveria ter sido cumprida, pois o acampamento da Fazenda Annoni em Sarandi-RS, não está longe de completar um ano, e o assentamento dessas famílias deve ocorrer com urgência para que esses colonos possam trabalhar a terra e plantar as culturas de verão.

As famílias acampadas na Annoni estão enfrentando sérios problemas. As lonas plásticas que servem de abrigos (casas) estão estragando e a falta de alimento adequado tem rondado o acampamento desde a ocupação da área. As doenças não têm poupado os sem-terra "instalados" na Annoni, e a falta de assistência médica e de remédios no local tem agravado a situação do acampamento. Desde a ocupação da área já morreram dez crianças e quatro adultos. Esta é a triste realidade das mais de seis mil e quinhentas pessoas que estão acampadas na Annoni à espera de terra para continuar a vida de agricultores.

Em nosso Estado, o município mais privilegiado com o Plano do governo federal é Cruz Alta, pois já teve desapropriados mais de oito mil hectares de terra. Assim que essas áreas forem liberadas pela Justiça, deverão receber os colonos para ali iniciarem a produção de alimentos e promover o desenvolvimento da agricultura.

Não podemos deixar de expressar nossa posição quanto a permanência dos agricultores sem-terra em solo rio-grandense. O nosso Estado está merecendo uma clara consideração das autoridades para que possa retomar o desenvolvimento de sua economia e, quem sabe, voltar a ser destaque na produção agrícola a nível nacional. A efetiva realização da reforma agrária no Rio Grande do Sul vai colaborar em muito nessa retomada do crescimento econômico. Novos empregos vão ser gerados pela indústria, que, necessariamente, terá que produzir os instrumentos e implementos agrícolas para esses colonos. E mais insumos vão ser usados.

Os investimentos na agricultura, como infra-estrutura, assistência técnica, armazéns, etc., vão fazer crescer a indústria e o comércio das regiões onde a reforma agrária for implantada. Outros empregos vão ser gerados pela industrialização e comercialização dos produtos agrícolas que serão produzidos pelos novos estabelecimentos coloniais.

A reforma agrária no Rio Grande do Sul deve ocorrer com urgência. Com ela deveremos conquistar uma política agrícola que fixe o agricultor à terra, e dê prioridade à produção de alimentos com base na diversificação de culturas. Devemos deixar de ser exportadores de trabalhadores e colonos para os outros Estados da Federação e voltar a ser exportadores de produção.



Mirko Frantz é secretário executivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e estudante de Direito

Debates com o produtor

A Unidade de Coronel Bicaco será a primeira a receber os dirigentes da Cotrijuí para uma série de reuniões que deverá se estender aos demais municípios da Pioneira. No dia 13, uma quarta-feira, os associados de Bicaco terão várias informações sobre a atual situação da Cooperativa, em encontro marcado para as 19 horas e 30 minutos, na sede da Afucotri. Este encontro terá as presenças do presidente Oswaldo Meotti, do vice da Pioneira, Celso Sperotto, e do superintendente Antoninho Lopes, além de diretores contratados. Eles apresentarão um balanço das últimas atividades da Cooperativa e poderão ser questionados sobre resultados e planos para este e o próximo ano. Nesta edição do Cotrijornal, na página 5, os associados têm algumas informações, no balancete do primeiro semestre, que servem de subsídio para o debate do dia 13. As reuniões nas demais unidades ainda não estão programadas, mas deverão ocorrer nos próximos meses.

Represália ao boicote

Os pecuaristas podem esperar sentados. O governo já teria decidido cortar de forma radical os créditos para a criação de gado de corte, e tão cedo não haverá financiamentos para investimentos no setor. Esta seria uma das represálias preparadas em Brasília contra o boicote na oferta de boi, registrada desde julho. "O governo se viu obrigado a realizar importações, para atender o consumo, e não irá agora privilegiar quem escondeu o boi no campo", disse um técnico da área econômica em Brasília. O corte foi anunciado extra-oficialmente, mas há sintomas de que a pecuária não vem sendo incluída nos planos de curto prazo do governo. No Plano de Metas, por exemplo, lançado no final de julho, fala-se muito em aumento na produção de grãos, mas não há nada sobre a produção de carne. O governo aposta na capitalização do setor, por entender que esta é uma atividade auto-financeável. Mas há economistas que alertam para os riscos de uma desestabilização na pecuária de corte. Se os bois foram realmente retidos no campo, em grandes quantidades — como acredita o governo — os pecuaristas terão que se desfazer logo desses animais. Primeiro, porque a carne importada está chegando, e junto com ela virá logo também o fim da entressafra.

A velha guarda presente

A concentração do dia 25 de julho, em Ijuí, não reuniu apenas jovens sem-terra na Praça da República. A velha guarda também estava lá, formada principalmente por pequenos agricultores de Ijuí, Ajuricaba, Chiapetta, Catuípe e outros municípios ao redor. Este trio que aparece na foto trocava idéias momentos antes do início do encontro, ali pelas 10 horas, e se manteve unido até o final do ato público, encerrado por volta das 16 horas e 30 minutos. Os agricultores, todos com mais de 50 anos de idade, explicavam a quem perguntasse que não estavam ali na condição de sem-terra. A resposta era mais ou menos esta: "Estamos aqui pelos nossos filhos". Apesar do sol forte, eles aguentaram firme na praça, onde almoçaram



Veteranos suportaram firme o sol quente fiambres trazidos de casa. Segundo os dirigentes dos sindicatos de trabalhadores rurais da regional da Fetag, com sede em Ijuí, é cada vez maior número de pequenos agricultores que não só se engajam à luta pela reforma agrária, mas também reforçam a linha de frente do movimento.

CCGL vai ao Interior

A CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite) pretende realizar, a partir de agosto, reuniões no interior do Estado, com produtores e técnicos das cooperativas singulares e ela filiadas. A informação é de Antoninho Lopes (foto acima) superintendente da Cotrijuí e integrante do conselho fiscal da Central desde a eleição de 27 de junho. Segundo ele, assim será atendida uma antiga reivindicação dos produtores, para que exista um acompanhamento das atividades da Central, e ao mesmo tempo sejam transmitidos regularmente conhecimentos técnicos. Antoninho também informou que a Central bancou, em junho, o subsídio de 30 por cento



ao produtor, e que representou mais de 7 milhões de cruzados. O governo ainda não repassou esse dinheiro à Cooperativa, que mesmo assim pagou a diferença ao produtor. A CCGL tem nova diretoria para um mandato de três anos, com Frederico Dürr reeleito para a presidência, juntamente com Rubem Wolf como vice. Os conselheiros efetivos são Hércio Krabbe (Coolá), Aquelino Libera (Coopibi), João Carlos Fleck (Cotribá), Romeu Kleockner (Cotrisoja), e Nestor Eickhoff (Cotrimaio). O conselho fiscal tem como efetivos Holmes Campos (Cosulati), Dalvo Fiad (Copalma) e Antoninho Lopes (Cotrijuí). Os suplentes do conselho de administração são Aldo Zilio (Santa Clara), Guerino Rebelatto (Cotricampo), Gerardo Strobel (Cotripal), Egídio Pederiva (Coagrisol) e Lourival Bublitz (Cotrirosa). Na ausência do conselho fiscal estão Domingos Mascarenhas (Cotrijuc), Adolar Abegg (Cooperluz) e Eloi Berres (Cotrijal).



Bancários foram ver de perto o que é feito no Centro de Treinamento

Gerentes visitam CTC

Gerentes do Banco do Brasil em municípios da Região Pioneira da Cotrijuí visitaram o CTC (Centro de Treinamento) da Cooperativa, em Augusto Pestana, no dia 12 de julho. Alguns deles já conheciam o trabalho que é realizado pela Cotrijuí, desde 1976, com experimentações em várias áreas, que visam essencialmente oferecer alternativas de produção para atividades integradas. Os gerentes, acompanhados dos chefes das Unidades da Cooperativa, foram recebidos pelo vice-presidente da Pioneira, Celso Sperotto, pelo

superintendente Antoninho Lopes, diretores e funcionários. Pela manhã, ouviram relatos sobre as atividades da Cotrijuí no CTC, feitos pelo coordenador agrotécnico da regional, agrônomo Léo Góti, pelo assessor de Desenvolvimento em Recursos Humanos, sociólogo Walter Frantz, e pelo agrônomo Volnei Viau.

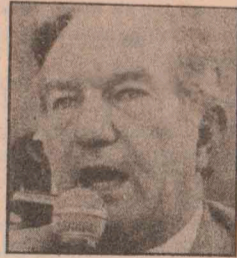
Depois, houve um jogo de futebol sete, vencido pelos bancários, e um churrasco. A tarde, os visitantes percorreram o CTC, conhecendo de perto cada um dos 15 programas desenvolvidos no Centro.

Descaso com o solo

O Brasil gasta muito pouco em conservação do solo, uma área onde os problemas são mais graves a cada dia. Para comprovar esta afirmação, o agrônomo João Pedro Cuthi Dias, um dos painelistas do VI Congresso Brasileiro de Conservação do Solo, realizado em Campo Grande, fez uma comparação do que o Governo Federal gasta anualmente em conservação do solo com o que pagamos de juros pela dívida externa. O orçamento para este ano do Serviço Nacional de Conservação de Solos e Águas, órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, é de Cz\$ 2 milhões e 400 mil, o que equivale a 173.913 dólares ao câmbio oficial (Cz\$ 13,80). Enquanto isso, o serviço (juros) da dívida externa brasileira está hoje em 12 bilhões de dólares ao ano, o que corresponde a uma despesa mensal de 1 bilhão de dólares, ou ainda 33.333 mil dólares por dia. Como um dia tem 24 horas, gastamos o equivalente a 1.388.875 dólares por hora, ou então 23.148 dólares por minuto. A partir destes dados, se conclui que o Brasil gasta anualmente em conservação do solo o equivalente a apenas 7,5 minutos do serviço da dívida externa. Basta dividir o orçamento anual do Serviço Nacional de Conservação de Solos e Águas pelo que pagamos por minuto pela dívida externa para chegarmos a esse resultado. Como 75 por cento dos tributos arrecadados no País são federais, disse João Pedro, se vê um interesse quase nulo pela conservação do solo. O que existe hoje são alguns Estados fazendo por conta própria trabalhos de conservação dos solos, principalmente Paraná e Santa Catarina, quando deveria haver um maior investimento do Governo Federal nessa área, já que o retorno em produtividade é assegurado. E conclui: "A conservação do solo precisa ser encarada como um investimento e não como uma despesa".

O medo de Schlabititz

O superintendente do Inca no Rio Grande do Sul, Egidio Schlabititz (foto ao lado), não estava muito certo de que seria bem recebido em Ijuí, quando da concentração dos



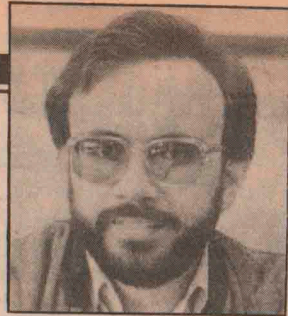
sem-terra, no dia 25 de julho. Antes de confirmar sua vinda, ele conversou com os organizadores do encontro e foi tranquilizado. "Me garantiram de que o debate seria de alto nível e sem constrangimentos", confessou Schlabititz, já na praça. Ele temia que o ambiente ficasse "pesado", mas pôde constatar que a única ameaça estava nas vaias — que chegou a ouvir quando fez rodeio para dar respostas às perguntas. No fim, Schlabititz ficou tão à vontade que arriscou até mesmo uma crítica à campanha pelo voto em branco em novembro, lançada por alguns agricultores durante a concentração. Depois, condenou um grupo de militantes do PT, que rotularam alguns dirigentes sindicais de "pelegos", e até pediu o apoio dos sem-terra à Nova República. Schlabititz veio a Ijuí representando o presidente do Inca, Ruben Ilgenfritz da Silva.

Próxima edição

Como irão repercutir, na lavoura de verão, as novas medidas do governo? O Cotrijornal terá, em sua próxima edição informações que poderão ajudar na resposta a esta pergunta, com um balanço das medidas relacionadas com crédito e preços mínimos. As decisões do governo devem ser anunciadas na primeira quinzena de agosto, e pretendem — pelo que já se sabe — direcionar a produção para o mercado interno.

Metas para a lavoura

Cresce o consumo e o agricultor é convocado a aumentar a produção



Argemiro: sem surpresas

Quando o presidente José Sarney anunciou, no dia 23 de julho, o Plano de Metas do governo para o período 86/89, muito agricultor teve ter coçado a orelha e perguntado: e nós com isso? O Plano mexeu especialmente no bolso da classe média, com "empréstimos compulsórios" que tornaram mais caras a gasolina, os automóveis e as viagens ao exterior. Como esse dinheiro, calculado em mais 120 bilhões de cruzados, o governo pretende financiar vários projetos, que vão da área social à indústria, passando pelas estradas, pela energia elétrica, pelas telecomunicações.

Pois a agricultura consta do Plano de Metas, e tem um objetivo a alcançar: produzir 71 milhões e 600 mil toneladas de grãos em 1989, ou seja, 27,7 por cento a mais do que a última safra. Para chegar a tanto, o governo pretende melhor direcionar os recursos para o setor, privilegiando os alimentos para mercado interno. Promete ainda investir em armazenagem e irrigação, abrindo um pouco mais a torneira do crédito rural.

MENOS SOJA

No início de agosto, o presidente Sarney irá anunciar oficialmente os meios para que essas metas (veja no quadro abaixo) sejam alcançadas pelos agricultores. Mas já se sabe que ele irá cortar o dinheiro para a soja, anunciar preços mínimos plurianuais — a serem corrigidos sempre que os custos dos insumos aumentarem — e toda a prioridade à produção de milho, arroz, feijão. Afinal, é preciso alimentar o povo, num momento em que cresce a capacidade de compra da população.

Para o economista Argemiro Luís Brum, que reside atualmente na França, mas estava no Brasil quando as medidas foram anunciadas, não há surpresa nenhuma nas prioridades eleitas pelo go-



A prioridade ao mercado interno deverá beneficiar o pequeno produtor

verno. "As metas para a agricultura buscam atender à necessidade de um mercado interno que compra cada vez mais alimentos, e pode assim viabilizar a produção diversificada", lembra ele. É assim também que, direcionando crédito e es-

tabelecendo novos critérios para definir preços mínimos remunerados, o governo poderá evitar um novo processo de seleção no meio rural.

A produção voltada ao mercado interno — diz Argemiro — tem tudo para

dar certo na pequena propriedade que, afinal, sempre se dedicou a este tipo de lavoura, mesmo que — nas regiões de soja e trigo — tenha sido invadida pela monocultura. "É a saída para os que não mais conseguem sobreviver com a soja", diz o economista, lembrando que a relação entre custos e ganhos, para o produtor brasileiro da oleaginosa, é um dos fatores responsáveis pela falta de competitividade do grão nacional no mercado externo.

OMISSÃO

"A agricultura brasileira — afirma — será reestruturada em função dessa necessidade de alimentar a população e aliviar as tensões sociais". Nesse caso, repetindo o que já começou a ocorrer no ano passado, o governo vai privilegiar o pequeno produtor de alimentos não porque simplesmente simpatize com ele, mas porque está na pequena propriedade o potencial capaz de ampliar de imediato as safras de arroz, feijão, milho e mandioca.

É agora — segundo Argemiro — que esse pequeno produtor terá, através de suas cooperativas, que mostrar competência para ocupar as brechas que irão se abrir na direção da produção diversificada. "Os bancos e as indústrias exercem pressões e interferem de alguma forma nas decisões do governo. E o agricultor está fazendo o quê?" — indaga-se ele.

Argemiro também estranhou, antes mesmo de chegar ao Brasil para uma série de seminários com associados da Cotrijuí, o silêncio do Ministério da Agricultura em relação a uma nova política para o setor. "Essa posição, de certa omissão, é até contraditória com o momento em que se fala no início dos assentamentos dos sem-terra, pois, para que tal processo tenha êxito, é preciso que se viabilize a pequena propriedade".

Meotti teme que falte dinheiro

O presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, acha que as medidas adotadas pelo governo devem ser bem recebidas, porque "o Plano Cruzado necessitava de fato de correções". Mas tem pelo menos uma grande preocupação: será que haverá dinheiro em caixa para que as metas sejam cumpridas? Meotti observa que, a médio e longo prazos, os objetivos deverão de fato ser alcançados, mas teme que, no imediato, falte o que mais interessa a quem produz: o dinheiro.

O presidente da Cotrijuí relembra que o governo já enfrentou, por várias vezes, cofres vazios em momentos de comercialização de safras, como ocorre este ano. "Será — indaga Meotti — que

não enfrentaremos o mesmo impasse já agora, quando da comercialização da safra de inverno, e na época de formação das próximas lavouras de verão?". Para ele, o governo também precisa rever a política de importações, melhor programando as compras do exterior e evitando transtornos no momento em que as safras nacionais são comercializadas.

PREÇOS

Outra questão que, segundo o economista, não pode ser ignorada pelo governo é a que se relaciona com os preços dos produtos agrícolas. Meotti não admite que os preços sejam inflexíveis, pois — dependendo das oscilações do mercado — terão que ser revisados, "para baixo ou

para cima". Afinal, até agora — ressalta — "o agricultor tem carregado a parcela mais pesada, para manutenção do Plano Cruzado, enquanto vê o país subsidiar, com importações, o produto estrangeiro".

No geral, no entanto, Meotti aplaude as medidas adotadas, porque "são realmente corretas e já estavam sendo esperadas". Ele vê com simpatia a prioridade que será dada à produção de alimentos para o mercado interno, e torce para que a equipe econômica tome decisões ainda mais arrojadas. Para isto — afirma — basta que o governo perca o temor de se antipatizar com o povo, "pois não será em pouco tempo que irá corrigir erros de 20 anos".

Previsões em números

O setor primário não irá receber, diretamente, recursos provenientes dos empréstimos compulsórios. Mas a agricultura terá, de forma indireta, segundo o governo, os benefícios do Plano de Metas, para que sejam alcançados os seguintes objetivos abaixo resumidos:

1) Aumentar a produção de grãos do país em 27,7 por cento até 1989, quando a safra nacional chegaria então a 71,6 milhões de toneladas, contra as atuais 56,1 milhões.

2) Por culturas, estes seriam os aumentos previstos: a safra de arroz cresceria 7 por cento ao ano, para chegar a 2,8 milhões de toneladas em 89. O milho atingiria 28,8 milhões de toneladas, com um crescimento de 5 por cento ao ano. O feijão chegaria a 3 milhões de toneladas, crescendo também 5 por cento anualmente. E a soja cresceria apenas 4,7 por cento ao ano, se o mercado comportar tal aumento.

3) O governo pretende, também até 1989, aumentar em 27 por cento a capacidade de armazenagem do país, que é citada sempre com ponto de estrangulamento da produção. Seriam irrigados, no mesmo prazo, mais 1,7 milhão de hectares.

4) Haverá mais recursos para investimentos, que representem melhoria no uso de tecnologia, e por isso o governo aposta no aumento da produção, contando com uma maior produtividade. Também para a reforma agrária haverá mais recursos, triplicando a dotação do Ministério. O governo espera assentar 1 milhão e 400 mil famílias até 1989.

BODIPEL A GARANTIA DAS MELHORES MARCAS.



FILTROS, BICOS INJETORES E BOMBAS INJETORAS.



CORREIAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS, MANGUEIRAS INDUSTRIAIS E HIDRÁULICAS.



TURBO ALIMENTADOR PARA CAMINHÕES, CAMIONETAS E AUTOMÓVEIS.



BOMBAS DIESEL PELOTAS S. A.

Rua Prof. Sarmiento Barata, 52 - Bairro Navegantes - Fone: (0512) 42-2433
Telex (051) 5461 BOBP BR - 90.000 - Porto Alegre - RS - Brasil.
Filial: Rua Mal. Floriano Peixoto, 1508 - Fone: (041) 232-3283
80000 - Curitiba - PR - Brasil

Os balancetes do semestre

Manter o quadro social, os agentes financeiros e fornecedores permanentemente informados. Essa foi a preocupação da direção da Cotrijuí ao tomar a decisão de publicar o balanço das atividades da Cooperativa nesse primeiro semestre de 86. O balanço é uma apresentação em valores relevantes, com base calculatória de apropriação de custos pela retrospectiva histórica dos últimos exercícios. Eventualmente poderá ocorrer algum levantamento físico global dos estoques, com pequenos ajustes que no entanto, no cômputo geral, serão irrelevantes. Maiores explicações referentes aos números dos balancetes poderão ser obtidas junto às Unidades da Cotrijuí.

Os balancetes - Cooperativa e Subsidiárias - ainda sofreram os efeitos da correção monetária ocorrida nos primeiros meses do ano. Mesmo assim, embora os números não sejam definitivos, já aparecem resultados positivos, exceção feita apenas alguns setores, mas que já estão sob controle e recebendo a devida atenção da diretoria administrativa da Cotrijuí.

A Cotrijuí como um todo apresentou resultados positivos - ver quadro abaixo. Apenas as regionais Pioneira e Dom Pedrito ainda se encontram deficitárias. A Pioneira ainda se ressentiu dos altos investimentos feitos no passado, especialmente em subsidiárias e Centrais, provocando-lhes uma certa descapitalização e, conse-

quentemente, altos custos financeiros em busca de capital de giro. Ainda pesa sobre a Pioneira o recebimento de uma safra de soja, da qual até 30 de junho, cerca de 40 por cento não havia sido comercializada. Mas a situação já começa a se reverter e a recuperação total vai depender dos resultados da próxima safra de inverno.

Na regional de Dom Pedrito o resultado negativo é reflexo de todo o custo de recebimento e estocagem de mais de um milhão de sacos de arroz, cuja comercialização está totalmente parada.

No segundo quadro abaixo aparece um balanço das Subsidiárias. Excluindo os reflexos da correção monetária, apenas o IRFA e a

Cotricayman estão apresentando resultados operacionais negativos. O caso do IRFA é bastante peculiar. Como ele tem sua base econômica e operacional alicerçada em campanhas de vacinação anti-aftosa, que acontecem justamente nos meses de agosto, setembro e outubro, vem apresentando, nesse primeiro semestre, uma carga maior de custos, oriundos da produção de vacinas. A expectativa é de que esse prejuízo parcial seja recuperado com a comercialização das vacinas.

Já a Cotricayman é uma subsidiária com suas operações praticamente paradas. O prejuízo apresentado se refere exclusivamente a juros sobre financiamentos pendentes.

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS COTRIJUI - JUNHO-86

EM Cz\$ 1.000

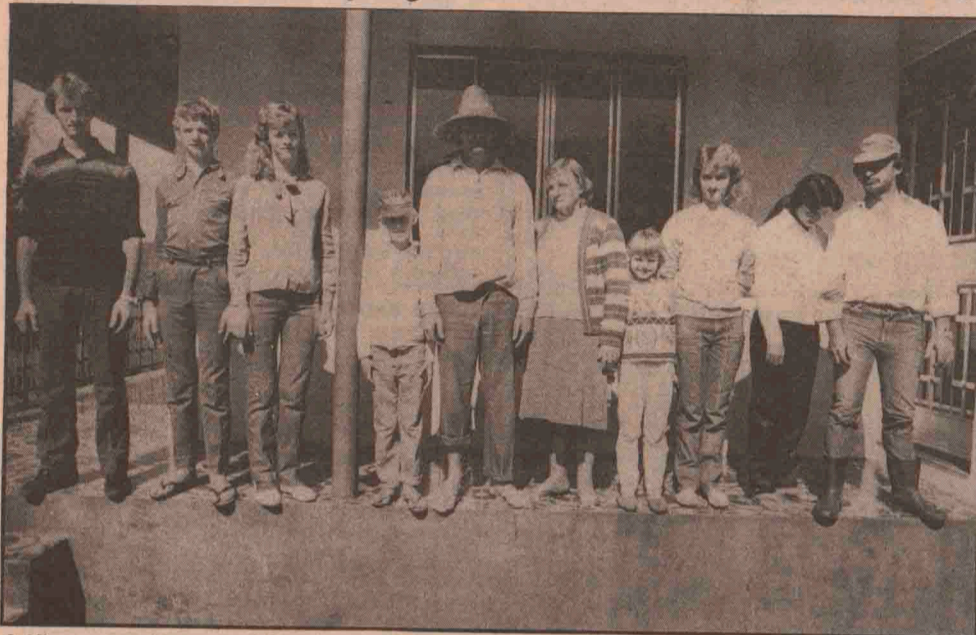
RUBRICAS	COTRIJUI		REGIÃO PIONEIRA		REGIÃO RIO GRANDE		REGIÃO DOM PEDRITO		REGIÃO MATO GROSSO		STAFF	
	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%
ATIVO												
CIRCULANTE	769.749	27,6	304.894	29,6	14.472	2,8	136.493	44,4	308.754	35,9	5.136	1,2
DEPARTAMENTAIS	370	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	368.334	84,8
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	96.589	3,4	27.010	2,6	3.657	0,7	6.969	2,2	21.371	2,5	37.582	8,7
PERMANENTE	1.920.640	68,9	697.433	67,8	505.257	96,5	163.976	53,4	530.898	61,6	23.076	5,3
TOTAL ATIVO	2.787.348	100,0	1.029.337	100,0	523.386	100,0	307.438	100,0	861.023	100,0	434.128	100,0
PASSIVO												
CIRCULANTE	919.803	33,1	379.914	36,9	10.040	1,9	138.437	45,0	266.102	30,9	125.310	28,9
DEPARTAMENTAIS	-	-	177.836	17,3	26.342	5,0	57.411	18,7	106.376	12,4	-	-
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	204.335	7,3	3.003	0,3	92	0,1	5.299	1,7	4.872	0,5	191.068	44,0
RECEITAS DO EXERC. SEGUINTE	37.582	1,3	-	-	-	-	-	-	-	-	37.582	8,6
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	1.625.628	58,3	468.584	45,5	486.912	93,0	106.291	34,6	483.673	56,2	80.168	18,5
TOTAL PASSIVO	2.787.348	100,0	1.029.337	100,0	523.386	100,0	307.438	100,0	861.023	100,0	434.128	100,0
DEMONSTR. DE RESULTADO												
REC. VENDAS/SERV. TERMINAL	1.177.997	100,0	488.000	100,0	31.773	100,0	120.672	100,0	537.044	100,0	508	100,0
(-) CUSTO VENDAS/SERV.	982.550	83,4	410.296	84,0	26.115	82,2	94.496	78,3	451.219	84,0	424	83,4
RESULTADO BRUTO	195.447	16,6	77.704	16,0	5.658	17,8	26.176	21,7	85.825	16,0	84	16,6
(+) OUTRAS RECEITAS	30.837	2,6	13.656	2,8	544	1,7	3.858	3,2	12.715	2,3	65	12,8
(-) DESPESAS GERAIS	195.442	16,6	83.144	17,0	952	3,0	28.111	23,3	78.350	14,5	4.885	961,6
(-) ENC. FINANC. LIQ.	11.890	1,0	28.902	5,9	3.551	11,2	3.903	3,2	1.468	0,3	(25.934)	5.105,1
RESULT. OPERAC.	18.952	1,6	(20.686)	(4,1)	1.699	5,3	(1.980)	(1,6)	18.772	3,5	21.198	4.172,9

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS EMPRESAS SUBSIDIÁRIAS - JUNHO-86

RUBRICAS	COTRICIA		IRFA		COTRIDATA		BOM PASTOR		TRANSCOOPER		COTRISEGURO		COTRICAYMAN	
	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Us\$	%
ATIVO														
CIRCULANTE	29.638	41,1	17.896	39,5	3.652	56,2	2.323	34,9	2.204	48,7	381	76,2	2.195	53,6
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	21.069	29,2	9.235	20,4	-	-	-	-	24	0,5	-	-	1.901	46,4
PERMANENTE	21.396	29,7	18.168	40,1	2.848	43,8	4.341	65,1	2.296	50,8	119	23,8	-	-
TOTAL ATIVO	72.103	100,0	45.299	100,0	6.500	100,0	6.664	100,0	4.524	100,0	500	100,0	4.096	100,0
PASSIVO														
CIRCULANTE	30.226	41,9	4.693	10,4	1.500	23,1	671	10,1	881	19,5	83	16,6	6.732	164,3
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	50.900	73,2	19.278	42,6	18	0,3	172	2,5	103	2,3	-	-	-	-
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	(9.023)	(15,1)	21.328	47,0	4.982	76,6	5.821	87,4	3.540	78,2	417	83,4	(2.636)	(64,3)
TOTAL PASSIVO	72.103	100,0	45.299	100,0	6.500	100,0	6.664	100,0	4.524	100,0	500	100,0	4.096	100,0
DEMONSTR. DE RESULTADO														
REC. VENDAS/SERVIÇOS	34.137	100,0	10.202	100,0	7.657	100,0	3.172	100,0	21.613	100,0	698	100,0	2.024	100,0
(-) CUSTO VENDAS/SERVIÇOS	31.425	92,0	4.803	47,0	5.787	75,6	725	22,8	19.044	88,1	445	63,7	2.014	99,5
RESULTADO BRUTO	2.712	8,0	5.399	53,0	1.870	24,4	2.447	77,2	2.569	11,9	253	36,3	10	0,5
(+) OUTRAS RECEITAS	375	1,0	1.503	14,7	527	6,8	191	6,0	146	0,7	21	3,0	6	0,3
(-) DESPESAS GERAIS	3.639	10,6	4.738	46,4	1.065	13,9	2.470	77,9	1.583	7,3	2	0,2	1	-
(-) ENC. FINANC. LIQ.	+2.123	6,2	3.480	34,1	35	0,4	9	0,2	85	0,4	1	0,1	307	15,1
RESULTADO OPERAC.	1.571	4,6	(1.316)	(12,8)	1.297	16,9	159	5,1	1.047	4,9	271	39,0	(292)	(14,3)
(-) PROV. IMP. DE RENDA	-	-	-	-	279	3,6	-	-	-	-	-	-	-	-
CORREÇÃO MONETÁRIA	(2.972)	(8,7)	(1.425)	(14,0)	(499)	(6,5)	-	-	(392)	(1,8)	(15)	2,0	-	-
RÉDITO	(1.401)	(4,1)	(2.741)	(26,8)	519	6,8	159	5,1	655	3,1	256	37,0	(292)	(14,3)

Medo do quê?

Produtores já ignoram o lero-lero em torno da "ameaça comunista"



Adão e a família: as multinacionais não podem ser donas de terras no Brasil

No dia 25 de julho, seu Alexandre Estopilha pegou o ônibus fretado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta, e se mandou para Ijuí. Na Praça da República, ele e três dos sete filhos — Joel Antonio, Adroaldo e Clodoaldo — se misturaram ao público de mais de mil pessoas, num ato pela reforma agrária. Seu Alexandre tem 60 anos e é proprietário de 69 hectares, na Linha Maurício Cardoso, em Chiapetta. Aos que lhe perguntavam o que estaria fazendo ali, com tanta idade e razoável quantidade de terra, ele respondia: "Estou aqui pelos meus filhos".

Seu Alexandre é bem um exemplo dos agricultores da zona da soja que começam a se engajar à luta pela reforma agrária, numa região de minifúndio onde campeou solta uma história que metia medo. Contava-se muito, umas três décadas atrás, que a reforma agrária viria para tomar as terras de grandes e pequenos. "Se dizia que a reforma era coisa de comunista, e até os padres espalhavam isso", lembra seu Alexandre, esclarecendo logo: "Mas eu nunca dei bola p'essa conversa".

A verdade é que a conversa nunca foi deixada de lado, e é retomada agora pela tal de TFP (Tradição, Família e Propriedade), uma organização de direita com ramificações no mundo todo. A TFP, que retornou à região (veja no quadro ao lado) quer a volta da monarquia ao Brasil, combate todo e qualquer avanço da sociedade, defende a concentração da propriedade e da renda e espalha o terror entre os menos informados. Ela está por trás de muita coisa que se diz hoje no país, especialmente contra a reforma agrária.

REBENQUE

Se aparecessem na casa de seu Alexandre, os homens da TFP iriam levar um corridão. "Pra mim — diz ele — comunismo é o que existe hoje, pois quem tem alguma coisa não tem nada". O agricultor explicou, ali na praça, enquanto alisava a longa barba branca, por que está ao lado dos sem-terra: "Eu sofri muito para ter um pedaço, e agora os pequenos não podem mais comprar uma área, por menor que seja. Os meus filhos não podem".

Seu Alexandre já se convenceu de que há terra aqui mesmo, no Rio Grande do Sul. "Desde piá eu ouço falar de reforma agrária, e até hoje ele não saiu. Mas vai sair, de qualquer jeito", garante ele. O agricultor diz mais: "Os fazendeiros vão ter que apoiar a reforma, ou eles entram pro rebenque. Todo mundo sabe que, se ela não sair, vai fechar o tempo".

AQUI MESMO

No distrito de Povoado Santana, em

Ijuí, outro agricultor pensa quase a mesma coisa. É Adão Schultz, proprietário de 54 hectares, que até hoje se surpreende ao ver gente com menos terra do que ele falando mal da reforma. "A reforma pode sair aqui mesmo, no Rio Grande do Sul, onde há muita terra desaproveitada. Se não sair, eu nem sei o que pode acontecer", diz Adão, que prevê "invasões e até quem sabe uma revolta do povo".

Ele tem 8 filhos (5 homens, dois deles casados, e duas mulheres), e somente um não mora com a família. José, Sérgio e Paulo pertencem a um conjunto de música regionalista, o "Coração Gaúcho", mas se engana quem pensa que os rapazes gostam apenas de gaita e violão. Pegam firme na lavoura, onde os Schultz plantam de tudo um pouco, e nos fins de semana animam festas e bailes. "Mas antes de abandonarem a agricultura, eles largariam a música", garante Adão.

Para o agricultor, não há dúvida sobre quem tenta meter medo nos pequenos e médios produtores. "São os grandes que dizem: cuidado que vocês vão perder a pouca terra que têm". Atrás dos grandes, ele sabe que existem coisas bem organizadas

e fortes interesses, inclusive das multinacionais — que possuem latifúndios no Brasil. "Fiquei sabendo que os estrangeiros são donos de grandes áreas, e não acho que isso seja certo. Estas terras deveriam ser dos brasileiros".

Adão tem, na própria família, um caso que serve de exemplo de que o agricultor não deve ter a ilusão de abandonar a terra e morar na cidade. Seu irmão, Francisco, vendeu a área em que morava em Povoado Santana, há dois anos, e foi pra Ijuí trabalhar como mecânico. Ficou meio ano na cidade e retornou à lavoura. Por sorte, ainda tinha dinheiro guardado para comprar outro pedaço, de 22 hectares, onde mora hoje em Catufpe. Adão relembra a aventura do irmão e comenta: "Muitos dizem que não adianta dar terra para os pobres, que eles não vão trabalhar. Mas o que falta é apoio para o pequeno continuar".

UMA JANELA

Tirando proveito da desinformação, os articuladores da contra-reforma saem a campo. E o discurso conservador é facilitado "por causa dos 20 anos de autoritarismo", como lembra Luís Fernando Löw, proprietário — junto com três irmãs — de 235 hectares em Vila Turvo, município de Campo Novo. Ele é engenheiro civil e há dois anos e meio — quatro anos depois de concluir a faculdade — decidiu cuidar da parte da área herdada do pai, Wolfgang Löw.



Luís Fernando, Mara e os filhos: a reforma tem função social



Alexandre: lutando pelos filhos

"Na cidade, valorizei ainda mais o meio rural, e voltar para o campo foi, para mim, como abrir uma janela", conta Luís Fernando, que havia deixado Campo Novo aos 19 anos e hoje está com 36. "O Brasil — diz ele — vive um momento de maturidade, e nós precisamos aproveitar este momento." Para ele, a reforma agrária deve ser vista dentro de um conjunto de medidas que deverão modernizar o país, "cumprindo uma função social e econômica".

Luís Fernando construiu uma casa na área e mora ali com a mulher, Mara, e os filhos pequenos Frederico, Débora e Patrícia. A terra estava arrendada e era mal aproveitada. Ele quer reduzir a área destinada à soja, diversificar a produção, criar gado, implantar erva-mate e dar ocupação, com uma lavoura de arroz, a uma várzea de 25 hectares. "Os projetos são apoiados na recuperação do solo, com o uso mínimo de máquinas e, principalmente, toda a atenção à ecologia", diz ele.

No ano passado, Luís Fernando quase seguiu o exemplo do irmão, Adalberto, que vendeu a parte da herança e foi ocupar mil hectares no Maranhão. No fim, decidiu ficar, e não se arrepende: "Pela primeira vez estou vendo uma luzinha. Acho que, depois de muito sofrimento, o país está andando no rumo certo".

Os homens da TFP reaparecem

Dois representantes da TFP (Tradição, Família e Propriedade) gastaram à toa tempo e saliva, no final de junho, ao conversarem com Luís Ottonelli, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ajuricaba. Eles vieram de São Paulo e apareceram no sindicato de terno e gravata e com a mesma história de sempre: a reforma agrária é coisa dos bispos e dos comunistas. E tentaram convencer Ottonelli de que a reforma não dará certo, pois são poucos os agricultores com capacidade empresarial para continuar na atividade. Nesse raciocínio, os pequenos proprietários deveriam se transformar em empregados de grandes empresas rurais.

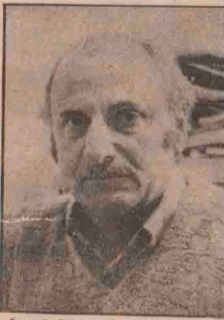
"Eu não consegui levar a conversa a sério", lembra Ottonelli, que chegou a ser convidado pelos homens a contribuir mensalmente com 200 cruzados para o TFP. O presidente do sindicato estranha que a organização continue a falar da reforma agrária como sendo "ameaça comunista", pois está convencido de que este papo já não assusta os pequenos produtores. "Está havendo um avanço da consciência do pequeno proprietário, que entende a situação do sem-terra a partir dos problemas que ele

mesmo enfrenta para se manter na agricultura", diz Ottonelli.

UMA PIADA

O Sindicato de Ajuricaba mantém uma Comissão Municipal dos Sem-Terra, divulga boletins periódicos sobre o assunto e vai aos poucos esclarecendo a questão. É assim que o minifundiário, segundo ele, poderá compreender a importância da reforma. "Com os assentamentos, o governo terá que apoiar a pequena propriedade, para que os programas não fracassem, e isso irá favorecer a todos", observa Ottonelli.

Esta também é a opinião de José



José Barassuol



Luís Ottonelli

Barassuol, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Catufpe. "O pequeno — diz ele — sabe que a reforma é a saída para seus filhos, que não encontram emprego nas cidades e desejam mesmo é ficar na terra". Barassuol também foi procurado, no final de julho, pelos dois emissários da TFP, mas não estava no sindicato. "Hoje — observa o presidente do STR — falar para o pequeno agricultor que reforma agrária é coisa de comunista soa como piada".

Em Catufpe, a Comissão dos Sem-Terra tem a participação de minifundiários, e estes já sabem, por exemplo, "quem não quer a reforma, e que há entre senadores e deputados muitos latifundiários". Segundo Barassuol, os agricultores põem em dúvida até mesmo "a disposição do governo de realizar realmente a reforma". Ele também ressalta que o êxito da mudança na estrutura fundiária dependerá de uma política diferenciada para o pequeno produtor. E completa: "Hoje, os médios proprietários estão percebendo que ficará impossível conviver numa sociedade com um número ainda maior de marginalizados".

Hora de cobrar

Políticos fogem do debate com os sem-terra

Os políticos com mandato, que tantas vezes tentaram falar aos sem-terra e não conseguiram, tiveram apenas dois representantes no debate do dia 25 de julho, em Ijuí. Mais de mil pessoas foram ao anfiteatro da Praça da República — no Dia do Colono — para um ato público pela reforma agrária, que já previa uma sabatina para os políticos. Mas apareceram somente os deputados federais Erani Müller, do PMDB, e Amaury Müller, do PDT. O Inbra esteve representado pelo coordenador no Estado, Egydio Schlabit.

A concentração dos sem-terra foi organizada pela regional da Fetag, e Movimento dos sem-terra e trouxe delegações dos 11 municípios por ela abrangidos. Desde cedo os agricultores começaram a chegar à praça, com faixas e cartazes, mas os discursos só foram iniciados depois das 10 horas. Carlos Karlinski, o coordenador da regional, abriu o encontro explicando por que "Os descendentes dos imigrantes não mais têm motivo para fazer festa no Dia do Colono".

"Nós estamos — disse ele — num país com 850 milhões de hectares de terra, que possui mais de 500 milhões de hectares que podem ser aproveitados para a agricultura. Mas, destes, apenas 50 milhões são usados, enquanto temos 10 milhões e 600 mil famílias de sem-terra, que é o maior contingente do mundo".

DISCURSOS E VERSOS

Logo depois, os representantes de cada um dos municípios passaram a dar seus recados, enquanto os discursos eram intercalados com homens, mulheres e crianças cantando e tocando violão. No tom dos pronunciamentos e das músicas, as mesmas queixas: o atraso na implantação da reforma agrária, o boicote exercido pelos latifundiários, através principalmente da UDR, e a falta de apoio do governo aos pequenos proprietários. Getúlio Fernandes Aguiar, agregado de uma granja de Ajuricaba e fundador da comissão dos sem-terra no município, foi um dos principais animadores da concentração. Ele levou os fi-

lhos Ana, Claudiomiro e Clarice para cantarem junto músicas que falam da reforma agrária e reclamar: "O sem-terra não é gente vagabunda, como andam dizendo".

A Igreja, por sua vez, mandou três representantes à praça: o pastor Valdemar Lückmeyer, de Panambi, que falou em nome dos evangélicos de confissão luterana; o padre José Jungblut, de Cruz Alta, como emissário do bispo Dom Jacó Hilgert; e o frei Bruno, da Matriz de São Geraldo, de Ijuí. No meio do público, formado em sua maioria por sem-terra e pequenos produtores, havia também — com faixas, cartazes e bandeiras — militantes do PT (Partido dos Trabalhadores) PC do B (Partido Comunista do Brasil) e PCB (Partido Comunista Brasileiro).

À tarde, quando o espaço seria destinado aos políticos, esses militantes reagiram a uma decisão dos sem-terra, conhecida com antecedência: só políticos com mandato federal (deputado ou senador) poderiam falar, sendo um representante por partido. Nenhum dos três partidos possui até agora representantes gaúchos no Congresso. O candidato do PT do Rio Grande do Sul ao Senado, Dinarte Belato, que é ijuense, foi à praça, acompanhou os debates, mas não pôde abrir a boca.

REPÚDIO

O PDS e o PFL, que poderiam ter designado alguém para falar, preferiram ficar fora e mereceram vaias, quando o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ajuricaba, Luís Otonelli, pediu "um voto de repúdio contra os partidos que não mandaram representantes e provaram que são contrários à reforma agrária". Na mesa, estavam apenas os irmãos Erani e Amaury Müller, que ouviram uma saraivada de perguntas e também não escaparam, em alguns momentos, das vaias do público.

Amaury criticou o governo, que estaria "comprometido com os grupos estrangeiros e os latifundiários"; lamentou a meta de assentar apenas 3.800 famílias no Estado este ano, enquanto são mais de 150



Só os políticos com mandato federal podiam falar. Apenas dois apareceram na praça

mil as famílias sem-terra; e condenou inclusive os empréstimos compulsórios para viagens ao exterior, combustíveis e automóveis. "Reforma agrária é terra, e o resto é demagogia", disse o deputado do PDT.

Erani Müller lembrou que foi coordenador do Inbra no Estado, durante apenas 27 dias, quando teve de deixar o cargo por defender a utilização de terras do Exército para assentamentos. "Essas terras são, em muitos casos, arrendadas a latifundiários", disse o deputado do PMDB, que continua a defender a mesma idéia. Erani também aconselhou os sem-terra a continuarem com as "ocupações pacíficas", por entender que esta é uma forma de pressão contra o governo.

AQUI MESMO

O coordenador do Inbra, Egydio Schlabit, igualmente não escapou das vaias, quando fez rodeios para explicar sua falta de autonomia para determinar desapropriações. "Eu posso definir as áreas a serem desapropriadas, mas a desapropriação depende de Brasília", disse ele, solicitando aos sem-terra que indiquem ao Inbra as terras ociosas da região. Schlabit afirmou que "a reforma agrária é lenta porque será feita no Rio Grande do Sul, para que os gaúchos fiquem aqui mesmo".

No final do encontro, os sem-terra aprovaram um documento a ser encaminhado às autoridades. Eles pedem, entre outras coisas, o imediato assentamento dos



Getúlio, com Ana, Claudiomiro e Clarice

acampados da Annoni; implantação do plano regional; assentamento de 50 famílias de cada município da região até setembro deste ano; assentamento de todos os sem-terra organizados da região até 1989; cobrança dos impostos devidos pelos latifundiários; que o Congresso aprove emenda constitucional impedindo os recursos à Justiça, por parte dos proprietários com terras desapropriadas; e implantação de uma política agrícola de apoio ao pequeno agricultor.

Lubrificação de Máquinas Agrícolas

Aqui estão os óleos do seu dia-a-dia.



Shell Rimula CT

É o mais recomendado para motores diesel turbinado ou de aspiração normal que operam em condições extremamente severas. Modernos aditivos detergente-dispersantes reduzem ao mínimo a formação de lacas e vernizes nos êmbolos, cilindros, válvulas e a colagem dos anéis. Por sua vez, os poderosos aditivos antioxidantes do Rimula CT praticamente eliminam ou reduzem ao mínimo a formação e o depósito de lacas e borras resultantes da oxidação do lubrificante e do combustível.

Shell Spirax

Óleo lubrificante para engrenagens tipo hipóide. É recomendado para caixas diferenciais, caixas de redução, de câmbio, caixas de direção e juntas universais.

Proteção contra a corrosão e umidade.

Spirax HD oferece proteção adequada contra a corrosão das engrenagens e outros componentes de eixos sujeitos à ação prejudicial da umidade. Apresentam também excepcional resistência à deterioração por uso prolongado.

Shell Tellus 68

Óleo lubrificante para sistemas hidráulicos. É fabricado com básicos parafínicos altamente refinados e contém aditivos antioxidantes, antiferrugem, antidesgaste e antiespuma.



Você pode confiar

Um passo atrás

Governo desapropria, provoca reações e ameaça recuar

A firmeza que o governo pretendia demonstrar, no início da etapa de desapropriações de terras para reforma agrária, começa a ficar comprometida. A segunda leva de desapropriações, anunciada no dia 27 de julho pelo ministro Dante de Oliveira, provocou um enorme alvoroço. O Inbra incluiu no lote 45 áreas de vários Estados, com 189 mil hectares, sendo sete delas — com um total de 9.160 hectares — no Rio Grande do Sul. A Farsul puxou os protestos contra a decisão do governo, e já demonstrou que está ganhando a parada. O Palácio do Planalto promete rever as desapropriações, que devem ficar por um bom tempo em ponto morto.

Quando anunciou o primeiro lote de áreas desapropriadas, no dia 23 de junho, o governo ouviu reações contrárias, mas não como desta vez. Os protestos dos grandes proprietários rurais se basearam agora em dois "equivocos" que teriam sido cometidos, com a inclusão da Fazenda São Felipe do Bacaraí, com 2.245 hectares desapropriados, e Granja Sossego, com 426 hectares. As duas áreas — segundo a entidade — são empresas rurais com bons índices de produtividade.

PREMIAÇÃO

Cruz Alta teve outras três áreas desapropriadas, sendo que as cinco áreas totalizam 4.755 hectares. Pedro Nunes da Silva, o proprietário da Granja Sossego, apareceu chorando na televisão, para lembrar que em 1969 já havia perdido suas terras quando da construção da Barragem do Passo Real. E Angélica de Fátima Moraes de Abreu, dona da Fazenda São Felipe, chegou a citar — como exemplo de que a terra tem produção e qualidade — a premiação de animais da sua propriedade na Expointer.

Foi o caso de Pedro Nunes da Silva, no entanto, o que mais ajudou os argumentos contra as desapropriações. Segundo a Farsul, o governo estaria, ao desapropriar uma propriedade média, pondo em risco todas as demais áreas desse porte no Estado. O Inbra respondeu logo. Na verdade, Pedro Nunes seria proprietário de 1.556 hectares, e a área desapropriada abrangia apenas 27,40 por cento do total. O Inbra também garante que tanto a Sossego como a São Felipe (que teve apenas 38,94 por cento da área desapropriados) conservavam essas parcelas improdutivas.

QUEREM MAIS

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra não acompanhou de longe essa lengalenga. Um dia depois do anúncio das desapropriações, mais de 50 acampados da Fazenda Annoni — que desde 23 de junho estão instalados na Assembleia Legislativa — invadiram a sede do Inbra, em Porto Alegre. Dali, eles mandaram um recado a Brasília, pedindo a presença do ministro Dante de Oliveira e do presidente do Inbra, Ruben Ilgenfritz da Silva. No dia seguinte, os dois estavam na capital, onde ouviram uma queixa: as áreas desapropriadas até agora representam muito pouco para as 1.500 famílias da Annoni, que exigem 32 mil hectares.

Os sem-terra também pediram o afastamento do coordenador do Inbra do cargo, mas não conseguiram convencer Dante e Ruben de que Egdio Schlabititz deve sair. "Não podemos prometer aquilo que não podemos cumprir", disse o ministro aos líderes dos acampados. Ruben repetiu mais ou menos a mesma coisa: "Não estamos aqui para criar falsas expectativas". De Porto Alegre, os dois seguiram a Campo Grande, onde instalaram, no dia 30, a comissão agrária do Estado. No Mato Grosso do Sul, foram desapropriadas cinco áreas, e a queixa é de

que elas precisam de grandes investimentos para se tornarem produtivas.

RECUANDO

Depois dos protestos das lideranças dos grandes proprietários, da tentativa dos sem-terra de exercerem maior pressão e da peregrinação de Dante e Ruben, ficaram algumas conclusões. A Farsul conseguiu não só suspender, por algum tempo, novas desapropriações, como teve acesso até mesmo informações sigilosas do governo. A imprensa noticiou que a entidade conhecia, com antecedência, a decisão do governo de desapropriar mais uma área, em Santiago.

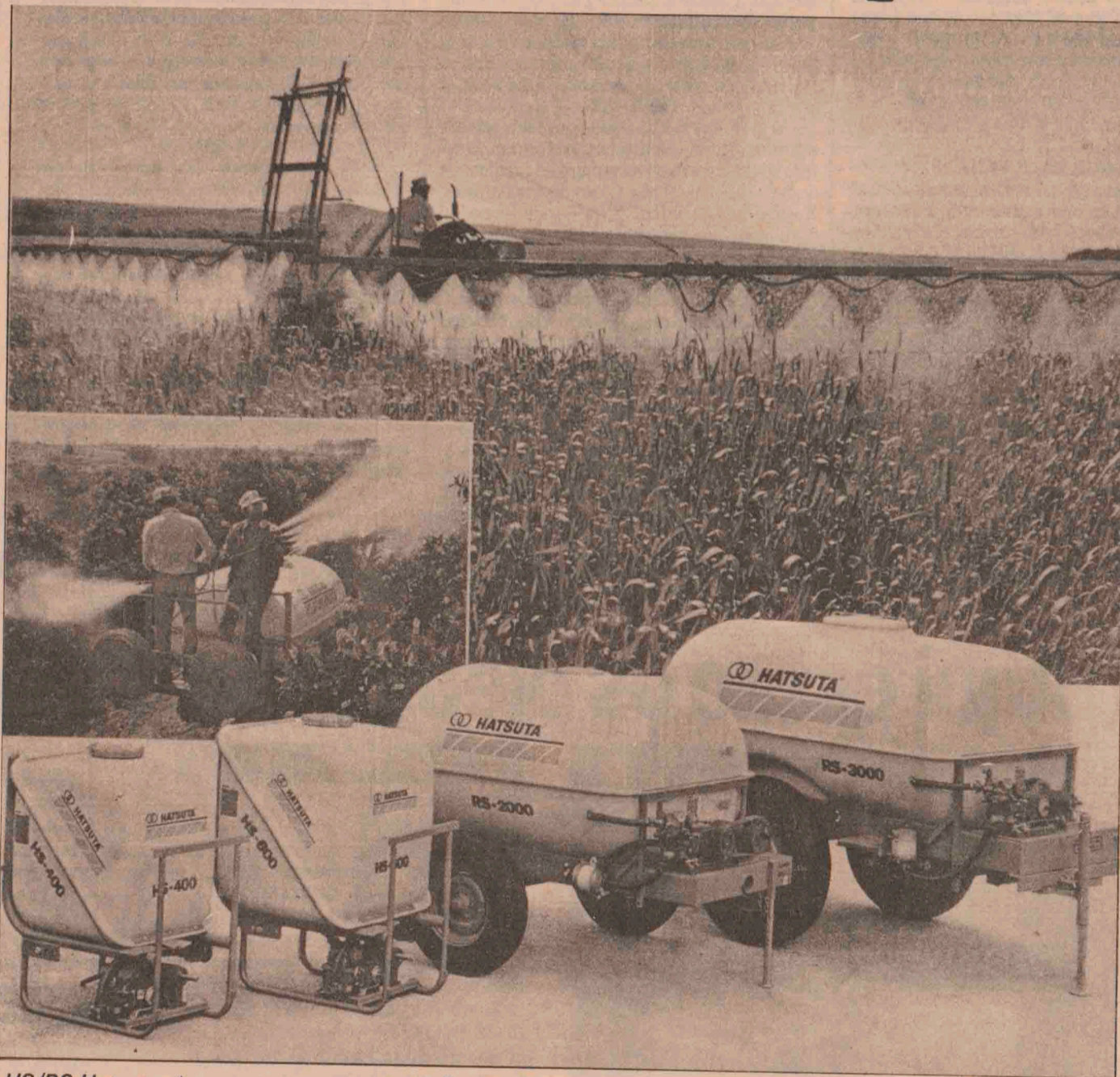
Ari Marimon, o presidente da Federação, anunciou no dia 1º de agosto que, após contato com o ministro Paulo Brossard, da Justiça, as desapropriações estavam suspensas. Além disso, o Inbra teria que rever as desapropriações das duas áreas de Cruz Alta. Enquanto isso, os acampados que estavam há mais de mês na Assembleia Legislativa — sem



Acampados da Annoni continuam exigindo 32 mil hectares

contar, há muito tempo, com alimentos fornecidos pela Casa — não sabiam nem mesmo se poderiam continuar ali.

A NOVA GERAÇÃO



HS/RS Hatsuta. Apresentamos a nova geração da mais consagrada linha de pulverizadores tratorizados do mercado. Super-versáteis, foram especialmente desenvolvidos para atender todas as necessidades no combate às pragas da nossa agricultura. Proporcionam um alto rendimento, com mais hectare/hora, menor consumo de combustível do trator e perfeita cobertura dos defensivos agrícolas. Em vários modelos, com a qualidade dos produtos Hatsuta.

Venda direta da fábrica ao consumidor nas

HATSUTA®

LOJAS

COTRIJUI

O custo de plantar o feijão, o milho e a soja

Um levantamento dos custos de produção para a próxima safra de verão

Afastado o fantasma da correção monetária e pronta a lavoura de trigo que neste inverno, só na área de ação da Cotrijuf, Região Pioneira, apresentou um crescimento de 61 por cento em relação à área plantada na safra anterior, resta agora aos produtores esperar pela colheita e pela fixação dos custeios para as lavouras de verão. Passado o primeiro impacto do pacote econômico, os produtores esperam agora que o governo não dê tantos tropeços na hora de estipular os VBCs das lavouras de soja, milho e feijão. Eles esperam menos indecisão e maior atenção a um setor que é chamado de prioritário, mas que nem mesmo com a implantação das reformas econômicas, ganhou uma política definida. Mas enquanto os VBCs não saem e a expectativa cresce, os produtores vão fazendo as contas para saber, por exemplo, o quanto terão de gastar para fazer um hectare de soja, já que agora o preço dos insumos, do óleo diesel, os salários, dos fertilizantes e das máquinas estão congelados.

De acordo com os cálculos do Luís Juliãni, os produtores vão necessitar de Cz\$ 5.255,24 para plantar apenas um hectare de soja. O Juliãni é responsável pela área de custos da Coordenadoria Agrotécnica da Cotrijuf na Regional Pioneira e todos os anos, nesta mesma época, elabora os custos de produção das lavouras de soja, milho e feijão. Ele também está fazendo uma previsão dos VBCs necessários para o plantio destas culturas.

Os custos financeiros, que nos últimos anos vinham representando o item de maior peso no total dos custos, estão agora deixando de alarmar os produtores. No caso da soja, eles estão representando 4,88 por cento do custo total, enquanto na safra anterior representava 51,11 por cento.

O CUSTO DE UM SACO DE PRODUTO

Considerando esses Cz\$ 5.255,24 para a formação de um hectare de soja e uma produtividade média de 30 sacos por hectare, o custo de produção de apenas um saco de produto será de Cz\$ 175,17. Mas como o Estatuto da Terra estabelece uma lucratividade em clima de produção de 30 por cento, esse saco de soja teria de ser comercializado por um preço igual a Cz\$ 189,55.

O custo de Implantação de um hectare de milho deverá ficar ao redor de Cz\$ 5.604,07. O acréscimo em relação ao custo levantado no ano passado, nessa mesma época é de 0,66 por cento. Na safra anterior o custo estimado pela Cotrijuf, para o plantio de um hectare de milho, ficou em Cz\$ 5.567,304. Se o produtor considerar uma produtividade média de 55 sacos por hectare, o custo de produção de um saco de milho será de Cz\$ 101,89. Para obter algum lucro, esse mesmo saco deveria ser comercializado ao preço de Cz\$ 110,83.

O produtor que quiser plantar feijão deverá gastar qualquer coisa ao redor de Cz\$ 6.774,72, na formação de um hectare de planta. No ano passado, considerando os mesmos cálculos feitos pelo assistente agrotécnico, o custo ficou em Cz\$ 5.577,131. O custo levantado nesse ano representa, portanto, um acréscimo de 21,47 por cento em relação aos números de 85. O custo por saco, considerando uma produtividade média de 17 sacos por

hectare, será de Cz\$ 398,51.

Como tem feito em todos os estudos sobre custos, o Luís Juliãni considerou dois itens: o dos custos variáveis e o dos custos fixos. São considerados custos variáveis os gastos com máquinas, equipamentos — conservação, reparos, combustíveis, filtros, etc. —; construções, insumos, sementes, fertilizantes, agrotóxicos, transportes, IAPAS, despesas financeiras e Proagro. Os custos variáveis representam o desembolso direto do produtor na hora do plantio. Como custos fixos aparecem as depreciações e seguros das máquinas e implementos, o Imposto Territorial Rural, a remuneração da terra, melhoramentos do solo.

De um custo total de Cz\$ 5.255,24, caso da soja, Cz\$ 3.003,39 dizem respeito às despesas variáveis e Cz\$ 2.251,85 às despesas fixas. Só as despesas variáveis correspondem a 57,15 por cento do custo total enquanto as despesas fixas representam 48,85 por cento. Se fosse considerar apenas as despesas variáveis, o custo de um saco de soja seria de Cz\$ 100,12. As despesas financeiras, que em anos anteriores representavam o item de maior peso no total dos custos, correspondem agora, que não existe mais a correção monetária, a apenas 4,88 por cento. O item de maior peso agora é o referente às máquinas e implementos, com 24,91 por cento do custo total.

No caso do milho os custos variáveis chegam a Cz\$ 3.163,59, correspondendo a 56,45 por cento do total dos custos. As despesas financeiras ficam em 4,78 por cento, contra 52 por cento do custo estimado no ano passado. Nos custos elaborados para o feijão, as despesas variáveis ficam em Cz\$ 4.054,24, representando 59,84 por cento do total dos custos.

Na elaboração dos custos de produção, o Luís Juliãni baseou-se numa propriedade de 50 hectares, que é a representativa da região para a exploração destas culturas. Como faz todos os anos, ele rateou os custos, considerando para tanto as horas trabalhadas na implantação de cada cultura. Os coeficientes técnicos — tempo gasto nas operações agrícolas — tiveram como base trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuf e em propriedades de produtores da região. Os preços das máquinas, insumos e implementos foram de acordo com o tabelamento do governo.

OS VBCs NECESSÁRIOS

O Valor Básico de Custeio necessário estimado pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuf para a lavoura de soja, considerando portanto, os custos de produção, deveria ficar ao redor dos Cz\$ 2.976,29 por hectare, 101,78 por cento superior ao custeio liberado pelo governo na safra anterior. A soja teve, em 85, um VBC oficial de Cz\$ 1.475,00 para a faixa de produtividade de 1.751 a 2.000 quilos por hectare. Para o milho o VBC necessário deveria ficar em Cz\$ 3.034,85. Em comparação com o custeio liberado em 85, isto representa 104,37 por cento a mais. Para a cultura do feijão, o custeio deveria chegar a Cz\$ 4.143,83, 194,31 por cento superior ao VBC liberado na última safra para a faixa de produtividade da região, que fica entre 801 a 1.000 quilos por hectare.



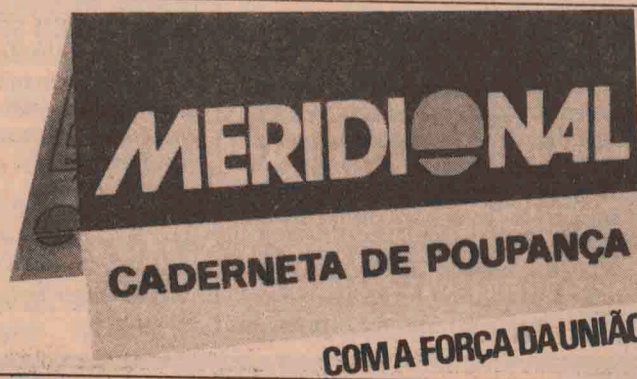
Para plantar um hectare de soja, o produtor vai necessitar de um VBC no valor de Cz\$ 2.976,29. Para o plantio da lavoura de milho o custeio terá de ficar em Cz\$ 3.034,85.

Demonstrativo do custo de produção da cultura da soja — Safra 86/87

CUSTOS	Junho/86	%
1. Variáveis		
1.1. Máquinas e Implementos,		
— Conservação e reparos	1.309,07	24,91
— Comb./Lubrif./Filtros	230,85	4,39
1.2 Construções		
— Conservação e reparos	50,29	0,96
1.3 Insumos		
— Semente	368,00	7,00
— Fertilizantes	373,50	7,11
— Agrotóxicos	178,69	3,40
1.4 Transporte	95,88	1,82
1.5 IAPAS	94,50	1,80
1.6 Financeiro	256,45	4,88
1.7 Proagro	46,16	0,88
SUB TOTAL	3.003,39	57,15
2. Fixos		
2.1 Máquinas e Implementos		
— Depreciação	448,57	8,54
— Seguro	15,01	0,29
2.2 Construções		
— Depreciação	31,58	0,60
2.3 ITR	18,00	0,34
2.4 Mão-de-obra	516,18	9,82
2.5 Outros		
— Remuneração da terra	756,00	14,38
— Custo de Oportunidade	30,52	0,58
2.6 Melhoramento	435,99	8,30
SUB TOTAL	2.251,85	42,85
TOTAL	5.225,24	100
Custo de produção por saco de 60 quilos — Cz\$ 175,17		

SEGURANÇA TOTAL? POUPANÇA MERIDIONAL.

ABRINDO UMA CADERNETA DE POUPANÇA MERIDIONAL, VOCÊ ABRE CAMINHO PRA MUITA SEGURANÇA E TRANQUILIDADE. A POUPANÇA MERIDIONAL TEM A GARANTIA DO BANCO QUE TEM A FORÇA DA UNIÃO.



Uma proposta engavetada

Crédito Integral, sugerido em 1982, é idéia que pode agora ser retomada

As entidades que começam a se engajar à luta em defesa de um novo modelo de produção, especialmente para a pequena e média propriedade, não ficarão de mãos vazias para levar a idéia adiante. Além das propostas que, com muito custo, foram aos poucos colocadas em prática, há muitas outras guardadas nas gavetas. Uma delas foi elaborada em 1982, pela Cotrijuí: é o Programa de Crédito Integral, que não saiu do papel por falta de apoio. Hoje, as sugestões contidas no trabalho podem ser retomadas, desde que mereçam a atenção que não tiveram há quatro anos.

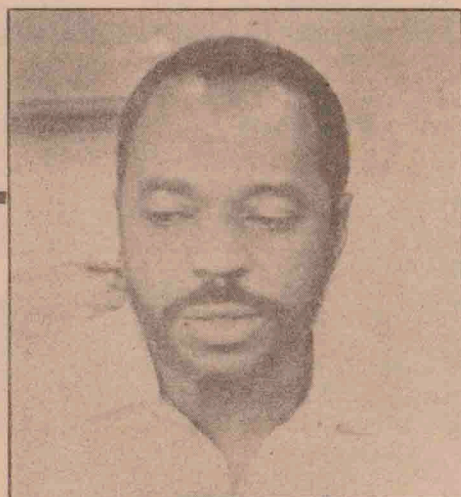
O Programa de Crédito Integral foi elaborado pelas diretorias Técnica e Financeira da Cooperativa, e pretendia contar com o apoio de várias entidades. O Procrei — como passou a ser chamado — partia da constatação de que o modelo de agricultura, principalmente nas zonas produtoras de soja e trigo, estava esgotado há muito tempo. E sugeria saídas a partir de medidas que dependeriam de apoio da área econômica do governo, para a concretização de um novo sistema de liberação de crédito para custeios e investimentos.

Através do Procrei, os produtores



A diversificação, apoiada nos trabalhos do CTC (foto), sempre esbarrou no modelo de concessão do crédito

passariam a receber os recursos levando em conta a propriedade como um todo, e não atividades isoladas. O objetivo fundamental era o de oportunizar condições para que a pequena propriedade fosse planejada de forma global. "Somente dessa forma entendíamos, e continuamos entendendo, que seria viável uma radical transformação no sistema tradicional de exploração agropecuária", como relembra



Paulo Roberto: não tivemos seguidores

passo concreto dado por entidade não oficial, para melhorar os níveis de produção e estimular a diversificação de culturas. Esse técnico, o agrônomo Renato Borges de Medeiros, agilizou convênios de participação com a UFRGS e Fidene, em Ijuí, transformando a Cotrijuí numa espécie de posto avançado das universidades agrárias, na região Noroeste do Estado. E, apesar do predomínio da soja e do trigo, em bases de monocultura no inverno e no verão, as forrageiras passaram a ocupar espaço nas lavouras da região.

SEM SEGUIDORES

Três anos depois, em 1976, quando a Cotrijuí assumiu o Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, localizado em Augusto Pestana, as opções de produção foram sendo ampliadas, em nome da diversificação. A Cotrijuí fez a sua parte, ressaltava Paulo Roberto, e infelizmente, não encontrou seguidores, sendo abafada pelo modelo econômico vigente na época, dirigido prioritariamente para o comércio exterior.

o agrônomo Paulo Roberto da Silva, um dos coordenadores da equipe que realizou o trabalho.

Para a Cotrijuí, estava claro que o Valor Básico de Custeio (VBC) representava — como representa ainda hoje — um obstáculo a um melhor planejamento das atividades agrícolas. Além de ajudar a comprometer planos de médio e longos prazos, quanto ao aspecto econômico, o VBC — por ser específico para determinadas lavouras — impede o uso mais racional do solo e uma efetiva diversificação, com a integração das atividades.

INTEGRAÇÃO

A base técnica do programa era a integração lavoura-pecuária, que — mes-

A parte experimental e de campo foi concretizada tanto no CTC (Centro de Treinamento) como em propriedades particulares. O Programa de Crédito Rural, elaborado em 1982, num trabalho conjunto da Diretoria Técnica, Gerência de Planejamento e Departamento de Estudos Econômicos — na época coordenado por João Valmir Cezimbra Lopes — teve como base a prática do trabalho de campo.

Contrário ao VBC (Valor Básico de Custeio), que privilegia o produto e estimula a grande lavoura em nível de monocultura, Paulo Roberto acredita que o crédito integrado pode ser a maneira mais racional para diversificar. Isso pode acontecer, se houver uma planificação global da propriedade, com agricultura e pecuária em unidades integradas de produção, com o uso de tecnologia recomendada pelos órgãos de pesquisa e, é claro, a efetiva participação do produtor.

No início de julho, Paulo Roberto acompanhou o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, numa visita à superintendência regional do Banco do Brasil, em Porto Alegre. Ali, eles apresentaram a proposta e foram aconselhados a remeter o programa de crédito integral à apreciação do Ministério da Agricultura. Para a Cooperativa, interessa saber se será possível contar com recursos, dentro do plano proposto, para repasse de crédito aos produtores. Mas até o início de agosto o Ministério da Agricultura não havia se manifestado sobre a sugestão.

mo sem o apoio oficial — evoluiu de alguma forma na região da Cotrijuí. O Procrei previa o uso racional das potencialidades de pequenas e médias propriedades, baseado no consagrado rodízio para a ocupação de áreas com lavouras para produção de grãos e forrageiras, e a criação de animais (gado de leite e de corte, suínos, aves, etc). A intenção, conforme o projeto elaborado em 1982, era a de implantar o novo sistema em 100 propriedades, de minis, pequenos e médios produtores da Região Pioneira, para que depois o programa pudesse ser estendido às demais regionais.

METAS

A Cooperativa assumiria a tarefa de repassar os recursos aos produtores, tanto para investimentos como para custeio, sempre considerando a situação de cada propriedade e suas aptidões para determinadas atividades. Estavam previstos quatro subsistemas, que seriam implantados de acordo com essas características das áreas pilotos. Mas todos eles tinham como princípio básico a rotação de culturas e a integração lavoura-pecuária. As diferenças, de um para o outro, estavam apenas em detalhes técnicos, que se baseavam também em aspectos econômicos, em função das condições de cada propriedade, inclusive no que se refere ao uso de tecnologia.

O Programa estabelecia metas com relação à produtividade, para cada uma das atividades. Assim, por exemplo, a soja passaria dos 25 sacos para 30 sacos por hectare, num aumento de 20 por cento; o milho passaria de 30 para 40 sacos; o trigo de 16 para 20, e haveria também investimentos na qualidade, com melhor manejo do rebanho, para ampliação dos rendimentos das vacas leiteiras, das matrizes de suínos e do gado de corte. Numa primeira fase, com as propriedades pilotos, o programa teria uma duração de cinco anos, com acompanhamento técnico e contábil.

Na integração de atividades, a Região da Campanha — onde a Cotrijuí atua desde 1977, em Dom Pedrito — teria participação decisiva. Os municípios da região produtora de grãos receberiam terrenos, da zona de campo, para terminação. Ao mesmo tempo, os produtores da Campanha conquistariam um novo mercado para a venda de animais, além de — com o aumento das áreas destinadas à lavoura — participarem de um constante intercâmbio com agricultores do Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai.

Os recursos solicitados na época totalizavam, para o primeiro ano de implantação do Programa, 500 milhões de cruzeiros. Estes seriam liberados de acordo com um esquema que levaria em conta o estágio de cada uma das atividades, desde os investimentos até o custeio. Mas ficaria descartada, de início, a liberação por culturas, como acontece atualmente. As verbas seriam repassadas de forma global, com base no conjunto dessas atividades, e com juros de crédito rural na época, para amortizações trimestrais, semestrais e anuais.

A Diretoria Técnica, que propôs o Programa, esperava contar com vários órgãos e entidades como colaboradores, entre os quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Santa Maria, Fidene, Secretaria da Agricultura, Embrapa e Fecotriço. Os produtores, que contariam com assistência técnica e acompanhamento permanente para avaliação dos resultados econômicos, ficariam apenas na expectativa. Os órgãos oficiais, com poder de decisão, que receberam a proposta, engavetaram o Procrei.

Plano que evolui desde 73

"Com por cento recomendável do ponto de vista técnico e economicamente rentável. Mas não se viabilizou, na época, por fatores meramente políticos". É assim que o agrônomo Paulo Roberto da Silva, diretor-adjunto, resume as propostas contidas no Programa de Crédito Integral esboçado pela Cotrijuí em 1982, que agora passa a ter o engajamento de outras entidades ligadas ao meio rural, entre as quais a Fecotriço.

Mas ele entende que o movimento se organizou em termos de programa, em 1982, foi articulado bem antes disso, ou seja, a partir de 1973, numa época em que a Cooperativa passou a se preocupar com a diversificação de culturas e a falar em integração da lavoura com a pecuária. E saindo do discurso para a prática — diz Paulo Roberto — a Cotrijuí implementou trabalhos nessa área abrindo caminhos concretos para a diversificação.

A contratação de um técnico, mestre em forrageiras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi o primeiro



A partir deste ano O Conselho de Representantes da Cotrijuí passa de 123 para 154 integrantes, distribuídos pelas regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul. As eleições acontecem no dia 22 de agosto, quando um total de 147 urnas estarão espalhadas por todas as Unidades da Cooperativa. Essa é a quarta eleição de representantes desde que a Estrutura do Poder foi colocada em prática pela Cotrijuí, e a primeira oficializada pelo plebiscito de 1984.



No dia 22 de agosto os associados da Cotrijuí estarão elegendo os novos representantes

É tempo de eleição

Um total de 154 representantes estarão sendo eleitos no dia 22 de agosto. Esta é, na verdade, a primeira eleição oficial para o Conselho de Representantes da Cotrijuí. Até a última eleição para a escolha dos novos representantes, ocorrida em outubro de 83, a atual Estrutura do Poder tinha apenas caráter experimental e vinha sendo colocada em prática desde 1979. Foi preciso que os associados dissessem "sim" em um plebiscito realizado em setembro de 84, para que a Estrutura do Poder fosse considerada legal e definitivamente incorporada aos Estatutos da Cotrijuí. Mas embora em caráter experimental, as três eleições anteriores, para a renovação do Conselho de Representantes, foram, na verdade, decisivas para que hoje o associado pudesse ter maior representatividade e participação nas decisões de sua Cooperativa.

As eleições deste ano seguirão o mesmo esquema das votações anteriores, com urnas, num total de 147, espalhadas por cada uma das unidades das regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso. Além das urnas fixas, que deverão permanecer durante todo o dia nos escritórios, mercados e lojas das Unidades, nos Postos de Recebimento de Produto e em Sindicatos Rurais, existirão outras urnas que percorrerão roteiros itinerantes. Estas urnas volantes percorrerão as comunidades do interior dos municípios, para facilitar o voto daqueles associados que no dia 22 de agosto não poderão se afastar de suas localidades. O itinerário a ser percorrido pelas urnas, os horários de votação, os mesários, a exemplo do que aconteceu em eleições anteriores, foram estabelecidos pelos próprios associados em colaboração com o pessoal da Cooperativa, durante as reuniões de núcleos.

As normas sofreram algumas alterações desde a oficialização da Estrutura do Poder. As mulheres, mesmo aquelas que não possuíam carteira de associada, mas que podiam votar em lugar de seus maridos, ficam agora de fora das eleições. Mas isso não significa que as mais de 480 mulheres associadas da Cotrijuí não possam votar e, inclusive, serem eleitas representantes neste ano. A proporcionalidade de um representante para cada 150 associados inscritos em cada unidade recebedora continua em vigor.

QUEM PODE VOTAR E SER VOTADO

Dos 22.704 associados da Cotrijuí distribuídos entre as três regionais, apenas 13.619 estão aptos a exercerem o direito de voto, representando 60 por cento do total de associados. Na Regional Pioneira concentra-se o maior percentual de associados aptos a votar. De um total de 16.457 associados, 63,5 por cento estão aptos a votar, ou seja, 10.470 associados. Em Dom Pedrito, apenas 995 de um total de 2.190 associados estão habilitados a votar no dia 22 de agosto, e no Mato Grosso, 2.154 de um total de 4.057 associados, representando 53 por cento.

Só poderão votar e serem votados aqueles associados que trabalharam com a Cotrijuí no último exercício, ou seja, que entregaram a sua produção até 31 de dezembro de 1985. Pelo Estatuto da Cotrijuí não podem votar ou serem votados aqueles associados que também são funcionários da Cotrijuí. Também são inelegíveis, isto é, não podem receber votos, embora possam votar, os atuais membros dos Conselhos de Administração e Fiscal, os parceiros e os procuradores. As dúvidas a respeito dos nomes dos atuais conselheiros da Cotrijuí poderão ser desfeitas com uma olhada no expediente do Cotrijornal,

colocado no lado esquerdo da página 2. Ali estão todos os nomes dos associados que compõe os dois conselhos.

O TÍTULO ELEITORAL

É imprescindível que no dia da eleição o associado traga a sua carteira social para a votação. Ela é, na verdade, o título eleitoral do associado e como tal, deverá ser carimbada e rubricada por um dos mesários. Os associados deverão procurar votar nas unidades em que entregam a sua produção. Mas aquele que estiver em trânsito por outras unidades, poderá votar fora de sua localidade, desde que esteja realmente apto a exercer o direito de voto e apresentar a sua carteira social.

Na mesa de votação existirá uma lista com o nome de todos os associados em condições de voto. Caso, por algum erro do computador, algum associado em dia com as suas obrigações, não esteja incluído nesta lista, poderá exigir o seu direito de voto através da apresentação de uma nota fiscal ou bloco de produtor como prova de que entregou a sua produção no último exercício.

No caso de dois associados trabalharem juntos, em parceria, apenas um deles poderá votar. Mas se um dos parceiros tiver matrícula individual, tem garantido o seu direito a voto, podendo, inclusive, votar duas vezes, caso seja o escolhido para eleger o representante em nome da parceria.

O QUE ESCREVER NA CÉDULA

O associado vai escrever na cédula, que receberá das mãos de um dos mesários, o nome e, se quiser, a matrícula do seu candidato escolhido. O associado em dúvida poderá consultar a listagem existente na mesa de votação, para descobrir o nome e a matrícula correta de seu candidato. Ou se quiser, ele pode co-

locar apenas a matrícula, seguida de algum apelido, pelo qual o associado é mais conhecido em seu núcleo. Para associados com nomes idênticos, será necessário colocar na cédula de votação uma outra característica que o identifique melhor. Por exemplo: junto com o nome do candidato, o associado pode colocar o apelido, a matrícula e até a data de nascimento.

A votação terá início às 8 horas do dia 22, exceção apenas a Regional do Mato Grosso, onde o associado já poderá comparecer às urnas a partir das 7h30 min. Na Unidade de Santo Augusto, por exemplo, as urnas vão sair para o interior somente pela parte da tarde (ver roteiros nas páginas seguintes). Em cada um dos núcleos será deixada uma urna que permanecerá no local das 14 às 17 horas. Nas demais Unidades, as urnas itinerantes começam a percorrer o interior dos municípios já a partir das 8 horas.

Os associados que receberem o maior número de votos, em suas Unidades, serão eleitos representantes. Quando houver empate no número de votos recebidos, a decisão final levará em conta o associado que tiver a matrícula mais antiga. A proporção de representantes a serem eleitos é definida de acordo com o número de associados inscritos em cada Unidade (ver Cotrijornal de Junho/Julho/86). A Unidade de Ijuí, por exemplo, elegeu na última eleição 25 representantes, mas nesse ano, em função do número de associados, que cresceu de 3.737 para 4.902, terá direito a eleger 33 representantes. Augusto Pestana, que na eleição de 83 elegeu 9 representantes, terá direito, a 10 representantes, já que o número de associados inscritos aumentou de 1.365 para 1.531. Dom Pedrito vai eleger em 22 de agosto 15 representantes contra os 10 eleitos em 83.



ESTRUTURA DO PODER

O roteiro das urnas

Na eleição do dia 22 de agosto estarão sendo colocadas um total de 147 urnas espalhadas por todas as Unidades da Cotrijuí nas três regionais. A Pioneira terá 105 urnas; Dom Pedrito 13; Mato Grosso do Sul 28 e Porto Alegre apenas uma. Algumas destas urnas serão fixas e permanecerão no mesmo local durante todo o dia. Outras serão volantes e, durante o dia 22, estarão percorrendo várias localidades, possibilitando desta forma que a maioria dos associados, mesmo aqueles que não possam se afastar de casa, possam votar.

CHIAPETTA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	.08,00 às 18,00	Escritório	.Evaldo Rick, Arlindo Both e Wanderley Feiten
Unidade	.08,00 às 18,00	Mercado	.Getúlio Belarmino, Vilmar Roth e Airton de Jesus
Sínd. Trab. Rurais	.08,00 às 18,00	Sede	.Clarimundo Derlan, Romildo Maboni e Iria Michalski Hentz
São Judas Tadeu	.08,00 às 10,00	Escola	.Protásio Lotermann, José Maurício Cardoso
As Brancas	.10,00 às 12,00	Escola	.Ríther de Oliveira e Jaldir
As Brancas	.14,00 às 15,30	Escola Rural	.Cabral (acompanharão as
As Brancas	.15,30 às 16,30	Escola Municipal	urnas de São Judas até Li-
Linha Modesta	.16,30 às 18,00	Escola	nha Modesta)
Ponte Buricá	.08,00 às 10,00	Escola	.Oromir Dietrich, Liberato
Rincão dos Stradas	.10,00 às 12,00	Escola	.Bitencort e Cláudio Rocha
L. São José	.14,00 às 15,30	CTG	(acompanharão as urnas de
Rincão da Lage	.15,30 às 16,30	Escola	.Ponte Buricá até Vila No-
Vila Nova	.16,30 às 18,00	Escola	va)

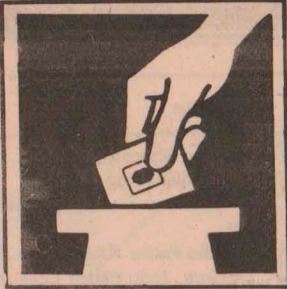
JÓIA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Escritório	.Juarez Padilha, Antônio Sarturi, Manoel Conceição, Orivaldo O. da Silva e Suzana Velga
São Pedro	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Posto Cotrijuí	.Oneide Burtet, Obiratan Tremea, Darácio Menegazzi, João da Cruz e Eduardo Zerwieski
Cará	.14,00 às 18,00	Clube	.Pedro Solano de Moura, Eloir Francisco Della Flora, Algemiro Roque Patias e Marcos Bremm
São Roque	.08,00 às 12,00	Escola	.Aquiles Della Flora, Aquilino Strada e Carmem Simon
Santo Antônio	.14,00 às 18,00	Escola	.João Francisco M. Prestes, Amáble Burtet Carneiro e Carmem Simon
São João da Bela Vista	.08,00 às 12,00	Escola	.Dácio Secchi, Celso Pilatt e Jair Bazzan
São José	.14,00 às 18,00	CTG	.Gomercindo Bernardi, Osvaldo Della Vechia e Jair Bazzan
Carajá Grande	.08,00 às 11,30	Escola Libindo Viana	.Pedro Valentini, Carlos Dinarte Costa Padilha e Abrellno Rigodanzo
São João Mirim	.14,00 às 18,00	Escola	.Francisco Viana da Siqueira, João Ferreira da Silva e Abrellno Rigodanzo
Potreirinhos	.08,00 às 12,00	Escola	.Valente Gonzales, Adellno Clarim e Auri Boff
Coronel Lima	.14,00 às 18,00	Escola	.Almiro Brites, Honório Burtet e Auri Boff

C. BICACO

Núcleos	Horário	Local	Mesários	Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	.08,00 às 18,00	Escritório	.Luiz Osvaldo Souza Lima, José Nilton Sallet, Adelfir Zanella, Ezequiel Cembranel, Erich Breuning Ivo Krombauer e Aristides Arizoli Pinheiro.	Rincão dos Júlios	.16,00 às 16,30	Escola	.Dorvil Júlio Ribeiro, Loir Soares de Oliveira e Valdomiro Dallabrida
Unidade	.08,00 às 18,00	Mercado	.Álvaro Rutilli, Pedro Bizarello, Getúlio Kerper, Márcio Scopel, Antônio Baggio, Manoel Rodrigues da Silva e Soni Wisniewski	Portão Velho	.16,30 às 17,00	Escola	.Noli dos Santos Dornelles, Gomercindo Cavalheiro do Amaral e Valdomiro Dallabrida
Sínd. Trab. Rurais	.08,00 às 18,00	Sede	.Irani dos Santos Amaral, Cláudio Barriquello, Bráulio Martins da Rocha, Paulo Rigodanzo, Neuri Braga e Anselmo Irani Franco.	Esq. Evangélica	.17,00 às 18,00	Escola	.José Irani Miotto, Nilo Milczarek e Valdomiro Dallabrida
Esq. Mendonça	.08,00 às 09,00	Escola	.Gomercindo Sallet, Alceu Bastos dos Santos e Luiz Fernando Konzen	São Pio X	.08,00 às 09,00	Escola	.Ademiro Fava, Anselmo Gonzatto e Jandir Luís Pedroni
Sítio Briatto	.09,00 às 10,00	Escola	.Hermogenio Briato de Almeida, José Telmo Miranda Briato e Luiz Fernando Konzen	Vista Alegre	.09,15 às 10,00	Escola	.Verno Jung, Luiz Carlos P. de Oliveira e Jandir Luís Pedroni
Turvinho	.10,00 às 11,30	Escola	.Honorato da Silva Campos Antônio Sadi Radaelli e Luiz Fernando Konzen	Sítio Ouro Verde	.10,00 às 10,30	Escola	.Lourenço Ballin, José Ivo Signori e Jandir Luís Pedroni
Vila São Pedro	.13,30 às 15,30	Salão Comunitário	.Jorge da Silva Bueno, Placídio José Cossul e Luiz Fernando Konzen	Redentora	.10,30 às 12,00	Sínd. Trab. Rurais	.Francisco Nelson Bridi, Olmiro Radons e Jandir Luís Pedroni
Canhada Funda	.15,30 às 16,15	Escola	.João Saquet Garcês, José Loureiro de Mello e Luiz Fernando Konzen	S. Sebastião	.13,30 às 14,30	Escola	.Adeclir José Gonzatto, Volmir Gonzatto e Jandir Luís Pedroni
Sítio Kerpel	.16,15 às 16,45	Escola	.Gentil Rocha, Adelfried Bernardo Diechow e Luiz Fernando Konzen	Cel. Finzito	.14,30 às 16,00	Escola	.Artur Rinaldi, Antônio Anacleto de Almeida e Jandir Luís Pedroni
Sítio Bindé	.16,45 às 17,15	Escola	.Roberto Alberto Kuntzler, Luiz Batista Depiere e Luiz Fernando Konzen	Ervai Seco	.16,00 às 17,30	Sínd. Trab. Rurais	.Elizeu de Marchi, Paulo Kurt Hering e Jandir Luís Pedroni
Sítio Olivério	.17,15 às 18,00	Escola	.Leoni Barriquello, João Dias Garcês e Luiz Fernando Konzen	Braga	.08,00 às 10,00	Sínd. Trab. Rurais	.Ari Maffi, Elizeu José Schwaab e Adair Hendges
Esq. São João	.08,00 às 10,00	Pavilhão Comunitário	.Selma Milczarek, Arão de Souza e Valdomiro Dallabrida	Linha S. José	.10,00 às 10,30	Escola	.Umberto Rocha, Ernestildes Antunes da Silva e Adair Hendges
Sítio Bieleski	.10,00 às 10,30	Escola	.Daniel Bielski, Adil Pedro Wollmann e Valdomiro Dallabrida	Sítio Santos	.10,30 às 11,15	Escola	.Alcindo Ribeiro dos Santos Júlio Borges dos Santos e Adair Hendges
Galpões	.10,30 às 11,30	Pavilhão Comunitário	.Mário Bieleski, Wilson Saldanha Ribeiro e Valdomiro Dallabrida	Sítio Bombardeli	.11,15 às 12,00	Escola	.Oliva Rodrigues da Silva, Luiz Aniceto Vicenzi e Adair Hendges
Sítio Mairosa	.13,30 às 14,00	Escola	.Oldemar Lütz de Barcellos, Darcí Nunes Ribeiro e Valdomiro Dallabrida	Figueira	.13,30 às 14,30	Escola	.Celso Gaviraghi, Eldor Reinaldo Schünemann e Adair Hendges
Sítio Lütz	.14,00 às 14,30	Escola	.Olíbio José Cossul, Jorge dos Santos Amaral e Valdomiro Dallabrida	Vila Sallet	.14,30 às 15,30	Escola	.Ernesto Demitquelli, Adolfo Sallet e Adair Hendges
Estância Velha	.14,30 às 16,00	Escola	.Clair Antonio Birkhahn, Elízalte Gonçalves da Silva e Valdomiro Dallabrida	Es. Aparecida	.15,30 às 16,00	Escola	.Milton de Moura Guterrez, Elio Simionatto e Adair Hendges
				Campo Santo	.16,00 às 16,45	Escola	.Almiro de Oliveira Ferreira Turíbio Ribeiro Martins e Adair Hendges
				Paíneira	.16,45 às 18,00	Escola	.Osvaldo Domingos Cordenunzi, Carlos Edemar da Rosa Barcellos e Adair Hendges

ESTRUTURA DO PODER



Este é o modelo da cédula

Esta é a cédula que será fornecida ao associado no dia da eleição. Na cédula ele vai escrever, por extenso, o nome de seu candidato escolhido. Se quiser, também pode colocar o número de matrícula do candidato.

.....
 NOME DO ASSOCIADO E/OU

.....
 MATRÍCULA DO ASSOCIADO

M. GROSSO

Núcleos	Horário	Local	Mesários	Núcleo	Horário	Local	Mesários
Rio Brilhante	.07,30 às 17,00	Escritório	.Giuliano Krueh, Arlindo Scherer e Paulo Roberto J. Souza	Maracaju	.07,30 às 17,00	Escritório Unidade	Vinne e Manoel Chirino de Almeida
Rio Brilhante	.07,30 às 17,00	Supermercado	.Valdomiro Barbosa, Guilherme Basso e Eguíberto Adelar Gabe	Maracaju	.07,30 às 17,00	Supermercado	Sérgio Tesser, Ezio Barbosa de Lima e Heitor Espíndola
Rio Brilhante	.07,30 às 17,00	Posto Douradina	.Jonas Montelo Alvares, Jacomo Zanette e Henrique J. Almeida	Bonito	.07,30 às 17,00	Escritório Unidade	Jurandir de Souza, Artêmio Pedro Banoski e Paulo Roberto T. do Amaral
Sidrolândia	.07,30 às 17,00	Escritório	.Eurico Alves de Souza, João Carlos Toso e Alberto Frison	Bonito	.07,30 às 17,00	Loja	.Waldemar Roberto Kossa, Lauri Domingos Bortolini e Bruno Ricardo Scheeren
Sidrolândia	.07,30 às 17,00	Supermercado	.Nilo Cervo, Carlos Stefanello e Luiz Roberto Briato de Melo	Itahum	.07,30 às 17,00	Escritório do Posto de Itahum	.Bejamin Jacomel, Jurandir Faustini e Marcos Trelha Jaques
Sidrolândia	.07,30 às 17,00	Posto Anhanduã	.Egídio Piccini, Osmar Hack e Paulo P. de Moraes	Indápolis	.07,30 às 17,00	Escritório Posto Indápolis	.José Itelvino Urnal, Aurélio Zanella e Paulo M. da Silva
Dourados	.07,30 às 17,00	Escritório	.Frederico Stefanello, Flori Pelegrin e Paulo Silveira	Montese	.07,30 às 17,00	Escritório Posto Montese	.Antônio Conti, Dimas Mathias de Arruda e José Y. Shirota
Dourados	.07,30 às 17,00	Supermercado	.Felinto Gonçalves de Souza, Ivo Basso e Arno Krüger	Montese	.07,30 às 17,00	Santa Terezinha, Salão Comunitário	.Luiz Lizete Lampugnani, Joaquim José Ribeiro Filho e Mauro A. Batista
Caarapó	.07,30 às 17,00	Supermercado	.Emílio Maran, Setuo Tomonaga e Paulo Francisconi	Ponta Porã	.07,30 às 17,00	Escritório Posto	.Rudi Zanella, Cacildo Bernardo Endres e Edson P. Borges
Caarapó	.07,30 às 17,00	Posto	.Ryuiti Matsubara, Antônio Castilho Teno e Jorge Luiz Novachinski	Tagi	.07,30 às 17,00	Escritório Posto	.Oscar Walter Kiebling, Liceri Lauxen e Izeldo F. Brand
Caarapó	.07,30 às 17,00	Salão Igreja Laguna Caarapó	.Dilvo Antônio Parizotto, Antônio Augusto Rubin e João Aurélio Damíach	Aral Moreira	.07,30 às 17,00	Salão Aral Moreira	.Otto Miller, Cleidir Fenner Muerler e Jonas J. Machado
Jardim	.07,30 às 17,00	Supermercado	.José Scherer, Gilberto Luiz Matzembacher e Irani João Bartz	Campo Grande	.07,30 às 17,00	Escritório Regional C. Grande	.Luiz Banacina, Mansueto Betta e Ednei R. Kuhn
Jardim	.07,30 às 17,00	Posto	.Marcos Lírio Zanetti, Brasília Moreno e Luiz Alfredo Krombauer	Guaíba	.07,30 às 17,00	Posto	.Lutário Adolfo Berger, Eliana Pavani
Maracaju	.07,30 às 17,00	Vista Alegre	.José Henrique Adams, Ake Berinhard Van Der	Indápolis	.07,30 às 17,00	Col. Dom Bosco	.João Adão Rosa dos Santos, Silvíno Pause Srich e Manoel Miranda
							.José Melo, Leonasio A. Hall e Josias S. Melo

T. PORTELA

Núcleo	Horário	Local	Mesários	Núcleo	Horário	Local	Mesários
Alto Azul	.08,00 às 09,00	Pavilhão		Alto Alegre	.10,00 às 11,00	Salão Comunitário	Arnoldo Schowans e Nelson Breuning
Barra da Fortuna	.09,00 às 10,00	Escola		Gamelinhas	.11,00 às 12,00	Igreja	
KM 12	.10,00 às 11,00	Salão Comunitário		Perpétuo Socorro	.13,30 às 14,30	Pavilhão	
Esquina Cardoso	.11,00 às 12,00	Escola		Braço Forte	.14,30 às 16,00	Salão Comunitário	.Celso Bassani,
Lajeados Machados	.13,00 às 14,00	Igreja		N. Sra. da Saúde	.16,00 às 17,00	Salão Comunitário	Valdir Furini e
Daltro Filho	.15,00 às 16,30	Salão Comunitário	.Edemar Vidal de Siqueira, Ludovino Splendor e José	N. Sra. Medianeira	.17,00 às 17,30	Pavilhão	Dilva M. Sofiatti
KM 05	.16,30 às 17,00	Escola		Desimigrados	.08,00 às 09,30	Pavilhão	
Linha Glória	.17,00 às 18,00	Salão Comunitário	.Calgare	Centro Novo	.10,00 às 12,00	Pavilhão	
Cotovelo do Parizinho	.08,00 às 09,00	Pavilhão		Linha Jaques	.14,00 às 15,00	Escola	.Algiro Bandeira,
Barra Bonita	.09,00 às 09,30	Escola		Barra Grande	.15,00 às 16,30	Pavilhão	Aloez Piasecki e
Dois Marcos	.10,00 às 11,30	Salão Comunitário	.Carlos J. Ortolan, Neri João	Alto Bela Vista	.16,30 às 17,30	Pavilhão	Ari Schmidtke
Linha Lebre	.13,30 às 14,30	Pavilhão	Selle e Aristeu Pedro	Esq. Sta. Rosa	.08,00 às 09,00	Escola	
Três Marcos	.15,00 às 17,00	Salão Comunitário	Trevisol	Linha Concórdia	.09,00 às 10,00	Pavilhão	.Sérgio Casagrande,
Lajeado Leão	.08,00 às 09,00	Pavilhão		Alto Colorada	.10,00 às 11,00	Pavilhão	Daniel Haboski e
Linha São Luiz	.09,00 às 10,00	Pavilhão		Esquina Colorada	.11,00 às 12,30	Salão Comunitário	Erno Weimer
São Pedro	.10,00 às 12,00	Salão Comunitário		Cedro Mercado	.14,30 às 16,00	Salão Comunitário	.Eugênio Reimann, Miguel
Belo Horizonte	.14,00 às 15,00	Salão Comunitário	.Aléssio Fontaniva, Teobaldo	Esq. Pinhalzinho	.16,00 às 17,00	Pavilhão	Pereira e Sérgio Casagrande
Lajeado Líbrino	.15,00 às 16,00	Pavilhão	E. Lütcke e Nilvo Gross	Esquina Ouro	.08,00 às 09,00	Pavilhão	
Santa Fé	.16,00 às 17,00	Salão Comunitário		Linha São Paulo	.09,00 às 11,00	Salão Comunitário	
Jaboriti	.08,00 às 09,00	Pavilhão		Linha Bonita	.11,00 às 12,00	Escola	.Willi Artur Harth,
Jaboticaba	.09,00 às 10,00	Pavilhão		Coxilha Ouro	.13,00 às 15,00	Clube	Emílio J. Walter
Esq. Jaboticaba	.10,00 às 11,00	Pavilhão		Água Fria	.15,00 às 16,00	Igreja	Juvenil A. Cavalini
Capoeira Grande	.13,00 às 15,00	Salão Comunitário	.Lécio Sonda,	Bela Vista	.08,00 às 09,00	Salão Comunitário	
Tiradentes	.15,00 às 16,00	Pavilhão	Leonório Tomasi e	Sítio Gabriel	.09,00 às 14,30	Mercado	.Anélio Pelizan
Bom Plano	.16,00 às 18,00	Salão Comunitário	Sérgio A. Didonet	Colônia Nova	.14,30 às 16,00	Salão Comunitário	Albano Hermann
Linha Tigre	.08,00 às 09,00	Escola		Irapuá	.16,00 às 17,00	Salão Comunitário	e Osmar H. Wiethaper
Saltinho do Guarita	.09,00 às 10,00	Pavilhão		Derrubadas	.08,00 às 17,30	Mercado	.Natanael Rigo, Eugênio
Linha Progresso	.10,00 às 11,00	Escola		Tronqueiras	.08,00 às 17,30	Mercado	Bagega e Jorge Marqueti
Linha São Miguel	.11,00 às 12,00	Pavilhão	.Lírio Broet, José	Miraguai	.08,00 às 17,30	Mercado	.Oswaldo Knecht, Nelson
Linha Bonita	.14,00 às 15,00	Escola	Pascoal Dallabrida e	STR T. Portela	.08,00 às 18,00	Sede	Donat e Otacilio Oliveira
Vista Gaúcha	.15,30 às 17,30	Clube	Daniel Heuser	Sede - Unidade	.08,00 às 18,00	Escritório	.Mário E. M. Guterre, Paulo
Lagoa Bonita	.08,00 às 09,30	Pavilhão					Menezes e Nelson Gelatti
Capitel Sto. Antônio	.09,30 às 10,30	Escola					.Ireno Bianchini, Selvino
Linha da Paz	.10,30 às 11,30	Pavilhão	.Paulo Dalosto, Severino				Biesdorf e Regina Ribeiro
Barreiro	.13,30 às 15,00	Pavilhão	Pandolfo e Valdomiro				.Luiz Bassani, Gelson Raffaelli
São Sebastião	.15,00 às 17,00	Salão Comunitário	Natal Ottonelli				e Víctor Roberto Bernardi
N. Sra. de Lurdes	.08,00 às 09,00	Escola					
Alto C. de Farias	.09,00 às 10,00	Escola	.Celso Bassani,				



ESTRUTURA DO PODER

AJURICABA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Unidade	.08,00 às 12,00 13,30 às 17,00	Escritório	Lucídio Colato, Cláudio José Sperotto e Júnior Piaia
Sínd. Trab. Rurais	.08,00 às 12,00 13,30 às 17,00	Sede	Luiz Ottonelli, Clementino Ângelo Sperotto e José Inocêncio
Linha 28	.08,00 às 12,00 13,30 às 17,00	Mercado	Arnildo Guse, Bertholdo Schwejert e Luís Carlos Depieri
Pinhal	.08,00 às 12,00 13,30 às 17,00	Mercado	Djalindo Bandeira, Eduino Strada e João Francisco Bauer
Formigueiro	.08,00 às 12,00 13,30 às 17,00	Mercado	Emílio Uhde, Alberto Francisco Buchner e José Valdir da Rocha
Linha 13	.08,00 às 12,00	Esc. João B. La Salle	Silvino Porazzi, Alberto Bortolini e Clóvis Carbonera
Linha 14	.13,30 às 17,00	Esc. Marechal Rondon	Ervino Mobs, Osmar Prauchner e Clóvis Carbonera
Linha 15 Tuiuti	.08,30 às 12,00	Res. Frederico Ketzer	Onofre Kristoschink, Walter Schaffel e Arnaldo Schmeling
Linha 15 Carovi	.13,30 às 17,00	Clube Carovi	Clóvis Peruzatto, Jaime Sperotto e Walter Schaffel
Linha 18 Foguesatto	.08,30 às 12,00	Capela	Vilmar Marquesin, Silvino Rigotti e Edevin Bernich
Linha 18 Norte	.13,30 às 17,00	Esc. 19 de Abril	Siegfried Neumann, Alvari Depieri e Edevin Bernich
Linha Toso	.08,30 às 12,00	Esc. Emílio de Menezes	Veríssimo Mass, Gentil Zangirolani e Carmem Ottonelli
Linha 14 Lauschmann	.13,30 às 17,00	Capela	Atílio Zan, Ireno Nunes Cavalheiro e Carmem Ottonelli
Linha 23	.08,30 às 12,00	Salão Comunitário	Leoniro Brigo, Juarez Antônio Torqueti e Elói Petenon
Linha 26 São	.13,30 às 17,00	Salão Comunitário	Lebrando Cossetin, Egon Albrecht e Elói Petenon
Linha 27	.08,30 às 17,00	Esc. Souza Docca	Edgar Freier, Claudemir Corassa e Alceu Müller
Linha 29	.13,30 às 17,00	Salão Comunitário	Domingos Dallabrida, Inácio Sangiogo e Alceu Müller
Timbosal	.08,30 às 12,00	Clube Ouro Verde	Breno Antunes dos Santos, Diomar Rodrigues Mafalda e Elvío Bandeira
Barro Preto	.13,30 às 17,00	Ambulatório	Valdemar Covar, Arnaldo Reinke e Elvío Bandeira
Passo da Cachoeira	.08,30 às 12,00	Esc. D. João VI	Alvino de Jesus e Cláudio Peruzatto
Primeiro de Maio	.13,30 às 15,30	Escola	Leonardo Paplovski, Ricardo Didoné, Cláudio Peruzatto
Monte Alvaão	.16,00 às 17,30	Escola	Vilson Libich, Osmar L. Knak e Cláudio Peruzatto
Madeireira	.08,30 às 12,00	Esc. Lourival B. Souza	Augusto Dambros, Jaci João Costa e Angelo Marchioro
Planchada	.13,30 às 17,00	Salão Comunitário	Darci Bandeira, Avelino Stefani e Ângelo Marchioro
Linha 30 Camões	.08,30 às 12,00	Esc. Luís Camões	Antônio Barbosa, Valdir Monschmidt e Eno Ruppel
Esq. Umbu	.13,30 às 17,00	Esc. Liberatto S.V. da Cunha	Jorge Prates, José dos Santos Ávila e Eno Ruppel

S. AUGUSTO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Unidade	.08,00 às 18,00	Escritório	Italvino Sperotto, Edmundo Stadler, José Lori F. Gonçalves e Eurico Prauchner
Sínd. Trab. Rurais	.08,00 às 17,00	Sede	Hiládio Pedro Klein, Lino Depiere, João Pedro Lorenzon e Jorge Derli Schmitz
São Valério	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	Aloisio Drausio Steiger, Jacques Delafloira, Mário Bussiol, Leonildo Brigo e Adão da Silva Acosta
São Martinho	.14,00 às 17,00	Sínd. Trab. Rurais	Romeu Antônio Sphor, Amélio Rosa, Canísio José Welter e Wilton E. Treuhertz
São Jacó	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Reinoldo Bartsch, Pery da Ros, Milton Miguel Moresco, Irineu Saggin e Osvaldir Andriquetto
São Valentim	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Dilson Luiz Moresco, João Carlos Baraldi, Davi Alexandre Ceolin e Rosane Maria Ottonelli
Vila Coroados	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Luiz Schreiber, José Heitor Copetti, Luiz Mário Tamiozzo e Albano Heinz Kessel
São Luiz	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Genésio Bauzewein, Paulo Benjamin Kahl, Edegar Vilmar Dorn e João Bertolo Fucilini
Passo da Lage	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Luiz Radin, Bernardo Radin, Silvino Petenon e Elói Camargo Padilha
Esq. N. Sra. de Fátima	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	João Orlando Schindler, Valdir Bender, Valzumiro Calgareo e Jorge Luiz e Nascimento
Assis Brasil/Ajuricaba	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	João Correa da Silva, Osvaldo Tamiozzo, Arcelino Beazi e Osmar Menegon

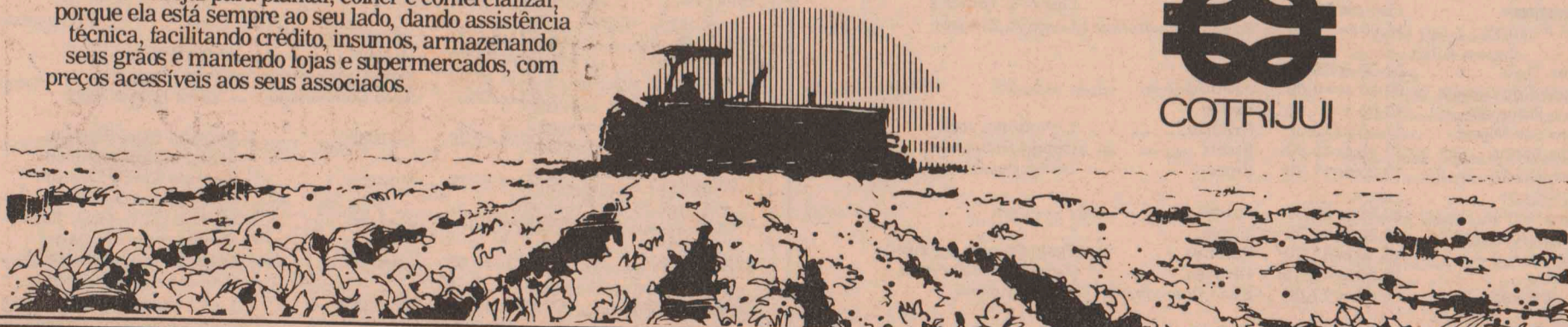
D. PEDRITO

Local	Horário	Mesários
Cotrijui (sede)	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,20	Luiz Anildo Costa Renato Pilau, Elaine Bruzza
Setor de Lãs	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,20	Urbano Freire Luiz Rufino, Dirceu Gan da Cunha
Hortigranjeiros	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,20	Sabino Moro, Delma Rodrigues e João Wagner
Sínd. Empregadores Rurais	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Edegar Severo, Leonildo Potter e Vivian Potter
Sínd. Empregados Rurais	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Floricio Barreto, Edelvino Barreto e Saul Figueiredo
Banco do Brasil S/A	.11,30 às 16,30	Pedro Corrêa, Florêncio Pereira e Carlos Saft Hen
Bradesco	.11,30 às 16,30	Dinaldo Dupond, Cláudio Balsamo e Lizelena M. Luz
Banco Itaú	.11,30 às 16,30	Elbio Severo, Dionel Garcez e Airtton Cardona

Núcleos	Horários	Localidade	Mesários
Ponche Verde	.08,00 às 09,30	Suc. dos Moraes	Luiz Forcin, José Cleber e Hélio Rodrigues
Ponche Verde	.10,30 às 11,30	Chibiaque	
Ponche Verde	.14,00 às 16,00	Col. Obelisco	
Bolicho da Pedra	.09,00 às 11,00	Colégio	João Alberto Blanco, Glé Dr. Blanco
Vautier	.14,00 às 16,00	Colégio	João Couto e Paulo Pedroso
Sanga Preta	.09,00 às 11,00	Antônio Garcia	Noel Leon, Marcelo Burin
Encruzilhada	.14,00 às 16,00	Colégio	e Odor Sphor
Fontouras	.09,00 às 11,00	Colégio	Erlei Dambros, Talilo Ban-
Bento Rengo	.14,00 às 16,00	Colégio	deira e Glênio Silveira
Campo Seco	.09,00 às 11,00	Col. N. Sr. Aparecida	Antero Echevarria, João
Vacaíquá	.14,00 às 15,00	Plínio Dias	Cezar Picoli e Paulo
Vacaíquá	.16,00 às 17,00	Col. Manuel Espinosa	Tarouco

COTRIJUI: HÁ 29 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijui para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.





ESTRUTURA DO PODER

A votação deverá iniciar às 8 horas, exceção feita apenas à Regional do Mato Grosso do Sul, onde as urnas começarão a funcionar a partir das 7 horas e 30 minutos. Cada urna será acompanhada por dois associados e um funcionário que atuarão como mesários. O associado que tiver dúvidas a respeito do nome do seu candidato ou do número de matrícula, poderá recorrer a listagem que ficará à disposição junto aos mesários.

A. PESTANA

Núcleos	Horários	Local	Mesários
Linha São João	.08,00 às 11,30	Salão Comunitário	João Emílio Schneider, Zacarias dos Santos e Vanderlei Juswiak
Boca da Picada	.08,00 às 11,30	Escola	Alfredo Wildner, Décio Simon e Clarice Daleplane
Fundo Alegre	.08,00 às 11,30	Escola	Bruno Schneider, Erni Kern e Carmem Forglarini
Fundo Grande	.08,00 às 11,30	Escola	Osmar Gerhardt, Arno Goergen e Ademar de Lima
Marmeleiro	.08,00 às 11,30	Salão Comunitário	Hardy Kern, Elmar Steiernagel e Luís Carlos Etz
Linha Progresso	.08,00 às 11,30	Salão Comunitário	Arnaldo Matte, Benno Bruinsma e Anilton Feliciano dos Santos
Ijuizinho	.08,00 às 11,30	Salão Comunitário	Ivo Losch, Flávio Kern e Hélio Rocha
Rincão dos Ferreira	.08,00 às 11,30	Escola	Olávio Hoerle, Edí Schmidt e Zeneide Simão
Bom Princípio	.08,00 às 11,30	Salão Comunitário	Antônio Wildner, Nelson Wüsth e Getúlio Azambuja

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Esquina Renz	.08,00 às 11,30	Escola	Waldir Walter, Harry Renz e Adellno dos Santos
Rincão dos Müller	.08,00 às 11,30	Salão Comunitário	Amandio Schneider, Selvino Müller e Nei Zolinger
Linha Santo Antônio	.08,00 às 11,30	Escola	Nerci Rhoden, Meno Desbesse e Dirceu Nogara
Ponte do Ijuizinho	.08,00 às 11,30	Escola	Erno Schneider, Egon Pedro Heuser e Jaime Lorenzoni
Cambará	.14,00 às 17,00	Escola	Vilson Fritz, Arno Ladwig e Jaime Lorenzoni
Paraíso	.14,00 às 17,00	Armazém de Abílio	Renato Mergen, Helvin Zolinger e Nei Zolinger
Rincão Seco	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Emílio Hasse, Sighart Drews, e Luís Carlos Etz
Esquina Gaúcha	.14,00 às 17,00	Salão Comunitário	Oscar Hoerle, Hélio Helbich e Carmem Forglarini
Rosário	.14,00 às 17,00	Mercado	João Hélio Tissot, Constantino Pascoal e Clarice Daleplane
Formigueiro	.14,00 às 17,00	Capela	Sérgio Menegol, Waldemar Neuberger e Vanderlei Juswiak
São Miguel	.14,00 às 17,00	Escola	Aldair Marsaro, Pedro Guiotto e Vicente Fabrín
Arroio Bonito	.14,00 às 17,00	Escola	Valdir Weber, Alzevir Frantz e Ademar de Lima
Rincão dos Klein	.14,00 às 17,00	Escola	Jorge Matte, Leomar Heuser e Anilton Feliciano dos Santos
Rincão do Progresso	.14,00 às 17,00	Escola	Nelio Ceribola, Oliver Sostemeyer e Getúlio Azambuja
Unidade	.08,00 às 18,00	Escritório	Walter Driemeyer, Alberto Bauer, Albino Ghislene, Mirto Drews, Leonair de Barros Sost e Romeu Rhoden
Ponte Branca	.14,00 às 17,00	Escola	Gentil Callai, Luís Wildner e Dirceu Nogara
Rincão Comprido	.08,00 às 11,30	Igreja	João Emílio Gubert, Santo Valdir Menegol e Vicente Fabrín

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Linha 7 Leste (Posto Florestal)	.08,00 às 12,00	Salão Paroquial	Selvino Wender, Nilo José Tiecher e Marlene Gonchoroski
Aula Ijuicense (Linha 4 Leste)	.13,30 às 15,30	Centro Comunitário	Pancrácio N. Ceretta, Alberto Andriollo e Marlene Gonchoroski
Parador	.16,00 às 18,00	Pavilhão da Igreja	Mário Dal Molin, Celso Goi e Marlene Gonchoroski
Linha 8 Leste Vila Floresta	.08,00 às 12,00	Centro Comunitário	Augusto José Denes, Ademar José Faustini e Alberto Abreu
Linha 8 Leste	.13,30 às 15,30	Salão Kapke	Naldir Ledermann, Provenir Grohs e Alberto Abreu
Linha 8 Leste	.16,00 às 18,00	Farrroupilha	Egon Eickhoff, Ercio Luiz Eickhoff e Alberto Abreu
Dr. Bozano	.08,00 às 10,00	Centro Comunitário	Antenor de Lima Batista, Hélio Fachin, Jaime Ledur
Linha 10 Leste	.10,00 às 12,00	Capela	Helmuth Wagner, José Antônio Borré, Jaime Ledur
Boa Esperança	.13,30 às 15,30	Salão Paroquial	Dari Meggiolaro, Waldir Wilde Stolberg, Jaime Ledur
Saltinho	.15,30 às 18,00	Centro Comunitário	Nicanor de Godoy, Nélio Meinke, Jaime Ledur
Vista Alegre	.08,00 às 10,00	Salão	Antoninho Vilani, Alfredo Dal Forno Sobrinho, Sadi Pereira
São Valentim	.10,00 às 12,00	Salão Paroquial	Virgílio Stochero, Alexandre Morí Gabbi, Sadi Pereira
São Miguel	.14,00 às 16,00	Centro Comunitário	Leonildo Antônio Gabbi, Renato Cossetin, Sadi Pereira
Rincão da Laje	.16,00 às 18,00	Centro Comunitário	Frederico Casali, Antônio da Rosa, Sadi Pereira
21 de Abril	.08,00 às 09,00	Salão Comunitário	Arno Berno, Armindo Seibert, Roberto Carbonera
Itaí	.10,00 às 12,00	Grupo Escolar	Avelino José Duarte, Arno Berno, Roberto Carbonera
Col. Sto. Antônio	.14,00 às 16,00	Salão Comunitário	Anselmo Meotti, Luiz Varaschini, Roberto Carbonera
Col. Sto. Antônio	.16,30 às 18,00	Esc. João Pessoa	Dante Antônio Boniatti, Roberto Moresco, Roberto Carbonera
Unidade (todo o dia)	.08,00 às 12,00 .14,00 às 18,00	Recepção Central	Joacir Dezordi, Waldemar Michael, Júlio P. L. de Mello
Unidade (todo o dia)	.08,00 às 12,00 .14,00 às 16,00	Mercado	Neri Eidt, Milton Brudna Augusto Dezordi
Coronel Barros	.08,00 às 12,00	Mercado	Erhard Kuhn, David Lorenzoni, João O. Denardi
Santa Lúcia	.08,00 às 12,00 .14,00 às 18,00	Mercado	Angelo Vieira, Ledoíno Massafra, Antônio Godoi
Mauá - manhã	.08,00 às 12,00	Mercado	Valdo Brudna, Eumídio Jappe, Ademir Berleze
Mauá - tarde	.14,00 às 18,00	Mercado	Vilson Brudna, Augusto da Silva, Ademir Berleze

IJUÍ

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Linha 6 Norte	.08,00 às 12,00 12,00 às 15,30	Mercado	Osvaldo Oster, Luiz Holzle Arnaldo Prauchner
Linha 6 Norte (Irgang)	.16,00 às 18,00	Pavilhão Igreja	Nelson Freitag, Arnaldo Schreiber, Arnaldo Prauchner
Salto	.08,00 às 12,00 .14,00 às 18,00	Mercado	Odír Cervi, Fiorindo Lena, Antônio Cervi Sobrinho, Elio Oster
Linha 8 Oeste	.08,00 às 09,00	Esc. Ernesto Dorneles	Artur Kronemberger, Ivo Holslechner, Pedro Pittol
Esquina Dutra	.09,15 às 10,00	Pavilhão	Lorimar Wadas, José Otávio Fiorin, Pedro Pittol
Linha 6 Oeste (Esp. Heidmann)	.10,15 às 12,00	Escola	Waldir José Pascoal, Sadi Berno, Pedro Pittol
Linha 8 Oeste	.14,00 às 15,00	Pavilhão Comunitário	Sardi Avelino Gallert, Arlindo Treter, Pedro Pittol
Linha 11 Oeste	.16,15 às 18,00	Escola Lobo da Costa	Valdir Glass, Walter Felden Pedro Pittol
Rincão dos Goi	.08,00 às 11,30	Centro Comunitário	Valdir Tiecher, José Nogara Corrente, Ilário Gasparin
Alto da União	.14,00 às 18,00	Clube	Elmário Korb, Lindolfo Becker, Ilário Gasparin
Barreiro	.08,00 às 10,00	Escola	Antenor Vione, Siegfried Kraemer, Francisco Salla
Rincão Alvorada	.10,30 às 12,00	Escola	Lucídio Seibert, Armindo Burke, Francisco Salla
Rincão dos Fabrín	.14,00 às 16,00	Salão Paroquial	Nelson Krysczum, Francisco Milani, Francisco Salla
Arroio das Antas	.16,00 às 18,00	Escola	Lotário Seibert, Lotério Picoli, Francisco Salla
Rincão do Tigre	.08,00 às 10,00	Centro Comunitário	Vilson Dobler, Anselmo Soares, Terezinha Weiller
Rincão da Ponte	.10,30 às 12,00	Escola Faxinal	João Carlos N. Martins, Joceli S. Noronha, Terezinha Weiller
Linha Base Sul	.14,00 às 15,30	Escola	Dante Tisotti, Orlando Tomas, Terezinha Weiller
Aracy Serves	.16,00 às 18,00	Centro Comunitário	Reinoldo G. Dorn, Helmuth Serves, Terezinha Weiller
Piratini	.08,00 às 11,30	Escola	Ilo Erno Buch, Ellemo Udich, Arnoldo V. Preissler
Linha 11 Norte	.14,00 às 15,30	Escola	Zeno Heck, Edemar Fischer, Arnoldo Preissler
Chorão	.16,00 às 18,00	Escola	Albino Santim Kosloski, Ervino Karlinski, Arnoldo Preissler
Povoado Santana	.07,30 às 11,30	Salão Paroquial	João Makoski, Ramão Kopezinski, Sérgio Barbieri
Linha 4 Leste	.14,00 às 15,30	Pedro Alvares Cabral	Mário Darcí Jacoboski, Rodolfo Heck, Sérgio Barbieri
Linha 6 Leste	.16,00 às 18,00	Salão 12 de Outubro	Erno Antenor Prauchner, Helmuth Guth, Sérgio Barbieri
Porto Alegre	.08,00 às 12,00 .13,30 às 17,00	Escritório	Rui Polidoro Pinto, Walter Duarte e Solange Rambo

Cooperado: a vez do peixe

Programa está sendo implantado na Pioneira

Organizar a produção, aumentar o número de associados envolvidos com a atividade e melhor ordenar a comercialização. Estes são os pontos básicos do Plano Cooperado de Peixes, que a Cotrijuí começou a implantar em julho. O programa — nas mesmas bases do lançado em maio para suínos — pretende incrementar a piscicultura na Região Pioneira, com um aproveitamento mais racional das potencialidades nessa área. É assim que o Departamento Agrotécnico, que coordena o plano, com o apoio de outros setores da Cooperativa, espera contar com uma produção mais regular e ampliar o mercado para o peixe.

“O Plano Cooperado irá beneficiar o produtor e, diretamente, também a Cotrijuí, para que possamos realizar investimentos na piscicultura e obter resultados econômicos”, observa Altamir Antonini, responsável pela Estação de Piscicultura do CTC (Centro de Treinamento da Cotrijuí). O objetivo mais imediato do cooperado é o de aperfeiçoar a atividade, a partir de um acompanhamento técnico regular ao produtor, além do fornecimento dos insumos necessários. Em troca, a Cooperativa irá receber toda a produção dos associados que aderirem ao programa.

ALTERNATIVAS

Altamir relembra que há oito anos a Cotrijuí vem estimulando a piscicultura na Região Pioneira. “No início — conta ele — a intenção era a de aumentar as alternativas alimentares das famílias dos produtores, sem maior importância ao aspecto econômico”. Mas aos poucos a criação de peixes foi ganhando novos adeptos, e passou a ser encarada como atividade capaz de proporcionar retornos financeiros.

O estímulo à piscicultura teve, como apoio, o próprio CTC, através do fornecimento de alevinos e da assistência técnica, complementados com um bom suporte na área de comercialização. “Ainda

hoje — observa Altamir — a Cotrijuí é a única cooperativa do Estado a lidar com peixes e uma das poucas do Brasil”. Mesmo assim, o setor vinha necessitando de uma maior organização, desde a produção até a venda no varejo.

Com o programa cooperado, isso agora será possível. Assim é que será evitada, por exemplo, a excessiva concentração da oferta de peixes numa determinada época do ano, a Semana Santa. Anualmente, a partir de abril, a Cotrijuí não mais pode contar com a produção da própria região, e se vê obrigada a recorrer ao peixe oriundo dos rios Paraná e Uruguai, com preços bem mais elevados.

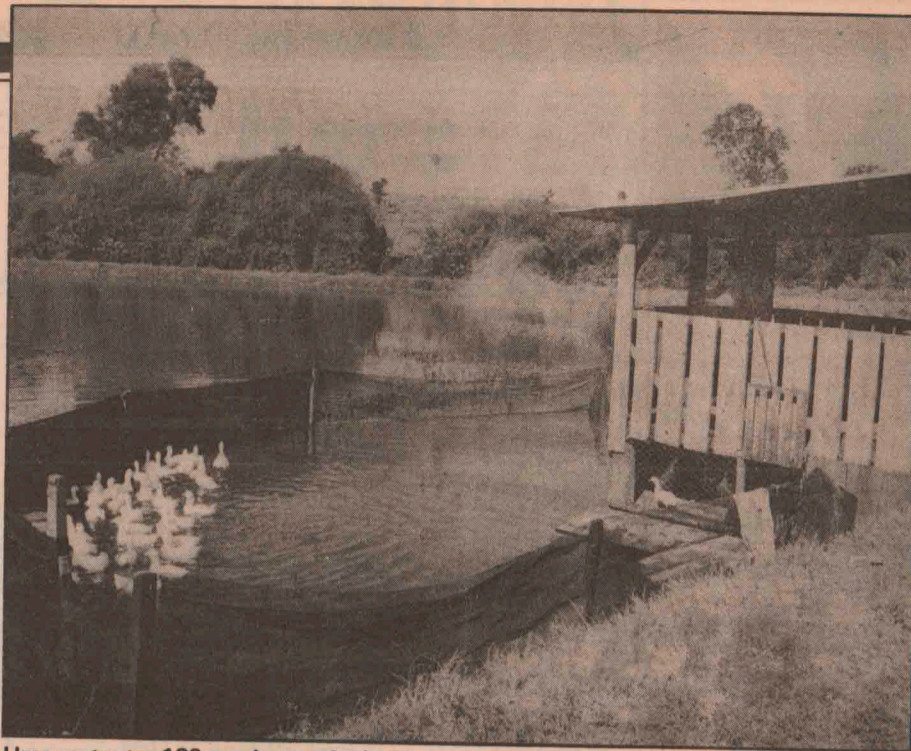
OFERTA REGULAR

O novo programa irá prever a pesca de acordo com um cronograma, para que cada produtor fique sabendo quando deverá entregar o peixe à Cooperativa. A intenção é a de manter uma oferta mais regular, durante o ano todo, até mesmo para que o consumidor se acostume a comprar pescado ao longo do período, e não só na Semana Santa ou em época de festas. O importante é que a Cotrijuí possui experiência e estrutura nessa área, aliçada especialmente na sua rede de supermercados.

Para o produtor, a comercialização — que em outras regiões surge como barreira à piscicultura — fica assim garantida. Altamir lembra ainda que, caso a oferta seja maior que a demanda nos mercados da rede, a Cooperativa dispõe de qualquer forma de compradores, podendo vender para terceiros, entre os quais outras cooperativas, comércio da região e Porto Alegre. Não será, portanto, por falta de compradores que o programa irá enfrentar dificuldades.

QUALIDADE

Mas para aumentar a produção, não basta que se amplie o número de propriedades envolvidas na atividade. A Cotrijuí



Uma meta: ter 180 açudes produzindo na região até 1989

vai investir em produtividade e qualidade, através do acompanhamento técnico, em cada uma das oito unidades da Pioneira. Isto porque a conquista do mercado, com regularidade durante o ano, dependerá de um bom produto. Com relação à produtividade, Altamir observa que no ano passado, de janeiro a junho, a Cotrijuí distribuiu 180 mil alevinos. Este ano, no mesmo período, a Cooperativa recebeu 14 mil e 300 quilos de peixe para comercialização.

“Descontando-se a mortalidade e o consumo das próprias famílias, mesmo assim a produção foi baixa em relação ao número de alevinos distribuídos”, ressalta o técnico. Isso quer dizer que a produtividade vem sendo baixa, ou que a Cotrijuí vem investindo na piscicultura como atividade econômica sem obter, no momento de receber a produção, os resultados esperados. Afinal, a Cooperativa — como enfatiza Altamir — defende a reciprocidade, entre ela e o produtor, para que programas específicos como este possam merecer ainda mais atenção e ser ampliados.

ESTAS SÃO AS METAS

Ano	86	87	88	89
Açudes	23	64	138	180
Produção	14	60	115	153

* Produção em toneladas

METAS

O programa permitirá uma melhor avaliação deste aspecto, acompanhando não só os produtores que já se dedicam à piscicultura, mas também os que irão aderir a partir de agora. O Departamento Agrotécnico acredita que existam, na Pioneira, cerca de mil açudes em condições de receber alevinos para terminação. É claro que não seria possível aproveitar de imediato todo este potencial, mas já há metas estabelecidas. A Cooperativa pretende contar, em 1987, com a produção de 64 açudes, prevendo — apenas como estimativa — uma entrega de 60 toneladas de peixe. Este ano, 23 açudes produziram, e a entrega chegou a 14 toneladas e 300 quilos (veja a tabela).

Com aumento da produção, de ano a ano, a Cotrijuí aposta na possibilidade de contar com até 180 açudes em 1989, que garantiriam 153 toneladas de peixe. “São muitos os açudes da região — diz Altamir — que com pequenas melhorias estariam em condições de produzir”. A piscicultura, que já proporciona uma boa renda a muitos produtores, seria então fortalecida, como atividade complementar e de baixos custos. Afinal, ela pode ser mantida com a utilização de sobras de grãos e outros produtos, como abóbora, mandioca, batata, melancia, em consórcio com suínos e aves, que permitem o aproveitamento do esterco.

Cada produtor, como já acontece atualmente, irá recorrer, junto com os técnicos, o melhor sistema de criação, usando ou não — por exemplo — ração peletizada ou as sobras citadas acima. A condução do programa terá também a participação direta do produtor numa comissão, do qual participam ainda técnicos e representantes da área de compras e abastecimento. Serão promovidos cursos e treinamentos, e a Cotrijuí pretende manter técnicos e produtores sempre atualizados, com a distribuição de material informativo.

O pioneiro da Linha 3 Oeste

Alguns dias antes da Semana Santa, a vizinhança da Linha 3 Oeste, em Ijuí, arregaa as mangas e participa de um trabalho que se transforma em divertimento na propriedade do seu Walter Beerbaum. Ali, com a ajuda dos quatro filhos e mais umas 10 pessoas, seu Walter se envolve, durante uma semana, com a lida de esvaziar açudes. Este ano, o produtor tirou 2 mil e 500 toneladas de peixe, e a grande maioria foi comercializada na Semana Santa.

Walter possui 37 hectares de terra na Linha 3 Oeste, e há 26 anos se dedica à piscicultura. Mas foi nos últimos 20 anos, quando começou a cuidar melhor do manejo e da alimentação, que passou a encarar os peixes como negócio. Ele cria carpa espelho e um pouco de traira, em cinco açudes que ocupam uma área ao redor de uns 4 hectares, cuidando de todas as etapas, desde a procriação até o engorde. Mas a partir deste ano ele pretende deixar os alevinos de lado: vai adquiri-los no CTC da Cotrijuí, e assim ganhará mais espaço para tratamento da terminação.

PEIXE EXTRA

“É preciso saber trabalhar com o

peixe, e não pensar como a maioria dos que se iniciam na atividade e logo querem ficar ricos”, diz Walter, que se orgulha de ter sido um dos primeiros produtores a descobrir a piscicultura como fonte de renda complementar. No ano passado, ele jogou sete toneladas de trigoilho e mais uma boa quantidade de mandioca, soja, milho e esterco de porco e de galinha nos açudes. O gasto é grande, mas o retorno sempre compensa.

Walter entrega quase todo o peixe com mais de quilo e meio, e assim, com o produto classificado na categoria extra, consegue os melhores preços. Mas observa que muitos piscicultores, e em especial os mais novatos, não conseguem os mesmos rendimentos, o que resulta em preços bem mais baixos. Com um produto de qualidade inferior, esses produtores se queixam dos resultados econômicos da atividade, e isso somente poderá ser melhorado com uma assistência técnica permanente.

Para Walter, o programa cooperado poderá viabilizar a atividade, a partir do acompanhamento técnico, e melhor organizar a produção, programando a entrega

à Cotrijuí. Ele mesmo reconhece: foi a partir dos conhecimentos técnicos, depois postos em prática, que pôde aprimorar o manejo. “Quando iniciei na piscicultura — confessa o produtor — eu não sabia nem mesmo que o peixe precisava de trato”.



Walter: 4 hectares para os peixes

Nos 29 Anos da Cotrijuí

As Feiras de Ijuí, Jóia e Portela

Três Feiras com produtos da colônia marcaram, no dia 20 de julho, os 29 anos de fundação da Cotrijuí. As Feiras aconteceram em Ijuí, Jóia e Tenente Portela. E, neste ano, repetindo o que vem acontecendo anualmente, não houve grandes festas. As comemorações se resumiram a realizações das Feiras que também serviram para melhor integrar os diversos grupos que formam a Cooperativa: o social, o funcional e o familiar.

A FEIRA DE IJUÍ

A Feira de Produtos Coloniais de Ijuí, em sua quinta edição, já se tornou uma tradição na cidade. Este ano ela foi realizada no dia 19 de julho, num sábado, na sede da Cotrijuí e, como sempre tem acontecido, foi um sucesso, atraindo grande número de pessoas durante todo o dia. A Feira foi aberta às 8 horas pelo superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira, Antoninho Boiarski Lopes, pelo gerente da Unidade, Zeno Foletto, pelo associado Hugo Deckmann, de Alto da União, representando os expositores. A cerimônia de abertura, com hasteamento das bandeiras e canto do Hino Nacional, contou ainda com a presença do secretário Geral do Município, Roosevelt Barros, representando o prefeito Wanderley Burmann. O grupo Artístico Sinuelo deu um brilho especial à Feira.

A Feira deste ano reuniu 10 núcleos - Alto da União, Piratini, Parador, Linha 8 Oeste, Salto, Linha 4 Leste, Colônia Santo Antônio, Aracy Serves, Chorão e Linha 7 Leste - que

trouxeram para ser vendidos na cidade desde galinhas, salames, cucas, queijos, natas, docinhos secos, compotas, melados, banana, mel, entre outros produtos de fabricação caseira. O movimento financeiro da Feira chegou a Cz\$ 39.969,00. O sucesso foi tanto que, pelo meio da tarde, muita pouca coisa ainda restava para ser comercializado. Quem deixou para fazer suas compras pela parte da tarde, já não conseguiu mais ovos, natas, queijos, galinhas e muito menos a famosa "copa", que todos os anos faz o maior sucesso no estande da Colônia Santo Antônio.

JÓIA

Na Unidade de Jóia a Feira de Produtos da Colônia foi realizada no dia 18. Lá ela também começou pela manhã e foi bastante prejudicada pela chuva. Mesmo assim, participaram da Feira oito comunidades - Coronel Lima, Esquina 21 de Abril, Potreirinhos, São José, São Pedro, Esquina Santo Antônio, São João da Bela Vista e São João Mirim, envolvendo ao todo 32 produtores. Os estandes da Feira foram montados no pátio da Unidade, ao lado do mercado. A cerimônia de abertura contou com a presença do diretor de Compras e Abastecimento da Cotrijuí na Regional Pioneira, Romeu Etgeton, representando a direção, do gerente da Unidade, Walter Colombo e do associado Luiz Neri Beschorner, representando o Conselho de Administração. A Feira encerrou com um movimento financeiro de Cz\$ 7.400,00.

Esta foi a primeira Feira

de Produtos Coloniais realizada na Unidade de Jóia. A experiência valeu tanto que os núcleos estão se organizando para, a partir de setembro, realizarem uma feira por mês. Em cada mês, um núcleo seria o responsável pela realização da Feira. Em dezembro eles voltam a realizar uma Feira conjunta, envolvendo todos os núcleos.

TENENTE PORTELA

A primeira Feira de Produtos da Colônia de Tenente Portela também foi bastante prejudicada pela chuva. Dos oito núcleos inscritos, apenas cinco se fizeram presente à Feira, levando até a cidade linguíça, melado, nata, batata-doce, mel, laranja e muitos produtos hortigranjeiros. Os estandes com os produtos da colônia foram instalados na frente da Unidade durante toda a parte da manhã.

A idéia da Feira em Porte-



A Feira de Ijuí atraiu a atenção de grande número de pessoas

la, além de marcar o aniversário da Cotrijuí, tinha, também, a intenção de mostrar que o produtor não tem que se especializar

apenas numa atividade, como leite, suíno ou hortigranjeiro, mas procurar diversificar a sua produção dentro da propriedade.

EM CHÃO LAMACENTO CULTIVADOR MECÂNICO NÃO FUNCIONA



Se começar a chover continuamente após o plantio do milho, torna-se difícil entrar com o maquinário na lavoura. Entrando com o cultivador na lavoura, nessas condições de solo, em vez de eliminar as ervas consegue-se apenas transferi-las de um lugar para outro, além de compactar o terreno. Com PRIMEXTRA isso nunca acontece, já que as ervas nem chegam a germinar.

Primextra

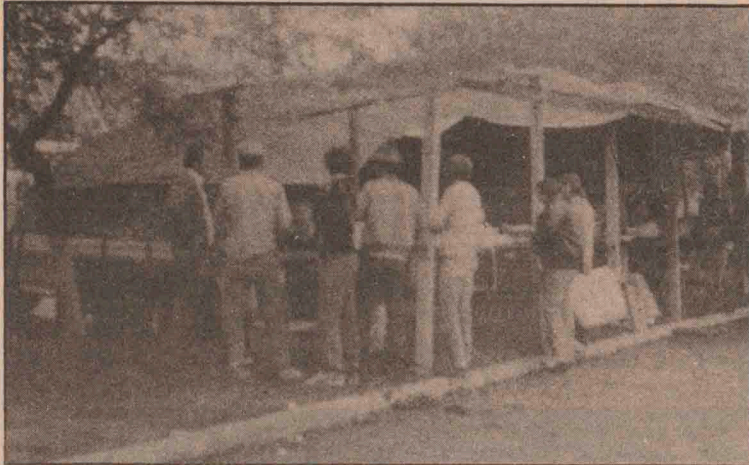
Primextra 500 FW - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 015081

CIBA-GEIGY

56/4/86
© Marca Registrada



Em Jóia, a Feira reuniu oito núcleos



Em Portela, a chuva atrapalhou a participação dos produtores

Dourados luta pela ferrovia

Lideranças político-econômicas de Dourados têm conquistado importantes adesões em sua luta pró-construção da Ferrovia da Produção, que liga o município ao Porto de Paranaguá, no Paraná. Sucessivas reuniões com políticos, empresários e demais lideranças da região de influência da ferrovia, e inclusive de todo o Estado, têm se realizado com o objetivo de assegurar a representação de Mato Grosso do Sul na diretoria da empresa de economia mista que será constituída para administrar a ferrovia.

O prefeito Luiz Antônio Alvares Gonçalves, de Dourados, afirma que a ferrovia passa agora a atividades mais executivas, primeiro com a formação da empresa que terá a participação dos governos do Paraná e Mato Grosso do Sul, de setores do Governo Federal e da iniciativa privada. A empresa, que deverá ser criada brevemente, será a responsável pela execução da obra, prevista para um prazo de três anos e meio, e também pela sua administração, razão pela qual o prefeito vê a necessidade de se ter representantes do Estado em sua diretoria, influenciando diretamente nas decisões gerais.

FUNDAMENTAL

Para o prefeito, a ferrovia é o que toda a região almeja para poder apresentar um ritmo de crescimento ainda maior, acrescentando que ela será um importante canal de transporte, porque não é considerada simplesmente como apenas uma ferrovia, e sim um marco do transporte integrado, ao permitir um delineamento correto da malha rodoviária e, inclusive, da hidroviária, com o aproveitamento do rio Paraguai.

A ferrovia, segundo Luiz Antônio, não será só um trilho e um trem, pois foi concebida como um sistema infra-estrutural de transporte e armazenagem. A ferrovia, prossegue, é que irá ditar as normas da produção no Estado, baseado nas vantagens que o sistema oferece.

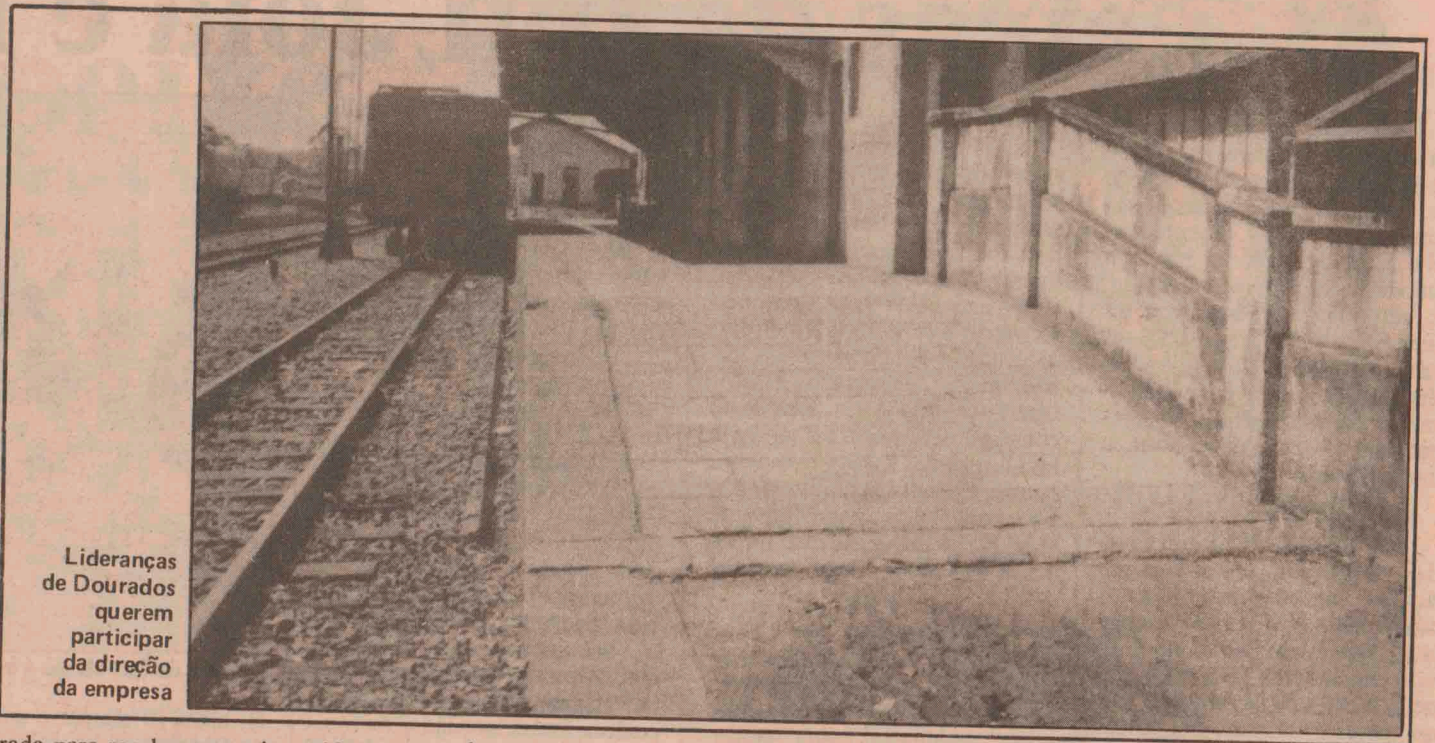
FRAGILIDADE

Ao comentar a receptividade que o movimento pró-construção da Ferrovia da Produção vem encontrando na região da Grande Dourados e no Estado, o prefeito afirma que a classe empresarial está eufórica, por ser ela quem mais sente a fragilidade do transporte rodoviário e, principalmente, seus custos. Da mesma forma, os prefeitos que integram o Conigrande (Consórcio Intermunicipal da Grande Dourados), já manifestaram total apoio ao movimento. Em carta aberta, os prefeitos de Dourados, Itaporã, Rio Brillante, Jateí, Angélica, Caarapó e Deodápolis, afirmam que "a idéia da ligação de Dourados ao porto exportador de Paranaguá (PR) por meio ferroviário é uma antiga aspiração, dado aos reflexos positivos para as regiões envolvidas no traçado".

Na esfera política estadual, houve manifestações favoráveis ao movimento pró-Ferrovia da Produção de parte do governador Ramez Tebet e do secretário de Planejamento, Jadércio José Guedes. Os prefeitos dos demais municípios do Estado também manifestaram apoio, durante reunião da Assomasul (Associação dos Municípios de Mato Grosso do Sul), realizada no final do mês de julho em Campo Grande.

COMPETIVIDADE

Para o prefeito Luiz Antônio, o Estado todo será beneficiado com a construção da ferrovia, porque verá reduzidos os custos com o transporte de sua produção agrícola, o que incentivará uma melhoria técnica da agropecuária e sua consequente expansão para novas áreas. Para a região da Grande Dourados, a ferrovia incentivará ainda sua industrialização, já estando o município com sua área industrial prepa-



Lideranças de Dourados querem participar da direção da empresa

rada para receber novos investidores, concedendo inclusive incentivos fiscais.

O prefeito ressalta ainda a importância da Região da Grande Dourados na produção agropecuária do Estado, citando que apesar de ter apenas um terço da área territorial, responde hoje com 62 por cento da economia do Mato Grosso do Sul, índice este que pode ser elevado consideravelmente com a implantação da ferrovia.

CONFUSÃO

O professor Lauro Jopper Swenson, mestre em organização do espaço, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, afirma por sua vez que a Ferrovia da Produção não teve receptividade tão logo se começou a falar em sua construção porque foi confundida com a Ferrovia da Soja (Assunção, no Paraguai, até Paranaguá), acertada entre os governos brasileiro e paraguaio à época do presidente João Figueiredo. E esclarece: à medida em que empresários, agricultores, políticos tomam conhecimento do que será a Ferrovia da Produção, seus benefícios para o Estado, mudam de opinião e passam a incentivar a discussão.

Como membro do Conselho de Desenvolvimento de Dourados, o professor é hoje um dos grandes incentivadores do movimento pró-ferrovia e da representação do Estado na diretoria da empresa que será formada, pois, do contrário, o Estado poderá ser apenas um fornecedor da matéria-prima para transporte. A par-

ticipação da classe empresarial, não quer dizer que seja apenas a financeira, é considerada essencial, para que a direção da empresa possa melhor conhecer as deficiências e necessidades de hoje.

ESTRANGULAMENTO

Segundo o professor Lauro, o Brasil tem o maior espaço de terras agricultáveis do mundo, tendo uma das melhores terras, que aproveitadas dariam para atender a demanda da população mundial, que cresce anualmente ao redor de 3 por cento. O sul de Mato Grosso do Sul e parte do Paraná foram beneficiados com mais de 900 mil quilômetros de terrenos basálticos, considerados um dos melhores solos para a produção agrícola. Só que o desenvolvimento econômico de grande parte desta região está estrangulado por não ter um transporte eficaz, uma ligação física com o norte do Paraná, que daria condições de exportação pelos portos de Paranaguá ou de São Francisco.

Analisando superficialmente a economia do Estado, o professor Lauro diz que toda economia voltada ao mercado externo se dirige ao Estado de São Paulo e a de exportação ao porto de Santos. As rodovias existentes e a própria ferrovia canalizam grande parte do transporte para São Paulo, já atingindo níveis de saturamento. Diante desta realidade, diz ser necessário desenvolver novos meios de transporte e a criação de novos pólos econômicos.

Neste contexto, a Ferrovia da Pro-

dução representa um canal de escoamento para as riquezas das regiões Centro-Oeste e Norte do País, que apresentam grande potencial em reservas minerais, madeiras e, principalmente, condições climáticas para a produção de produtos de grande interesse internacional, a qual só passará a ser desenvolvido através da organização do transporte.

ENGAJAMENTO

O professor Lauro só vê sucesso para a Ferrovia da Produção com o engajamento das lideranças político-econômicas do Estado, através de suas potencialidades de produção e de participação na empresa a ser formada. Para ele, a Ferrovia da Produção não deverá ser constituída sob a forma de empresa particular e sim uma empresa em que haja a participação do povo sul-mato-grossense, que assim terá condições de influir em seu planejamento em conjunto com os interesses do Estado.

É conclui: "sendo a Ferrovia da Produção um sistema integrado de transporte, de comercialização, e porque não dizer de planejamento regional, caberá a ela o incentivo ao desenvolvimento de uma policultura, a fim de que não estejamos tão dependentes só do produto soja. Numa primeira etapa, poderá ser a soja, mas posteriormente temos de encontrar outras alternativas agrícolas e também industriais, como minérios e madeira.



HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Um serviço COTRIJUÍ à comunidade

Hospital em Santo Augusto-RS
Rua Independência, 73
Fone: 381-1012
381-1037

Hospital em Coronel Barros
Rua Alfredo Steglich, s/nº
Vila Cel. Barros
Ijuí-RS

Hospital em Ijuí-RS
Av. David José Martins, 1.376
Fone: 332-2690

Associação Protetora Hospital Sta. Libera
(sob administração Bom Pastor)
Rua Brasilina Terra, 104
Jóia-RS

Regional de Mato Grosso define metas

Diretores, gerentes e assessores da Regional de Mato Grosso do Sul estiveram reunidos em seminário interno nos dias 23 e 24 de julho, na Colônia de Férias da Associação Comercial de Campo Grande, com o objetivo de promover uma análise do momento atual da cooperativa, do Brasil e do mundo e, a partir destas constatações, definir metas a serem concretizadas a curto, médio e longo prazos, após ampla discussão com o quadro social.

O superintendente Lotário Beckert afirma que a direção da cooperativa está voltada aos problemas dos produtores associados e para isso procura adequar sua estrutura às tendências da agricultura na região. Segundo ele, a cooperativa tem orientado aos associados, mediante uma assistência técnica eficiente, para a necessidade de aumentar a

produtividade, principalmente através da correção do solo, o que tornaria a soja viável no Estado pelo menos por mais alguns anos.

A busca destas novas alternativas para os produtores leva em conta as tendências do mercado internacional, especialmente da soja, fazendo prever que num futuro próximo o produtor terá de adaptar sua propriedade para promover a transformação da matéria-prima agrícola em carne, seja bovina, suína ou de aves.

Durante o seminário se enfatizou que o produtor precisa se acostumar ao regime sem inflação que vivemos hoje no País, o que permite a elaboração de projetos a médio prazo. Esta adaptação, segundo Lotário Beckert, também deve acontecer a nível interno da cooperativa, de forma



Seminário definiu metas para a Regional MS

que ela possa melhor atender os interesses dos associados.

Também foi definido no seminário que a cooperativa irá desenvolver com maior ênfase uma política de recursos humanos, principalmente no verdadei-

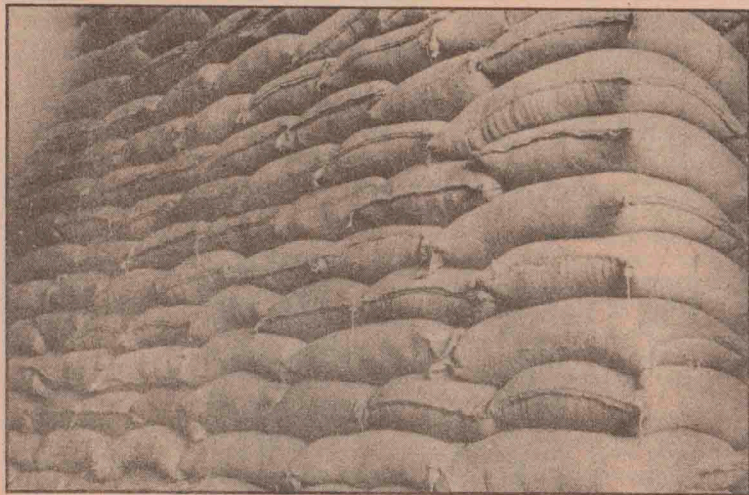
ro sentido do cooperativismo. Para isso, procurará valorizar e aperfeiçoar ainda mais o quadro funcional e, principalmente, o social.

O grande ponto positivo do seminário foi o espaço dado a

cada participante para colocar suas idéias e apresentar sugestões, porque, segundo Lotário Beckert, é com divergência de idéias que se pode chegar a um consenso, visando sempre o bem da empresa.

SEMENTE

Preço preocupa



Preços das sementes não foram tabelados

A estiagem do final do ano passado, que afetou a produção de soja e de outras culturas de verão, continua preocupando a direção da Regional de Mato Grosso do Sul. É que a produção de sementes não alcançou os níveis esperados e como, tradicionalmente, o Estado produz apenas 50 por cento da semente que utiliza, é certo que este ano terá de buscar volumes maiores em outros Estados, como São Paulo, Minas Gerais, Paraná e, inclusive, Rio Grande do Sul, onde a produção também foi afetada pela estiagem.

Como a oferta de sementes de culturas de verão será baixa, a tendência é de seus preços dispararem à medida em que for se aproximando o plantio. Para se ter uma idéia, a média de preço da comercialização de sementes de trigo foi de Cz\$ 274,00 na última safra, mas houve produtores que pagaram até Cz\$ 350,00 por uma saca de semente.

O vice-presidente da Regional MS, Nedy Rodrigues Borges, espera que para a próxima safra sejam adotadas medidas que visem evitar a exploração dos produtores. Lembra que com a adoção do Plano Cruzado, os insumos de uma forma geral tiveram seus preços tabelados pelo Governo Federal, o que não ocorre com as sementes, que continuam tendo uma livre comercialização.

A direção da Regional MS tem uma posição definida sobre o assunto, ou seja, caso o Governo Federal não tabelle as sementes deverá, pelo menos, definir alguns parâmetros para o cálculo dos preços das sementes nos diferentes Estados onde foram produzidas. Isto, na opinião de Nedy Borges, permitirá aos produtores uma melhor programação de custos das lavouras de verão, importante numa época em que a comercialização da produção só acontece ao nível dos preços mínimos.

OS BICOS DOS CULTIVADORES PODEM CORTAR AS RAÍZES DO MILHO



Os implementos de cultivo mecânico e as enxadas, utilizados para arrancar o mato, podem cortar as raízes do milho.

Isso ocorre porque o milho, como toda Gramínea, tem muitas raízes superficiais.

Conseqüência : as raízes cortadas pelo cultivador deixarão de fornecer nutrientes e água necessários ao milho nesse período.

Primextra®

Primextra 500 FW - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 015081

CIBA-GEIGY

© Marca Registrada



Expectativa favorável

Será que já se pode falar em recuperação da produção de leite na região? O José Luiz Martins Kessler, agrônomo responsável pela supervisão da produção de leite da Cotrijuí na Região Pioneira prefere um pouco de cautela ao falar de uma possível recuperação da atividade leiteira na região, embora a produção recebida durante o mês de julho tenha sido a maior dos últimos quatro anos, 1.834.848 litros. Ele acha que antes de se fazer qualquer afirmação é preciso considerar o recebimento de leite em Tenente Portela, um posto novo e em funcionamento há pouco mais de um ano. "O aumento que estamos tendo na produção atual, explica, é porque estamos recebendo uma quantidade maior de leite na região de Portela".

A produção de leite em Tenente Portela — ver matéria na página ao lado — tem crescido significativamente nos últimos meses em função até do aumento mensal do número de produtores. A atividade, além de aparecer como mais uma alternativa viável para o melhor aproveitamento das áreas dobradas da região veio intensificar o programa de integração lavoura e pecuária. Por outro lado, os produtores estão podendo aproveitar melhor economicamente animais que já existiam na propriedade e que vinham produzindo leite apenas para o gasto da família. Na verdade, muito pouco deles estão tratando de investir na aquisição de animais de melhor qualidade. A maior parte da produção ainda é tirada de animais comuns. "Foi justamente esse aumento do número de produtores de Portela que fez com que, de um modo geral, aumentasse a produção de leite na região, explica o agrônomo.

A própria recuperação das pastagens a partir de fevereiro e março e a oportunidade dos produtores utilizarem resíduos de lavoura, na alimentação dos animais, como o milho, levou a uma maior produção de leite. A produção de fevereiro desse ano foi 27,09 por cento maior do que a do ano passado — ver quadro abaixo. Em março deste ano foram entregues 1.985.660 litros de leite, enquanto no ano passado, nessa mesma época, a região produziu 1.713.780 litros de leite. O número de produtores, conforme mostra o quadro abaixo, também é maior, mas isso tudo em função do aumento de produtores na região de Portela e Miraguai.

RECUPERAÇÃO

Mas de qualquer forma, tanto o José Luiz como o Alaor José Daltrozzo, também do setor de leite da Cotrijuí, não descartam a possibilidade de que aconteça, num curto espaço de tempo, uma recuperação na produção de leite da região. "Existe entre os produtores, justifica o José Luiz, uma expectativa bastante favorável em relação a definição, até o final do ano, de uma política para o setor". O Alaor complementa dizendo que

já se observa, mesmo nessa época do ano, embora o preço do produto não seja estimulante, uma melhor atenção dos produtores para a atividade. "A situação está difícil de qualquer jeito e a saída é apelar para o leite, principalmente aqueles produtores que já têm na propriedade toda uma estrutura montada".

Outra circunstância favorável ao crescimento da produção é a crise da remuneração da soja. "Não existe mais aquela euforia de que a soja valia mais do que o leite, diz ainda o Alaor.

MAIOR PRODUTIVIDADE

O subsídio de 30 por cento que o governo está oferecendo aos produtores não cobre, de forma alguma todos os custos de produção e nem sequer resolve o problema da má remuneração do produto. Aquele produtor que tem baixos investimentos, se lidar com jeito, ainda pode empatar os custos com a receita. "O nosso produtor poderia tirar resultados melhores com a atividade se a sua produtividade fosse maior, lamenta José Luiz ao dizer que o produtor ainda não

utiliza todo o conhecimento técnico disponível. Muitas vezes o número de animais é maior em relação a disponibilidade de alimentos dentro da propriedade. Nem tampouco aprendeu a guardar alimentos, seja sob a forma de feno ou silagem para as épocas difíceis, de falta de pastagem.

O aumento da produtividade, aliás, tem sido uma das grandes preocupações do Departamento Técnico da Cotrijuí, até como forma de baratear os custos de produção. Um programa de alimentação baseado em pastagens, para que num primeiro momento se atenda as necessidades de volumoso (pasto) vem sendo montado. Com um bom programa de pastagens o produtor da região poderia chegar até 3.000 quilos de leite por lactação de vaca — 305 dias e, se houver uma suplementação de concentrado, essa produtividade ainda pode ser maior. "Já está comprovado, diz o José Luiz, que a suplementação de pastagens com concentrados em até 30 por cento da quantidade de volumoso consumida ainda é econômica.



Um bom programa de pastagens ajudaria no aumento da produção

Mas infelizmente, nosso produtor continua produzindo apenas metade do leite que poderia obter com as pastagens". Mas ele faz um alerta: fornecer concentrados sem primeiro adequar as necessidades de volumoso é totalmente anti-econômico.

A ORGANIZAÇÃO

Além do fomento a produção, de orientações na área de higiene e sanidade, na seleção e melhoramentos do rebanho, elaboração de custos de produção,

o Departamento Técnico também vai atuar na organização dos produtores dentro da Cooperativa. "Os produtores, diz ainda José Luiz, precisam discutir melhor seus problemas de produção, pois desta forma poderão ver suas reivindicações atendidas". Ele lembra ainda o desequilíbrio que existe entre o desempenho, da Central de Leite e a situação do produtor. "O produtor não consegue se beneficiar numa proporção que se imagina seja viável".

QUADRO COMPARATIVO DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO LEITEIRA DA COTRIJUI — REGIÃO PIONEIRA
1º SEMESTRE DE 1982 a 1986

Meses	1982		1983		1984		1985		1986	
	Nº Produtores	Produção	Nº Produtores	Produção	Nº Produtores	Produção	Nº Produtores	Produção	Nº Produtores	Produção
Janeiro	3.204	2.458.173	3.328	2.347.720	3.020	1.886.160	2.992	1.908.426	3.457	2.061.898
Fevereiro	3.182	1.955.235	3.294	1.990.224	3.021	1.778.214	2.968	1.609.967	3.557	2.046.061
Março	3.147	2.020.442	3.237	1.907.176	2.930	1.610.403	2.993	1.713.780	3.627	1.985.660
Abril	3.049	1.606.929	3.055	1.388.266	2.830	1.168.755	2.985	1.207.383	3.530	1.363.281
Maior	2.942	1.411.869	2.906	1.176.367	2.699	1.015.234	2.894	1.039.634	3.336	1.022.378
Junho	2.861	1.494.647	2.847	1.278.960	2.641	1.043.279	2.836	1.124.460	3.279	1.243.885
Total Semestre	3.064	10.947.295	3.111	10.088.713	2.856	8.502.045	2.944	8.603.650	3.464	9.723.163

Baixar os custos para resistir

"Falar de leite não é fácil", diz logo de saída o produtor Remi Huth que há 10 anos está na atividade. Discorda do subsídio de 30 por cento porque de forma alguma resolve a situação dos produtores de leite. Em lugar de 30 por cento acha que o governo deveria ter dado um subsídio de 70 por cento para compensar o reajuste de 40 por cento que deveria ter saído antes do congelamento dos preços. Afirma que vem resistindo na atividade porque tem toda uma infra-estrutura montada para a lida do leite que não pode ser simplesmente deixada de lado. Mas também não tem procurado fazer a contabilidade, porque senão já estaria fazendo como muitos dos seus vizinhos que estão vendendo seus animais para compradores de Santa Catarina e Minas Gerais e abandonando a atividade.

O Remi trabalha em parceria com o sogro, o seu Alípio Friederich e com o cunhado, o

Amauri Friederich, em 119 hectares de terra localizados em Alto da União, Ijuí. O Remi é quem realmente se envolve com a lida do leite e das lavouras. O sogro e o cunhado lidam mais com a suinocultura.

BAIXAR OS CUSTOS

Baixar os custos para tentar sobreviver na atividade. Essa foi a saída encontrada pelo Remi. Tão logo pode, ele deixou de lado as rações concentradas e tratou de produzir toda a alimentação dentro da propriedade. Nos 25 hectares destinados a pecuária de leite ele mantém o plantel de 12 animais e ainda planta azevém, cana-de-açúcar e capim elefante. A produção atual de leite anda por volta de 100 litros diários e o estábulo tem capacidade para ordenhar 50 animais por dia. Ele também conta com um resfriador com capacidade para 1.000 litros de leite. "Toda essa estrutura diz ele ele em tom queixoso, anda meio

ciosa, porque de uns anos para cá ninguém está conseguindo crescer dentro da atividade. O máximo que se consegue é sobreviver".

A redução do plantel de 20 para 12 animais foi outra decisão do Remi para diminuir os custos. Ele achou que reduzindo o plantel e melhorando a qualidade dos animais, estaria não só mantendo a produção como diminuindo os custos. "Hoje, diz ele, estou trabalhando com gado holandês puro de origem". Garante que a ginástica para se manter numa atividade que não apresenta lucratividade tem de ser muito grande. Investir é uma palavra proibida



Remi: falta incentivo para crescer

para quem está na lida do leite. "Não se pode fazer dívidas pensando em pagar com o retorno do leite, diz ele contando que usou o dinheiro da venda das vacas para comprar uma máquina de triturar pasto. "Assim vamos aguentando, pelo menos até o final do ano, para ver como vai ficar a situação do preço do leite, depois do dia 30 de novembro", diz ainda.

Investir, mas com cuidado

Um ano e quatro meses de funcionamento foram mais do que suficientes para mostrar que o Posto de recebimento e resfriamento de leite da Cotrijur em Tenente Portela é extremamente importante e viável para uma região onde grande parte dos produtores são minifundiários e proprietários de terras dobradas de difícil mecanização. O próprio crescimento da produção e do número de agricultores que atualmente entregam leite no Posto é mais uma prova de que os produtores da região estão investindo e acreditando na diversificação da propriedade.

O Posto entrou em funcionamento em março de 84 com apenas 103 produtores que entregaram naquele mês 34.417 litros de leite. Um ano mais tarde a produção mensal era de 186.876 litros de leite, envolvendo nada mais nada menos do que 501 produtores. Com a queda natural que acontece na produção nessa época do ano, o Posto recebeu, em julho, 167.400 litros de leite dos 459 produtores que em pouco tempo de atividade conseguiram se estruturar com pastagens para se manterem na atividade de forma contínua. "Mas temos certeza, diz Edemar Vidal Siqueira, técnico agrícola responsável pelo Posto, de que vamos chegar ao final do ano com 700 produtores inscritos e um recebimento diário de, no mínimo, 8 mil litros.

Uma prova concreta de que o otimismo do Siqueira não é exagerado é o aparecimento de novos produtores querendo entrar para a atividade. A cada mês, uma média de 30 novos produtores estão começando a entregar leite no Posto. "O número total de produtores só não é maior, porque muitos deles, por falta de uma melhor estruturação com pastagens e programação de cobertura de animais, ficam afastados da atividade pelo menos até o início da primavera, diz.

Os produtores que conseguiram se manter na atividade durante os meses de inverno são aqueles que, desde o início, já se preocuparam em fazer pastagem para garantir a alimentação do gado. Inclusive, admite o técnico, já se observa uma leve mudança na fisionomia de algumas propriedades com a implantação de áreas maiores com pastagens. "Até um ano atrás, recorda o técnico, nem existiam cercados para pastagens na região. Agora, antes de plantar a aveia, o azevém, a ervilhaca, o produtor cerca a área para facilitar o manejo dos animais no pasto".

MELHOR ACOMPANHAMENTO

Um acompanhamento mais sistemático junto aos produtores de leite da região de Portela tem sido, nesse meio tempo, uma das grandes preocupações do departamento técnico daquela Unidade. A contratação de mais um veterinário e outros dois técnicos agrícolas é mais um reforço para o trabalho de assistência aos produtores da região. "O nosso trabalho não vai se restringir apenas à assistência sanitária, que também é importante. Queremos que o produtor seja orientado na área de alimentação, aquisição e produção de animais", diz ainda o Siqueira, lembrando por outro lado que a maioria dos animais ora produzindo leite são de raça comum e que já existiam na região. Pouco mais de 20 animais de raça, deve ter entrado na região nesse tempo, pois a maioria dos produtores não estão em condições de investir na atividade.

Mas nem por isso o Siqueira acha que os produtores de leite da região tenham de arrancar com grandes investimentos, se a atividade não

está bem estruturada dentro da propriedade. "É claro que o subsídio de 30 por cento melhorou um pouco a situação, mas isso não significa que o produtor tenha de sair comprando animais de raça. Primeiro ele tem que montar a sua estrutura dentro da propriedade, pois senão ele corre o risco de se dar muito mal. Todo o mundo sabe que a raça do animal também está na boca". Ele ainda alerta aos produtores para o perigo de aquisição de animais de terceiros.

DEVAGAR

O Raul Rossi, morador em Belo Horizonte é um exemplo de produtor que prefere andar devagar. Ele começou a trabalhar com leite há um ano com apenas uma vaca. O plantel já aumentou para três animais, sendo duas vacas comuns e uma holandesa, comprada em fevereiro pelo preço de Cr\$ 4.500,00. Ele é proprietário de 5 hectares de terra onde planta soja, milho, aveia e ervilhaca e de um pequeno bolicho que fica sob os cuidados da sua esposa, a dona Inês.

Investiu na compra de um animal de raça um pouco antes da crise e diz que não se arrepende, porque o leite, no seu caso, é uma opção viável, embora ainda não saiba se realmente está tendo algum lucro ou prejuízo. Ele alimenta o gado com pasto e ração concentrada misturada com grãos de soja. Atualmente apenas uma das vacas está produzindo em torno de 15 litros de leite por dia. "Tenho a impressão de que, ao somar todos os gastos, não estou tirando com o leite nem o dinheiro do adubo que usei na pastagem". Mas assim mesmo acha que o dinheiro do leite é seguro. "Plantar soja se tornou uma aventura. Temos que buscar novas opções, que nem o trigo está dando mais".

O CARRO PELAS VACAS

Em plena crise do leite, o Elpidio Weber, proprietário de 10 hectares e meio de terra em Santa Fé, não vacilou nem um segundo quando decidiu, há três meses atrás, vender o carro para comprar duas vacas de raça holandesa e puras de origem, no valor de Cr\$ 4.500,00 cada uma. A decisão foi tomada depois de muitos conselhos de amigos e da própria constatação de que o leite realmente é uma opção para o pequeno produtor.

A produção anda ao redor dos 23 litros diários. Para alimentar os animais o Elpidio utiliza pastagem — ele fez três hectares de aveia e mais um tanto de ervilhaca —, restos de mandioca e milho. Apesar de pouco tempo de atividade o Elpidio já pode sentir que o preço do leite continua ruim, "ainda mais se for comparado com o preço de uma garrafa de cerveja". Mas se o preço melhorar ele até já anda pensando em comprar uma ordenhadeira. "Eu já dei um grande passo comprando de saída dois animais de qualidade". Agora vou andar mais devagar".

PREPARO COM O TEMPO

Quando o Posto de leite de Portela recebia seus últimos retoques e ganhava licença para entrar em funcionamento, o seu Helmuth Guse, proprietário de 127 hectares na localidade de Cedro Marcado já estava pronto para entregar leite. Como parte de suas terras são dobradas e de difícil mecanização, ele foi um dos primeiros agricultores da região a entrar para a pecuária de leite. Mas não foi só esse o motivo: ele também andava em busca de outras alternativas para a propriedade. O plantel do seu Helmuth é formado de 18 animais, sendo que 10 são responsáveis pela produção diária de 80 litros de leite. Sete animais são da raça holandesa, puros, de origem. Além da pecuária de leite,

ele também está investindo na pecuária de corte. Adquiriu recentemente um touro zebu e o plantel é formado ao todo por 22 animais de corte.

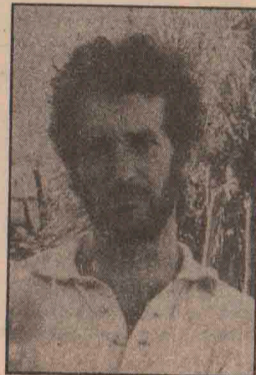
Para manter os animais produzindo, o seu Helmuth plantou nesse inverno 15 hectares de aveia e 5 de azevém. Ele foi um dos produtores que pegou financiamento que a CCGL estava oferecendo. Acha que as forrageiras, além de manter os animais, também são importante para a conservação e recuperação do solo.

Além dos animais de raça, do touro zebu e de um estábulo com capacidade para 12 animais, o seu Helmuth acabou de adquirir uma ordenhadeira para facilitar o trabalho da dona Ivoni, a sua esposa e dos dois filhos, o Dilson de 16 anos e o Décio de 14 anos, os responsáveis pela lida do leite na propriedade. De agora em diante garante que os investimentos vão parar. "O subsídio de 30 por cento veio aliviar a situação

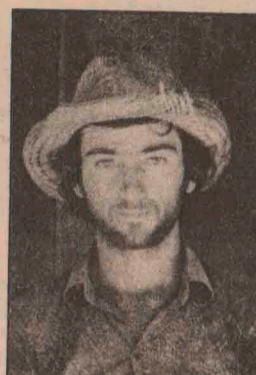


Seu Helmuth e dona Ivoni: o preço poderia ser melhor

do produtor, mas mesmo assim, é meio arriscado fazer qualquer investimento antes que a situação se regularize". Para o seu Helmuth, que também planta soja, milho, trigo, colza, milho, mandioca, amendoim e cria peixes, o preço do leite, para compensar, teria de valer no mínimo Cr\$ 2,60.



Raul Rossi



Elpidio Weber

CULTIVAR O MILHO E FAZER OUTROS PLANTIOS E CULTIVOS, AO MESMO TEMPO, É SEMPRE SUFOCANTE

— Número mínimo de dias agronomicamente secos, esperado em cada mês do ano e para dois tipos de solo (A: arenoso; B: argiloso), na região canaveira do Estado de São Paulo (2).

Meses	Campinas		Piracicaba		Limeira		Jau		Ribeirão Preto	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
janeiro	9	5	11	7	11	0	9	6	11	8
fevereiro	10	4	11	7	10	0	7	0	15	12
março	16	12	18	15	12	17	24	20	15	11
abril	25	22	25	21	21	31	31	31	25	23
maio	28	28	31	31	31	27	26	31	31	31
junho	26	26	27	26	31	31	31	31	31	31
julho	31	31	31	31	31	31	31	30	30	30
agosto	31	31	31	28	30	17	22	21	23	23
setembro	28	27	29	20	18	16	21	19	16	14
outubro	20	19	22	18	18	6	17	12	11	11
novembro	17	11	19	10	11					
dezembro	14	11	13							
Totais	255	227	268	245	252	218	266	239	269	255

Tabela extraída do Manual de Mecanização Agrícola - Autor: Luiz G. Miahle

A época ideal do cultivo do milho coincide com o início de outros plantios e de outros cultivos.

É aí que começam os atropelos. Há pouco tempo disponível para cultivos, já que nesse período a presença das chuvas é uma constante.

Mesmo que se possa passar o cultivador, novas germinações acontecem e muito mato rebrota.

Isso obriga a outras passadas de maquinário e enxadas para tentar resolver o problema. Essas operações tornam-se sufocantes.

Com PRIMEXTRA na pré-emergência, aplicado logo após o plantio, o milho fica inteiramente no limpo, sem germinação nem rebrota de mato. A proteção de PRIMEXTRA permanece durante todo o período em que o milho precisa ficar sem concorrência com as ervas, para não perder produtividade.

Primextra

Primextra 500 FW - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o n.º 015081

CIBA-GEIGY

© Marca Registrada



A rota dos gaúchos

Cresceu este ano o vai-e-vem entre Ijuí e Campo Grande



Três ônibus saem lotados, toda semana, e cumprem um roteiro de 1.450 quilômetros até a capital do Mato Grosso do Sul



No dia 6 de maio de 1981, um ônibus da Turijuí Turismo saiu de Ijuí com destino a Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, iniciando uma rota que hoje leva, mensalmente, centenas de gaúchos ao Centro do país. Da primeira viagem, com apenas seis passageiros, até agora, o salto foi grande: a empresa transporta, nesta época, cerca de 120 pessoas por semana àquele Estado, em três carros. São 1.450 quilômetros, percorridos em aproximadamente 23 horas, num constante vai-e-vem de gaúchos.

Quando iniciou as viagens ao Mato Grosso do Sul, o gerente da Turijuí, Ademir Sommer, apostou na idéia, mas não poderia imaginar que um dia sobrariam passageiros e faltariam lugares. A iniciativa foi da Cotrijuí, que contratou os serviços da empresa para contornar um problema crônico na época. Funcionários da Cooperativa e associados, que também plantavam naquele Estado ou tinham parentes por lá, cumpriam uma verdadeira maratona. Eles eram obrigados a viajar de avião, ou fazer várias baldeações de ônibus para chegar ao Mato Grosso.

No início — relembra Ademir — a Turijuí realizava uma viagem a cada duas semanas. Seis meses depois as viagens passaram a ser semanais, e desde novembro três carros saem com destino a Campo Grande: dois na segunda-feira, e um na quinta. "O Plano Cruzado e agora o período de férias", diz Ademir Sommer, provocaram um aumento no número de

passageiros, e em julho a Turijuí chegou a lotar cinco ônibus, numa única semana.

O TRAJETO

Os ônibus das segundas saem de Ijuí às 16 horas e 30 minutos, seguindo por Passo Fundo, Erechim, Xanxerê, Pato Branco, Francisco Beltrão, Cascavel, Guaíra, Mundo Novo, Eldorado e Dourados, até chegarem a Campo Grande por volta das 15 horas de terça-feira. Estes carros iniciam o retorno às 8 horas de sexta, e chegam a Ijuí às 7 horas e 30 min de sábado. O outro ônibus, das quintas-feiras, sai de Ijuí no mesmo horário, mas tem outro trajeto: passa por Santo Augusto, Frederico Westphalen, Iraí e Chapecó, pegando passageiros pelo caminho, e inicia o retorno na terça-seguinte, às 8 horas, chegando a Ijuí às 10 horas e 30 minutos de quarta.

Esta viagem, que custa 235 cruzeiros, já levou muitos migrantes ao Mato Grosso do Sul, pois nem todos retornam à zona da soja. Antenor Albrecht, motorista da Turijuí, realizou a primeira viagem a Campo Grande, junto com Ademir, e ainda hoje toda a semana cumpre o mesmo trajeto. Ele relembra que, além dos funcionários da Cooperativa, agricultores e familiares, os ônibus da empresa já levaram muita gente que ficou no Centro do país. E entre estes sempre há os aventureiros, que viajam sem garantia de ocupação e com pouca noção do que os espera naquele Estado. "E muitos também terminam voltando", observa Antenor.

AS HISTÓRIAS

De Ijuí a Campo Grande, os passageiros vão ouvindo música gauchesca, contando piadas, trovando e jogando cartas. E não são poucos os viajantes que, com histórias típicas de quem gosta de aventura, atraem a atenção dos demais. Assim, os ônibus da Turijuí já levaram ao Mato Grosso gente que foi para plantar e terminou descobrindo minas de pedras preciosas nas terras do Brasil central. As aventuras saem da boca de contadores de causos, que nem sempre convencem mas divertem o pessoal.

O casal Augusto e Regina Herter, que residem na Linha 15 Norte, em Ajuricaba, é veterano nessas viagens. No dia 21 de julho, embarcaram no ônibus pela terceira vez, para visitar a filha Lori e o genro Genésio Nitzche, que moram há quatro anos no Mato Grosso do Sul. Genésio e Lori decidiram tentar vida nova meio ano depois de casados. Ele foi trabalhar na lavoura de um morador de Ajuricaba, que se deu mal com a agricultura na região do Cerrado e teve de voltar.

Genésio ficou lá mesmo, e se transformou de trabalhador da lavoura em metalúrgico, e lida hoje com outros instrumentos numa fábrica de esquadrias de ferro, em Jaciara. Augusto Herter, que é proprietário de 25 hectares em Ajuricaba e tem mais seis filhos (3 homens e 3 mulheres), todos lidando na agricultura, vai somente fazer visita a Genésio, Lori e aos dois netos, que nasceram no Mato Grosso.

MENOS FRIO

O casal quer mesmo é passear, segundo Augusto, que não sabe se fica "30 ou 60 dias", e explica: "Vamos fugir do frio, por que lá não tem disso". Outros parentes de gaúchos que se mudaram para o Centro têm viajado muito, nos últimos meses, para rever filhos, pais, irmãos ou apenas conhecidos e, ao mesmo tempo, fazer turismo. Ademir Sommer alerta que esse fluxo pode aumentar ainda mais, quando das férias de verão, e dá um conselho: quem quiser viajar no fim do ano, deve providenciar logo a reserva de passagem na Cotrijuí.

Os retardatários poderão enfrentar a mesma situação encarada agora, em julho, por Feliciano de Oliveira Paz, agricultor de Ijuí. Feliciano sonhava há tempo em arriscar a sorte no Mato Grosso, e nas últimas semanas vinha tentando, sem sucesso, conseguir uma passagem. Finalmente, no dia 21, ele chegou mais cedo à fila e viajou pensando em arrendar um pedaço de terra em Sidrolândia (veja no quadro ao lado, nesta página).

A aventura de Feliciano

Feliciano de Oliveira Paz decidiu, em julho, encarar uma empreitada que já levou muitos gaúchos ao Mato Grosso do Sul. No dia 21, ele tomou o ônibus da Turijuí, pensando na vida nova que espera ter em Sidrolândia. "Há tempo venho trazendo isso na idéia", contou ele, antes de embarcar. Feliciano, que é solteiro e tem 35 anos, sempre lidou na agricultura, mas nunca teve terra própria. E vai para o Mato Grosso com planos de arrendar um pedaço de lavoura.

Ele nasceu em Tupanciretã, mas se criou mesmo em Ijuí, na localidade de Faxinal. "Andei plantando num banhado", disse Feliciano, contando que a terra era arrendada. Até o dia da viagem ele não tinha noção de quanto poderia custar um arrendamento em Sidrolândia, mas mesmo assim embarcou otimista. Tem "alguns conhecidos" que já estão lá há alguns anos, lidando com a agricultura em áreas arrendadas, e estes amigos irão hospedá-lo.

Feliciano leva uma mochila com roupas, e não chega a se preocupar com o possível fracasso da empreitada. Ele temia mesmo as confusões que poderiam surgir na viagem, pois chegaria em Campo Grande e logo proprietária um ônibus para Sidrolândia. "Estou com medo de me atrapalhar, pois não gosto dessa história de fazer baldeação. E dizem que a rodoviária de Campo Grande tem dois pisos, e que no Mato Grosso ninguém dá informação". Acontece que o Feliciano não sabe ler. "Minha profissão é carpir, e meu instrumento é a enxada".

PILCHADO

Em Campo Grande, Feliciano irá se misturar a muitos outros gaúchos que deixam o Estado mas fazem questão de mostrar que saíram daqui. Afinal, ele viajou pilchado a rigor, todo de branco, de bombacha e pala de seda. Com outras cores, só os acessórios: um lenço vermelho no pescoço e uma faixa também vermelha na cintura, e um chapéu preto de feltro. No pala branco de seda, listas com as cores do Rio Grande do Sul, o amarelo, o verde e o vermelho.

"Tomara que tenha CTG por lá", dizia o gaúcho, que gosta de fandango e não quer sentir saudades das festas no Centro de Tradições Farroupilha, de Ijuí. Depois de pegar a passagem para Campo Grande, na Cotrijuí, Feliciano aproveitou o pouco tempo que restava, antes do embarque,

para dar uma volta e se despedir dos amigos, pois estava convencido de que iria mesmo para ficar. Toda a semana ele aparecia na Cotrijuí à procura de passagem, e vinha adiando a viagem há quase um mês por falta de lugar no ônibus. Feliciano viajou contente, mas promete voltar de vez em quando. "A cada fim de ano eu volto, não dá para se abandonar Ijuí".



Augusto e Regina fogem do inverno



Ademir Sommer



Antenor Albrecht



Feliciano Paz

Críticas às importações

"A solução adotada pelo governo federal para tentar suprir o abastecimento da população importando alimentos do exterior, é altamente danosa para o país. Com esse expediente simplista, sem nenhuma criatividade, o governo penaliza o produtor brasileiro com preços incompatíveis com a realidade do mercado e ainda pulveriza divisas acumuladas com tanto sacrifício, em gêneros alimentícios que temos produzido aqui e estão à espera de mercado".

A declaração é do deputado federal Aldo Pinto (PDT), candidato a governador do Rio Grande do Sul, ao conceder entrevista exclusiva para o Cotrijornal, em sua residência de Porto Alegre. Concentrando críticas no pacote econômico do governo, afirmou que as importações de alimentos são tremendamente perigosas não só para o nosso Estado como para o país, pelo fato de desestruturar a economia.

Chama a atenção para o fato do governo importar feijão, trigo, soja, arroz, carne, batata-inglesa e leite, todos produtos que o Rio Grande do Sul pode produzir, no caso de receber os estímulos que estão faltando. Acha que no futuro vamos pagar em dobro por esses produtos. Hoje, quem está exportando a preços alta-



Pinto quer a diversificação

mente subsidiados, vai impor os preços que quiser, em detrimento do nosso povo consumidor e dos próprios agricultores.

COOPERATIVISMO

O deputado se proclama cooperativista, "por ação e coração". Diz que também o seu partido é cooperativista, "sendo o único partido do Brasil que tem o cooperativismo inscrito no seu programa de ação". E enfatiza: "Somos cooperativistas porque optamos por um socialismo democrático".

"Uma vez eleito governador dos gaúchos dedicarei atenção especial às nossas cooperativas", promete o candidato. E diz que é inadmis-

sível que um governador fique dentro do Palácio despachando com vereadores e doando verbas para correligionários, enquanto os que produzem alimentos têm que se deslocar sozinhos para Brasília e mendigar recursos sem ter a necessária assessoria.

"As cooperativas gaúchas, que são pioneiras em várias atividades e principalmente na implantação de infra-estrutura, como armazenagem, transportes e até terminais portuários, que propiciaram a capacidade que temos de exportar, tanto interna quanto externamente, vão receber atenção especial de meu governo", enfatizou Aldo Pinto.

Entende que o momento é de diversificação de culturas, pois o produtor, especialmente o pequeno, precisa cercar-se de maiores opções para enfrentar as oscilações de mercado. Acha que o nosso Estado, que tem o maior número de microclimas do País tem condições de aproveitar bem essa diversificação.

Aldo Pinto anuncia que não vai permanecer entre as quatro paredes do Palácio Piratini, mas estará ao lado com os cooperativistas, reivindicando junto e enfrentando suas próprias lutas. Quer apostar no sistema e trabalhar por ele, porque assim estará "efetivamente trabalhando por seu Estado e pelo Brasil".



Safra deste ano pode chegar a 500 toneladas em Dom Pedrito

Azevém: cresce a produção em Dom Pedrito

O município de Dom Pedrito sempre foi um grande e tradicional importador de semente de azevém. Apesar do bom potencial dos campos e condições gerais ideais para a produção da espécie, a solução esbarra sempre na secagem do grão. Ou era colhido muito seco e se perdia na lavoura pela debulha natural, ou era colhido verde e não dava semente de boa germinação.

Hoje, graças ao trabalho desenvolvido pelo setor agrotécnico, essa situação está se invertendo. É possível que a Cotrijuí venha a receber nesta safra até 500 toneladas. A previsão é do agrônomo Ademar João Rosso, gerente agrotécnico da Cooperativa. Já no ano passado, lembrou o agrônomo, a Cotrijuí recebeu e comercializou 250 toneladas de gramínea.

Ele conta como foi que se chegou a esse bom resultado. Antes, a colheita era feita com o grão em umidade média de 18 a 20 por cento. Isso povocava muita quebra na lavoura. "Passamos a desenvolver uma série de experiências com o envolvimento da direção, setor agrotécnico e produtores de semente. A idéia inicial era aproveitar o bom potencial da região para produzir, liberando o município da necessi-

dade de importar o produto".

Os problemas que se colocavam eram como receber e acondicionar de forma adequada grandes quantidades de semente, já que esta é cultivada em grandes áreas e a colheita é simultânea. Como secar elevadas quantidades, sem prejudicar o poder germinativo da planta? Como agilizar a colheita sem criar necessidade de aumentar a mão-de-obra junto à propriedade, mantendo a qualidade e pureza da semente?

O agrônomo Ademar Rosso diz que foi desenvolvido intenso trabalho junto aos órgãos de pesquisa, com o apoio de literatura técnica. Mas a solução foi encontrada dentro da estrutura interna da Cotrijuí. Sem necessidade de novos investimentos, foi usada alguma capacidade ociosa existente nos armazéns e o processamento da colheita com umidade em torno de 25 a 30 por cento.

Em síntese, esse é o segredo da descoberta. Mas o processo, em níveis técnicos, recebeu uma série de tratamentos, cujos detalhes o agrônomo Ademar Rosso vai revelar através de literatura técnica ainda em fase de elaboração.

Um livro sobre as charqueadas

A série de reportagens publicadas pelo Cotrijornal, nos últimos meses, tendo como tema as estâncias e as charqueadas, será transformada em livro. O jornalista Raul Quevedo, que realizou o trabalho, irá complementar os textos com outras informações sobre a origem e a evolução da economia pecuária na América Meridional, abordando não só a situação do Rio Grande do Sul, mas também dos países

do Prata. O livro, "As Estâncias e as Charqueadas", terá como subtítulo "Pedritense/Cotrijuí - 50 Anos", numa alusão aos 50 anos de fundação da antiga charqueada da Cooperativa Pedritense, que desde 1977 pertence à Cotrijuí. A obra deverá ser lançada até o dia 8 de novembro, data do aniversário, e terá o patrocínio da regional da Cotrijuí em Dom Pedrito.

NA MAIORIA DAS VEZES, O CULTIVADOR OU AS ENXADAS SÃO PASSADOS QUANDO O MATO ESTÁ BEM-EMERGIDO



Cortado nesse momento, o mato já prejudicou a produtividade da lavoura. Já absorveu boa parte do adubo e da umidade que nesse período são vitais para o bom desenvolvimento das plantas. PRIMEXTRA não deixa isso acontecer.

Com ele não há germinação das ervas e o milho cresce no limpo, com força total.

Primextra

Primextra 500 FW - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 015081

CIBA-GEIGY

58/4/86

© Marca Registrada



Em 77, a solução

Em crise, a Pedritense decidiu incorporar-se à Cotrijuí

João Clóvis Gonçalves Maia, pecuarista, natural de Dom Pedrito — mais conhecido por Jango Maia — foi o último diretor-presidente da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoril. Foi eleito numa das mais concorridas eleições da história da cooperativa, mas abriu mão espontaneamente do cargo quando se propôs a lutar pela incorporação à Cotrijuí. Ele entende que "acima do homem está a comunidade, cujos direitos se sobrepõem às situações individuais."

Dizendo-se avesso, por temperamento e convicção, à titularidade de cargos, conta que aceitou concorrer à presidência porque a cooperativa lutava com muitas dificuldades. A situação financeira era caótica, agravada ainda mais pela falta de capital de giro e pela desagregação do quadro social. Esse era o perfil da cooperativa, como também ocorria com a maioria das co-irmãs.

INTEGRAÇÃO

Mas Jango Maia ressalta o que classifica de "alto quilate" dos componentes do conselho de administração, que muito lhe serviram de estímulo e apoio no grande desafio de sua vida, que foi a decisão de iniciar uma nova era no cooperativismo. Isso resultou na integração do cultivo do grão lá da Região Pioneira com a pecuária da Campanha.

Historiando para o Cotrijornal a participação na última fase da Pedritense,



Jango Maia: situação era caótica

revelou que antes de ser eleito presidente, anos antes tinha sido membro do conselho de administração e não disputou a reeleição porque já sentia as dificuldades que o sistema enfrentaria. Mas durante sua passagem pelo conselho, teve desperdiçadas idéias renovadoras.

Tempos após, procurado por um grupo de associados para concorrer à presidência pela situação, aceitou o novo desafio, mas já com uma nova ótica sócio-econômica. Entendia que, se eleito, teria condições de encontrar soluções definitivas. Dom Pedrito já deixara de ser uma ilha, contando com ligações asfálticas com Porto Alegre e Rio Grande.

FRIGORÍFICO

Para Jango Maia, o grande problema da cooperativa, na época, era o frigorífico. Por isso que, ao assumir a presidência, se dedicou à busca de solução. Confessa que chegou a pensar em transformar o estabelecimento em abatedouro de cavalos. Achou, que sendo um produto que tem mercado firme no exterior, poderia auxiliar a cooperativa na sua luta por melhores dias. O Conselho nem ficou sabendo dessa intenção, porque ele mudou de idéia em seguida. É que falou mais alto seu espírito de gaúcho, que tem no cavalo "a sombra subjacente da própria consciência".

Além desse sentimento atávico que o limitou, diz Jango Maia, não pôde levar adiante a idéia de um frigorífico polivalente pelos problemas econômicos e financeiros existentes. Ponderou que por estar fazendo um depoimento para a história, devia relatar alguns detalhes mais pormenorizados sobre a sua administração.

Disse ter pensado também em instalar uma cozinha industrial, mas só para atender o mercado interno. E ressaltou a integração com o Lanifício Valuruguai,

iniciativa do grande amigo Teco Brum, então presidente da Pedritense. Sobre o período da incorporação, que no seu entender era a única solução possível, disse lembrar que após reunião na Fecocarne, teve a atenção despertada para o potencial imenso da Cotrijuí.

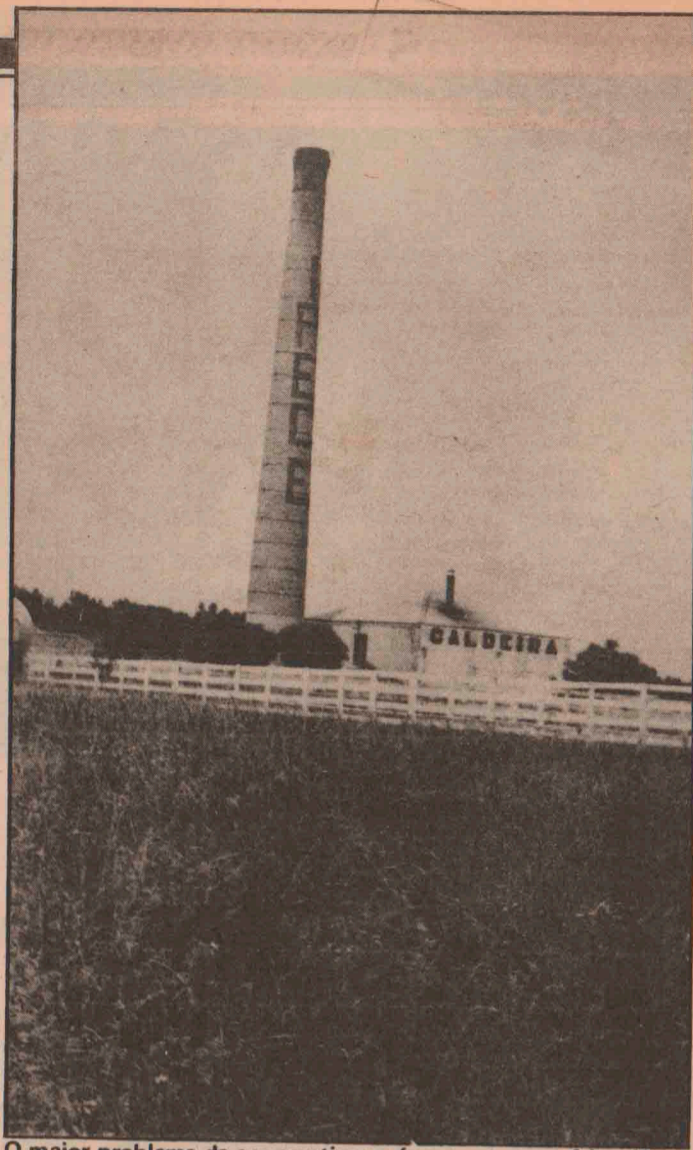
INCORPORAÇÃO

Com o apoio do Conselho, partiu para os entendimentos. Começou pela Cotriexport (Cia. de Comércio Internacional), onde conhecia Israel Scatrut, falecido logo depois em acidente automobilístico. Recorda com saudade aquele que demonstrou tanto entusiasmo pela idéia. Através de Israel Scatrut chegou ao então presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, atual presidente do In-cra, que demonstrou desde logo entusiasmo pela incorporação, concretizada em dezembro de 1977.

Ressaltou Jango Maia que "o Ruben vibrou com o plano, confessando que seu grande sonho era unir este Rio Grande através da grande consorciação do grão e do boi". O serrano e o fronteirista

coabitando uma grande casa, representada na bandeira do cooperativismo.

Concluiu manifestando a convicção de que a Cotrijuí transformou-se hoje num ponto de referência do progresso de Dom Pedrito, fazendo jus ao esforço de todos que lhe antecederam, ocupando dignamente o seu tempo e o seu espaço. "Há 50 anos um grupo de homens bravos e nobres lançou a semente da grande árvore que nasceu pedritense e hoje se chama Cotrijuí. Penso, disse Jango Maia, que estamos todos de parabéns".



O maior problema da cooperativa na época estava no frigorífico

Uma jornada de até 12 horas por dia

Nesta série de reportagens sobre a velha charqueada da Cooperativa Pedritense, temos contado histórias, mas sempre do ponto de vista dos dirigentes e associados que ocuparam cargos no conselho de administração. A história, pelo lado do empregado, ainda não tinha sido contada. Nesta reportagem vamos mostrar a charqueada por dentro. Quem fala é Dirceu Coutinho Leite, que se aposentou em 1976, após completar 40 anos de serviço na cooperativa.

Ele ingressou em 1936, na função de contínuo, ainda rapaz. Tem orgulho de dizer que nunca faltou um dia ao trabalho. Recorda que começou em novembro de 1936 — mesmo mês e ano da inauguração da cooperativa. Como a charqueada só começou a abater na safra de 1938, antecipou-se à própria era industrial do estabelecimento.

Era diretor-presidente o dr. Oscar Cameiro da Fontoura; diretor-comercial, Arthur Lipes Villamil de Castro e diretor-gerente, Agapito de Leon. Para ele, este último foi o grande construtor e mantenedor da cooperativa. E não só porque deu suporte financeiro, mas principalmente porque agia como seu verdadeiro "anjo da guarda". Era sempre o primeiro a chegar e o último a sair. Estava sempre junto dos empregados, mesmo de madrugada, quando começavam as matanças.

Seu Agapito, inclusive, era homem valente, desses que não levam desaforo para casa. Dirceu recorda que ele teve

uma alteração com o chefe das obras (o engenheiro Cassiano Alberto Lorenzo Fernandez), em plena via pública, quando chegou a erguer um rebenque para bater no homem. O engenheiro não apanhou porque conseguiu entrar no automóvel e dar partida, em alta velocidade. Mas Dirceu faz questão de afirmar que o "seu Agapito não era homem de provocar ninguém, e se brigou é porque tinha razão". Segundo um zum-zum que se ouviu na época, o engenheiro tinha errado no orçamento da obra, e o desentendimento teve origem por motivo de dinheiro.

O DIA-A-DIA NA CHARQUEADA

E como é que transcorria o dia numa charqueada? O dia começava cedo, de madrugada. Dependendo da quantidade de gado a ser abatido, começava às três horas. Em algumas charqueadas a jornada podia começar até a meia-noite. Na Pedritense, não lembra do trabalho haver sido iniciado antes das três horas. O mais normal é que iniciasse às quatro horas. Mas a jornada se prolongava por 10 a 12 horas, durante a safra, e não tinha sábado nem domingo, pois a safra era contada por dia corrido. O apito chamava os trabalhadores.

Recorda que em época de safra ninguém na cidade passava mal. As miudezas das reses eram dadas de graça para quem fosse apanhar. Mocotó (patas), mondongo, rabada, peito, coalheira, pes-

coço e até costela para churrasco. Por pitoresco, lembra que as línguas bovinas eram rejeitadas pelos tripeiros (assim chamados os que iam pedir as sobras na charqueada), até que um inglês apareceu em Dom Pedrito e contratou a compra de toda a quantidade dessa miudeza. As línguas eram remetidas para Bagé, industrializadas, e embarcadas para a Inglaterra. Depois disso, o povo também se interessou pelas línguas.

Funcionário do escritório, não tra-

balhava na cancha de esfolamento. Deu para ver o quanto era difícil e penoso aquele serviço. O pessoal estava sempre molhado, for causa da água ou do sangue das reses abatidas. O ambiente era de dor e sofrimento, mas isso não influiu muito no comportamento dos operários, porque naquele tempo, em que não existiam as leis trabalhistas, a vida era dura mesmo para todos os trabalhadores. (Raul Quevedo)



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

A Cotrijuí dispõe de sua própria Corretora de Seguros, prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure sempre a nossa orientação.

Seja você o próximo a usar estes serviços, pedindo quaisquer informações sobre Seguros em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.

Em Ijuí: rua das Chácaras, 1513 — fone 332-2400

As atividades do trimestre

Nos meses de abril, maio e junho, em função da colheita da soja, as atividades da equipe de Recursos Humanos - Educação Cooperativa - ficaram mais restritas a contatos com associados, visando um bom recebimento da produção. Através destes contatos, o associado recebeu todas as informações necessárias a respeito dos descontos, datas e horários de atendimento, preços, quebras na produtividade, entre tantos outros assuntos levantados.

Em algumas unidades o trabalho de reuniões, mesmo no período de colheita da soja, foi ainda mais intensificado. As discussões envolveram toda a família, procurando conscientizá-la da importância da entrega da produção na Cooperativa. No balanço final o saldo foi positivo, pois apesar da quebra da safra, em função da estiagem, o recebimento de produto superou o orçado, chegando a atingir 204.393.904 quilos de soja apenas na Regional Pioneira. Estão incluídos nesse total 7.444.380 quilos de soja entregue por pro-

dutores associados da Cotrisa de Santo Ângelo.

PREPARAÇÃO PARA AS ELEIÇÕES

A partir de junho intensificaram-se as reuniões preparatórias para as eleições dos representantes a realizar-se em 22 de agosto. As reuniões continuam pelo interior de todas as unidades da Pioneira, como forma de mostrar aos associados de um modo geral, a importância do representante junto a Cooperativa.

Nesses três meses foram realizadas um total de 141 reuniões, - ver quadro de nº 1 - envolvendo associados e familiares, esposas e filhas de associa-



Foram realizadas 183 reuniões com associados da região

dos, novos associados e estudantes. Assuntos tratados: recebimento de safra, comercialização, preços dos produtos, pacote econômico, culturas de inverno, diversificação, leite, situação econômica e financeira da cooperativa, estrutura do poder e eleição dos representantes, projeto cooperado de suínos, proje-

to de integração da família rural, Ações Integradas de Saúde, consumo, cooperativismo, entre outros.

Com os representantes eleitos foram realizadas no período de abril, maio e junho um total de 22 reuniões. Nessas reuniões foram tratados assuntos referentes: pedidos de admissão e demissão de associados, recadastramento de associados, convênio com outras cooperativas, recebimento de safra, subsidiárias, milho da CFP, renovação convênio Cotrijui-Unimed, projeto cooperado de suínos e Central de Carnes, Ações Integradas de Saúde.

Ainda nesse mesmo perío-

do a equipe de Educação Cooperativa andou realizando reuniões com lideranças da região, num total de 20 - ver quadro 2 -. Nas reuniões foram discutidos assuntos sobre as comissões de consumo, o V Encontro de Integração da família rural, o hospital Bom Pastor, as eleições dos representantes, a sindicalização da mulher, o boicote do leite, o projeto de recebimento de semente a granel e a bonificação da semente de trigo.

Os funcionários também foram atingidos pelo trabalho da equipe de recursos humanos. Várias atividades - treinamentos, cursos, palestras e estágios, envolveram o quadro funcional da Cooperativa. No mês de abril as atividades junto ao quadro funcional atingiram um total de 219 funcionários, em maio 484 e em junho 308, totalizando 1.011 funcionários. Além de todas estas atividades, a equipe está trabalhando na organização da biblioteca da Cooperativa, onde estão concentrados livros de todos os setores.

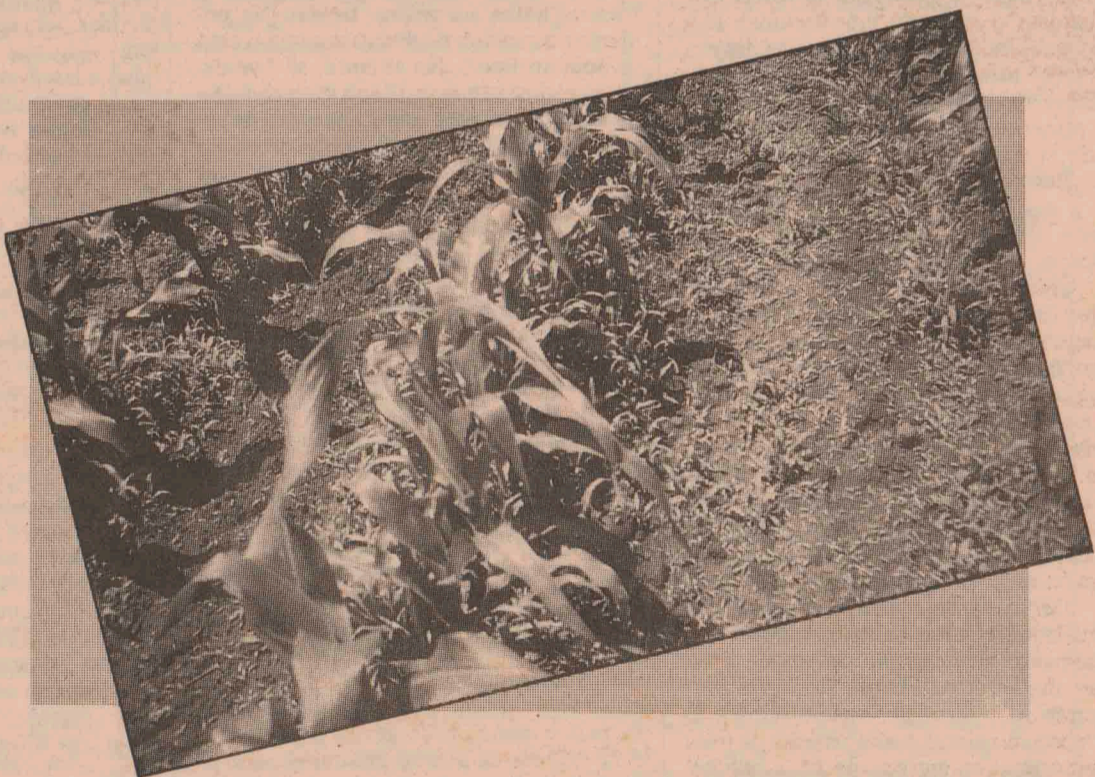
QUADRO DE PARTICIPAÇÃO

REUNIÕES	Nº de Reuniões	PARTICIPANTES	
		Total	Média
Associados/familiares	49	1.138	23
Esposas e filhas de associados	75	1.021	12
Novos associados	05	76	15
Jovens/estudantes	12	411	34
TOTAL	141	2.646	18

REUNIÕES COM LIDERANÇAS

	Nº de Reuniões	PARTICIPANTES	
		Total	Média
Líderes de núcleos cooperativos de esposas e filhas de associados	06	124	20
Líderes associados	02	125	62
Conselho produtor: - Semente	04	157	39
- Leite	A Comissão do Leite das diversas Unidades reuniu-se juntamente com os Representantes Eleitos, cujo nº de reuniões já foi computado no respectivo quadro - 1.2.		
Comissão de Saúde	04	53	13
- Agentes de Saúde	01	25	25
- AIS	03	125	41
TOTAL	20	609	30

NAS LINHAS DO MILHO, ONDE AS ERVAS MAIS PREJUDICAM, O CULTIVADOR MECÂNICO NADA PODE FAZER



O cultivo mecânico, mesmo que bem-executado, é falho como método de controle de mato, já que onde deveria ser eficaz, que é na linha do milho, não pode entrar. Limpando apenas as ruas da lavoura, o cultivador mecânico deixa as linhas cheias de mato que compete com o milho em adubo e umidade no solo. PRIMEXTRA deixa a cultura toda no limpo. Com PRIMEXTRA toda a umidade e o adubo presentes no solo beneficiam somente a lavoura.

Primextra®

Primextra 500 FW - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 015081

CIBA-GEIGY

© Marca Registrada



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS

- Seguros Residenciais
- Seguros de Vida em Grupo
- e Acidentes Pessoais
- Bilhete Obrigatório

A SERVIÇO DA COTRIJUI E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS

Tendência perigosa

Os países pobres vendem cada vez menos

Argemiro Luís Brum
Montpellier — França

O seminário organizado pela Sociedade Francesa de Economia Rural-SFER, nos dias 14 e 15 de maio em Paris, contou com a participação de economistas dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental, além de claro dos próprios franceses. O tema central foi "A agricultura na competição internacional". O assunto principal das discussões foi os altos estoques de matérias-primas agrícolas, a estagnação do consumo no mercado mundial e a conseqüente baixa nos preços das mercadorias.

Este é assunto mundial, que não interessa apenas aos chamados países subdesenvolvidos, como os mais apressados podem querer afirmar. É claro que estes países, na medida em que possuem economias mais fracas, sentem mais o problema. No entanto, o problema é muito mais profundo e por conseqüência mais grave do que aparenta. É com o objetivo de explicar a tendência do mercado agrícola mundial e colaborar para que se desenvolvesse um sério debate sobre esta questão aí entre nós que apresentou aqui uma rápida análise, em dez pontos, do que considero fundamental sobre o assunto.

Ponto 1 — É preciso ter claro que não são mais os produtos agrícolas que comandam o mercado internacional. Hoje no mundo apenas 17 por cento das exportações totais de mercadorias são representadas pelos produtos primários, inclusive minérios. Em 1966 esta participação era de 31,6 por cento do total mundial.

Ponto 2 — Ao mesmo tempo em que a agricultura perde importância em termos de volume comercializado, no mercado internacional, a participação dos países subdesenvolvidos ou do chamado Terceiro Mundo vem caindo assustadoramente. Hoje os grandes países desenvolvidos participam com 50 por cento da produção agrícola mundial enquanto os países subdesenvolvidos participam apenas com 22 por cento deste total. Com o agravante que metade destes países do Terceiro Mundo dependem de dois ou três produtos de base para garantir 75 por cento de suas receitas com as exportações.

De imediato temos duas constatações. Os produtos agrícolas diminuem sua participação no mercado mundial e os países do Terceiro Mundo vêem sua participação se reduzir ao mesmo tempo. E isto que em valores a exportação de produtos primários cresceu de 65,2 bilhões de dólares em 1966 a 316,8 bilhões em 1982, segundo dados da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento. Em outras palavras, o Terceiro Mundo tem uma menor fatia do bolo.

Ponto 3 — Se por um lado o comércio agrícola já não é mais tão importante no total mundial, e com ele o comércio efetuado pelos países subdesenvolvidos, pelo outro lado ele está sofrendo hoje uma grande produção sem consumo correspondente. A conseqüência é as enormes quantidades de produtos em estoque. Nos Estados Unidos, por exemplo, os estoques no dia 1º de abril de 1986 estavam em 160 milhões de toneladas para o milho

(+ 50 por cento sobre 1985), 57 milhões de toneladas para o trigo (+ 12 por cento) e 32 milhões de toneladas para a soja (+ 31 por cento), segundo as últimas estatísticas do principal produtor mundial de alimentos, publicadas no jornal francês *Le Monde*, do dia 03.05.86 na página 27.

Isto tudo acentuado por um claro recuo no consumo dos países desenvolvidos e por investimentos importantes, destes países, na produção de produtos de substituição às importações. O caso do farelo de soja brasileiro no mercado da CEE, que estamos mostrando há mais de um ano, é um exemplo típico.

Ponto 4 — Os países desenvolvidos modernizam cada vez mais seu parque industrial e com isto o processo industrial exige menos matérias-primas. A utilização da ervilha proteagínica nas rações para suínos na França fez cair a participação do farelo de soja, em certos casos, nestas rações industrializadas, de 25 por cento em 1980 para 2 por cento atualmente.

Ponto 5 — Pelo lado dos países subdesenvolvidos a contradição se instala na medida em que, mesmo com esta tendência crítica de super-produção mundial, eles continuam tentando aumentar a produção. Certo, isto corresponde a uma escolha econômica derivada de uma escolha política feita nos anos 70. Afinal, é preciso justificar os grandes investimentos feitos ao mesmo tempo que privilegiar as fontes de divisas como é o caso da soja no Brasil. No entanto, se é verdade que precisamos estimular a produção de exportação para pagarmos a dívida externa, também é verdade que no estágio atual esta política faz baixar ainda mais os preços no mercado mundial. Afinal, já está sobrando produto.

Ponto 6 — Como conseqüência geral dos pontos anteriores, temos o seguinte: a situação atinge todo o mundo. Assim, nos Estados Unidos, segundo o senhor Martin Abel, palestrante no seminário referido no início deste artigo, presidente da Abel, Daft & Earle com sede em Washington, 25 por cento dos produtores norte-americanos estão falidos e outros 25 por cento necessitam de sérios ajustamentos econômicos para saírem da crise. Afinal, os preços recebidos por eles diminuíram de 9,1 por cento entre abril de 1985 e abril de 1986, enquanto a inflação no período ficou entre 2,5 por cento a 3 por cento. Ao mesmo tempo os custos de produção baixaram apenas 2,4 por cento. Assim, a renda agrícola líquida para o ano de 1986 deverá ser entre 21 e 25 bilhões de dólares contra 29 a 32 bilhões o ano passado, para o conjunto do setor primário.

Ponto 7 — Como resultado temos a forte ajuda financeira que os países, como os Estados Unidos, dão às suas agriculturas para manter "vivos" seus produtores. Isto custa caro, muito caro. Aliás é o grande debate que se faz hoje aqui na Europa em função da Política Agrícola Comum. Isto põe os países desenvolvidos frente a um dilema insolúvel sobre esta questão. Como reduzir o preço dos produtos agrícolas no mercado, para fazer aumentar o consumo, mantendo ao mesmo tempo a renda dos produtores e reduzindo os custos no orçamento, isto é, a ajuda financeira ao setor rural?



Na França, já se fala em vender produtos agrícolas para o Terceiro Mundo

Embora os três acontecimentos sejam impossíveis de se realizarem ao mesmo tempo, coisa que a teoria econômica explica, o Congresso norte-americano por exemplo já decidiu cortar no orçamento. Dos 70 bilhões de dólares previstos pela Casa Branca aos produtores rurais, foram aprovados apenas 52 bilhões para este ano. Isto deverá fazer os produtores produzirem mais para pagarem suas dívidas, pelo menos num primeiro momento. Isto faz baixar preços.

É por isto que uma das principais políticas dos Estados Unidos é pagar para não plantar, processo pelo qual o pagamento é feito em produto tirado dos estoques. No entanto, os produtores, através das tecnologias existentes, e com as dívidas para serem pagas, conseguem sempre aumentar a produtividade das terras plantadas. É o típico exemplo da soja naquele país, este ano.

Ponto 8 — Temos então a constatação de que uma guerra comercial, em função dos produtos agrícolas, se instala. Na medida que todos os grandes produtores do planeta estão mais ou menos na mesma situação, a tática é negócios bilaterais, (de país para país) doa a quem doer. É neste contexto que entra o programa BICEP dos Estados Unidos. O exemplo que se passa entre os dois grandes da produção primária mundial, CEE e EUA, é muito claro. É impossível gerar pacificamente os estoques na medida em que eles crescem sempre porque o consumo não acompanha a produção.

Isto faz com que a batalha dos excedentes vá muito além das quantidades e dos preços entre produtores para cair sobre os consumidores e os acordos internacionais de produtos. Está aí o estouro no acordo do açúcar, do estanho e principalmente do petróleo, para confirmar. Fatos, aliás, que mostram que a situação é geral em termos das matérias-primas de base.

Assim, os países desenvolvidos sabem que a chave do problema é diminuir os estoques e para tanto organizar melhor a oferta dos produtos agrícolas. Em outras palavras, a solução passa por um ajustamento da produção de matérias-primas.

Ponto 9 — A o mesmo tempo em que é preciso controlar a produção, ficou nítido nos debates do seminário francês que o potencial que resta em termos de consumo está nos países subdesenvolvidos. Ora, a dívida e a capacidade de pagamento destes países permitirão que eles cumpram este papel de consumidores de produtos agrícolas?

Para o responsável do comissariado

geral do planejamento francês, senhor Alain Azouvi, a França tem como certo que os países do Terceiro Mundo serão compradores de seus produtos agrícolas na medida em que não colocar barreiras às exportações dos produtos industriais que virão destes países. Assim, no Brasil por exemplo, para vendermos produtos industriais no exterior, poderemos importar carne bovina. Na medida em que nosso mercado interno não deslanchar, os senhores já imaginaram os estragos que tal política poderá fazer em nossa agropecuária, hoje quase toda ela ainda voltada para as chamadas culturas de renda visando a exportação?

Uma guerra permanente

Ponto 10 — Enfim, como último ponto, podemos concluir com uma afirmação do senhor Philippe Chalmrin, um dos grandes estudiosos franceses do mercado mundial de matérias-primas, ao encerrar sua exposição no seminário de Paris: "Podemos resumir a tendência do mercado agropecuário mundial da seguinte forma: preços em baixa, esperando uma retomada que poderá vir somente nos anos 90, quem sabe mesmo daqui a 10 anos. Mercados instáveis onde a negociação internacional não alcançará resultados convincentes. Situação que será marcada pela decadência dos mercados a termo nas Bolsas de Mercadorias e também dos negociantes que nele atuam. Enfim, um comércio onde as guerras comerciais serão permanentes, alimentadas pelas políticas dos Estados participantes".

É por isso que um acidente nuclear como o de Tchernobyl na URSS, apesar de ter ocorrido em uma região de forte produção agropecuária soviética (20 por cento do total de cereais, 48 por cento do total de girassol, 27 por cento do total da produção de suínos, 23 por cento da produção total de leite, 32 por cento da produção total de frutas, somente para citar alguns exemplos), não ocasionou até agora que algumas rápidas altas especulativas nos preços nas Bolsas de Mercadorias pelo mundo afora. Segundo parece é preciso muitos Tchernobyl para fazer os preços subirem de forma compensadora, tal é a situação de oferta que se possui atualmente. Como diz o ditado: "Para bom entendedor, meia palavra basta".

Treinamento para filhos de associados

Vários treinamentos em cooperativismo e agropecuária para filhos de associados — dando ênfase para o aspecto da diversificação de culturas dentro da propriedade — está em andamento no Centro de Treinamento da Cotrijuí. O treinamento iniciou no dia 11 de agosto para o primeiro grupo de 12 “alunos estagiários”. Cada grupo deverá permanecer no CTC durante duas semanas, recebendo aulas teóricas e realizando trabalhos práticos. Durante as duas semanas de treinamentos os filhos de associados ouvirão falar de: cooperativismo; diversificação agropecuária, integração lavoura e pecuária; uso, manejo e conservação do solo; criação de aves e suínos em regime semi-extensivo; criação de peixes e abelhas; criação e terminação de bovinos de corte, ovinos e pecuária de leite; cultivo e armazenamento de forrageiras; fruti-silvicultura; plantas medicinais; horticultura; controle biológico; compostagem; culturas alternativas e hortigranjeiros.

A gerência do CTC está buscando junto a SENACOO — Secretaria Nacional de Cooperativismo, com boas perspectivas de acerto, a cobertura dos custos destes treinamentos para que o estagiário não precise fazer nenhum gasto. De qualquer forma, o Rivaldo Dhein, gerente do CTC, informa que cada estagiário deverá trazer sua roupa de cama — lençol e fronha —, toalhas e material de higiene. Os filhos de associados interessados em participar do treinamento deverão fazer suas inscrições nas Unidades da Cotrijuí.



A localização das colmeias é importante

Aperfeiçoamento

O Departamento técnico da Cotrijuí em Tenente Portela e mais a Associação Portelense de Apicultores — a APA —, organizou, para os dias 7 e 8 de agosto, um curso de aperfeiçoamento para os apicultores da região. O curso contou com a participação do prof. Aroni Satler, da Estação Experimental de Taquari, o responsável pelas palestras e esclarecimentos técnicos. Os apicultores que compareceram a Afucotri de Portela, para participar do curso, ouviram falar de cuidados com abelhas, alimentação

adequada, materiais apícolas, manejo de colmeias, colheita do mel, localização das colmeias, entre outros assuntos. Um novo curso, desta vez visando atingir apenas os alunos de oitavas séries das Escolas de Vista Gaúcha, Capoeira Grande, Bom Plano e Barra da Guarita, deverá acontecer até o final do mês. Este curso está sendo organizado pelo Departamento Técnico da Cotrijuí com a colaboração da Secretaria Municipal de Educação do Município.

O plantio de pequenas culturas

Francisco Salla

O pepino prefere clima quente, não suportando temperaturas muito baixas. A época normal de plantio vai de agosto a abril. Não é exigente em fertilidade e produz muito bem entre a faixa de pH de 5,8 a 6,5. Requer solos leves e ricos em matéria orgânica.

O plantio é feito pela semeadura direta na cova ou no sulco, semeando-se 3 a 4 sementes por cova, a uma profundidade de 2 centímetros. O espaçamento depende do tipo de condução da cultura. Se a produção for destinada a conservas, pode-se usar o espaçamento de 1 metro por 50 centímetros, ou 1,20 metros por 40 centímetros em culturas rasteiras. O desbaste das plantas em excesso deve ser efetuado quando as mesmas apresentarem 3 ou 4 folhas definidas, deixando apenas as 2 melhores em cada uma das covas.

A primeira adubação de cobertura deve ser feita após o primeiro desbaste, utilizando 10 gramas de sulfato de amônio por cova. A segunda aplicação deverá acontecer 30 dias mais tarde.

A polinização do pepino depende, essencialmente, das abelhas. Suas flores necessitam de 8 a 10 visitas dos insetos para serem polinizadas satisfatoriamente e produzirem uma alta percentagem de frutos. Como o trabalho das abelhas é mais intenso pela manhã, recomenda-se que as pulverizações com defensivos sejam realizadas à tardinha. Pode-se plantar no meio da lavoura de pepino uma fila de abobrinha italiana, cultivar Caserta, que é preferencialmente atacada pelas mesmas pragas que atacam o pepino. Essa particularidade facilita o combate as pragas, pois as pulverizações podem ser feitas apenas nas abobreiras.

A colheita do produto para conserva deverá acontecer quando os frutos estiverem com 2 a 3 centímetros de diâmetro e 6 a 10 centímetros de comprimento. Para saladas os frutos vão sendo colhidos na medida em que forem atingindo o tamanho normal, ou seja, de 3 a 4 centímetros de diâmetro e 18 a 20 centímetros de comprimento.

O MELÃO

A cultura do melão vem se expandindo na Região Pioneira. O melão exige temperaturas amenas para quente. Temperaturas altas com clima quente e seco aumenta o teor de açúcar nos frutos, deixando-os mais saborosos, aromáticos e consistentes.

O melão é a cucurbitácea mais exigente em fertilidade, somente produzindo bem em solos cujo pH está situado na faixa de 6,0 a 7,0, devendo além disso, apresentar textura leve e boa fertilidade. É uma cultura que tira ótimo proveito da aplicação de calcário, provocando aumento na produtividade e no tamanho dos frutos.

Para o plantio, fazer a abertura de linhas espaçadas de 2 metros, com sulcos de 15 a 20 centímetros de profundidade e a aplicação de 1 quilo de adubo orgânico por metro linear. Junto pode ser colocado um pouco de calcário.

Em seguida colocar adubo químico na proporção de 300 gramas por cova. Essa adubação deverá ser rica em fósforo. A distância entre as plantas na linha é de 1 metro e meio. Utiliza-se 2 a 3 sementes por cova na profundidade de 4 centímetros.

Quando as plantinhas apresentarem 2 a 3 folhas definitivas, fazer o desbaste, deixando apenas 2 plantas por cova. Os frutos defeituosos devem ser eliminados, para melhorar a qualidade dos demais.

A MELANCIA

De origem africana e com desenvolvimento maior no continente asiático, a melancia tem a China como maior produtor mundial. Ela apresenta o sistema radicular extenso e superficial. As flores femininas menos numerosas que as masculinas, situam-se nas extremidades dos ramos. O pólen é transportado por abelhas e outros insetos, apresentando-se como massa pegajosa, que impede seu desprendimento e transporte pelo vento.

É uma cultura pouco tolerante a baixas temperaturas, exigindo, portanto, clima quente. Desenvolve-se muito bem em solos com pH entre 5,0 a 5,5. A calagem só deve ser feita quando realmente necessária. Para o plantio, fazer a abertura de sulcos espaçados de 2 metros, utilizando 2 quilos de adubo orgânico por metro linear de sulco, com espaçamento de 1 a 1,5 metros entre plantas. Na adubação química utilizar 300 gramas de adubo misturado com adubo orgânico. Na semeadura colocar de 3 a 4 sementes por cova a uma profundidade de 5 centímetros.

Quando as plantinhas apresentarem de 3 a 4 folhas verdadeiras, fazer o desbaste, deixando apenas as 2 mais vigorosas. Após o desbaste fazer a adubação de cobertura, usando 30 gramas de sulfato de amônio por sulco de plantio.

Para a melancia, melão, pepino e outras cucurbitáceas, recomenda-se a utilização de colmeias próximas as plantações para ajudar na polinização, com aumento na produção e tamanho dos frutos.

MILHO PIPOCA

O milho pipoca tem um processo de produção idêntico ao do milho no que diz respeito ao número de plantas, adubação de base, cobertura e colheita.

A densidade de plantas por hectare é de 60.000 pés de milho pipoca. O espaçamento é de 90 centímetros entre linhas com 10 a 20 centímetros entre plantas na linha com 8 a 10 plantas por metro linear. Se necessário, realizar o desbaste. Utilizar de 12 a 15 quilos de sementes por hectare.

A cultivar RS-20 apresenta ciclo precoce, com 52 a 55 dias entre germinação e o pendoamento e 120 dias das germinação até a colheita. A produtividade atinge 1.800 a 2.000 quilos por hectare. Para manter a qualidade do milho pipoca é preciso evitar o cruzamento com pólen de milho. O milho pipoca deve ser plantado sempre antes ou na mesma época do plantio do milho comum, mas nunca depois. Nos plantios tardios (dezembro e janeiro), procurar isolar bem o milho pipoca do milho comum.

O milho pipoca responde muito bem a a adubação de cobertura. Na colheita é muito importante o ponto certo, pois esse fator irá determinar a melhor qualidade do produto. Ele deve ser colhido bem seco.

A perspectiva comercial para o milho pipoca é muito boa, e a produção da região tem sido insuficiente para suprir os mercados da Cooperativa. O plantio deve ser incentivado devido aos bons preços que o produto vem obtendo, com garantias de mercado oferecidos pela Cooperativa.

O AMENDOIM

O amendoim é uma planta nativa brasileira de grande expressão econômica no mundo. Junto com o feijão e a soja, é considerada uma

leguminosa muito importante pelo seu alto valor proteico e energético. É responsável por cerca de 15 por cento da produção mundial de óleo. O amendoim produz bem em solos drenados, leves, bem supridos de calcário e com moderada quantidade de matéria orgânica. Não gosta de solo compactado. Um bom solo vai ajudar, na época da frutificação, a aumentar a produtividade e evitar perdas na colheita. Na adubação, utilizar fórmulas ricas em fósforo — cerca de 100 quilos de superfosfato triplo por hectare —. Em solos com pH baixo deve ser feita a correção da acidez do solo com calcário comum. Em solos com pH acima de 5,8, será necessário utilizar em torno de 2 toneladas de calcário por hectare.

O calcário é importante fonte de cálcio para o amendoim, uma vez que ajuda na formação e granação de frutos. No caso do amendoim, o calcário é absorvido pelas raízes e não se desloca para os frutos em desenvolvimento. Os frutos absorvem o cálcio diretamente do solo. No plantio, utilizar um espaçamento de 60 centímetros entre linhas, na densidade de 15 a 20 sementes por metro linear, colocadas numa profundidade de 5 a 6 centímetros. São necessários cerca de 120 quilos de semente por hectare. O ciclo do amendoim varia de 100 a 110 dias.

A trips é a principal praga que ataca a planta, podendo, ainda ocorrer ataques de lagartas. Das doenças a mais importante é a cercospora. Em caso de ocorrência de pragas e doenças, procurar orientação técnica.

A produtividade média chega a 2.000 quilos por hectare. As perspectivas comerciais para a cultura são muito boas. A produção na região tem sido pequena, obrigando a Cooperativa a adquirir produto de outros estados para atender as necessidades de consumo.

A BATATA

No Brasil a batata é uma das principais hortaliças com produtividade média de 10 toneladas por hectare. A época mais indicada para o plantio é a partir de setembro.

No preparo do solo deve-se observar que as raízes da batata são superficiais, por essa razão o solo deve ser leve e fértil. Para o plantio fazer a abertura de sulcos com 10 centímetros de profundidade e espaçamento de 70 a 90 centímetros entre sulcos. O plantio da batata deve ficar distanciado de 30 a 40 centímetros na linha. A batata exige grande quantidade de nutrientes. Basicamente para cada quilo de batata-semente, deve-se utilizar um quilo de adubo da fórmula 7-11-9, aplicados no fundo do sulco e misturados com a terra para evitar o contato da semente com o adubo. Em nossa região, devido as características do nosso solo tornar-se pesados após as chuvas, sugere-se que sejam feitos camalhões para o plantio da batata. A adubação de cobertura deve ser feita com sulfato de amônio ou uréia mais ou menos 30 dias após a emergência, aplicando-se ao lado da linha de plantio. Essa aplicação pode ser feita por ocasião da amontoa, que serve também como controle para as ervas daninhas. As pragas e doenças da cultura são muitas. Por esta razão, caso haja necessidade, o produtor deve procurar a orientação técnica antes de tomar qualquer medida de controle.

o Francisco Salla é agrônomo e responsável pela área de hortigranjeiros da Cotrijuí, Região Pioneira.

Cuidado com o terneiro

Agosto é o mês onde se concentra o maior número de nascimentos de terneiros a nível de Região Pioneira. Por isso, o Departamento Técnico da Cooperativa chama a atenção dos criadores para alguns cuidados básicos que devem ter em relação aos terneiros recém-nascidos, que são:

- 1) Desinfetar o umbigo com solução de iodo.
- 2) Fazer mamar na vaca o mais rápido possível.
- 3) Deixar o terneiro junto a vaca no mínimo três dias para que aproveite o colostro ao máximo.
- 4) Proteger o terneiro do frio e administrar, à vontade, pasto verde à mãe.
- 5) Nunca deixar faltar sal comum e sal mineral aos animais.

Os criadores já devem também ir pensando na vacinação dos terneiros. A vacina contra a brucelose deve ser aplicada do terceiro ao oitavo mês de idade, enquanto que a vacina contra carbúnculo sintomático deve ser aplicada semestralmente a partir do sexto mês até os dois anos de idade.

O base larga aprovou

O terraço de base larga em nível passou no teste. Esta foi a conclusão a que chegou a Comissão Coordenadora do Programa de Conservação de Solos de Ijuí ao avaliar o comportamento dos terraços de base larga em nível, depois que uma das maiores chuvas ocorridas nos últimos 10 anos caiu na região. Apenas na noite do dia 29 e manhã do dia 30 de junho choveu na região em torno de 220 milímetros — dados do CTC —. Mas nenhum terraço desmanchou, suportando muito bem as fortes chuvas. Apenas um que outro terraço apresentou algum problema, mas nem por isso tirou o ânimo dos produtores que preferem creditar esses "acidentes" a pequenas falhas de construção e a falta de um manejo adequado do solo.

Participaram da reunião de avaliação dos trabalhos de conservação de solos, realizada no dia 29 de julho, além da Cotrijuí, o Imeab, o Banco do Brasil, a Prefeitura Municipal, o IBDF, a Unijuí, a Atargs, a Apaju, a Emater, o STRI, o Sindicato Rural e produtores envolvidos no programa. A reunião contou ainda com a participação do agrônomo e gerente do CTC, Rivaldo Dhein, que passa agora, a fazer parte da Comissão Coordenadora. As entidades envolvidas no programa aproveitaram a oportunidade para, também, fazer uma avaliação dos trabalhos realizados nesse ano e meio e traçar novas metas.

BONS RESULTADOS

Nesse segundo ano de andamento do programa de conservação de solo de Ijuí os terraços de base larga em nível —

ou de absorção — já ocupam uma área de 2 mil hectares, envolvendo 105 produtores rurais. "O programa, observa o agrônomo Rivaldo Dhein, está recebendo uma boa aceitação por parte dos produtores e mostrando bons resultados".

No início dos trabalhos de substituição dos terraços convencionais pelos de base larga em nível, o Rivaldo Dhein fazia um alerta, pedindo moderação e cautela. Mas hoje, passado um ano e meio e muitos resultados positivos, o agrônomo considera suas preocupações superadas. "A literatura, explica, sempre recomendou a construção de terraços de base larga em nível em regiões de baixo índice pluviométrico, onde, conseqüentemente, não correriam riscos de rompimento". Mas as últimas chuvas comprovaram e o Rivaldo também está convencido, de que os terraços podem resistir também em regiões onde os índices pluviométricos sejam mais elevados, desde que aliados a outras práticas como manejo adequado, rotação de culturas, conservação de palha sobre o solo, entre outras. "O terraço de base larga em nível, alerta mesmo assim, não deve, portanto, existir como uma prática isolada".

UM ACIDENTE

Para o Pedro Pittol, técnico agrícola da Cotrijuí na Unidade de Ijuí e um dos grandes incentivadores da mudança do sistema de terraceamento da região, os problemas ocorridos em alguns terraços não passaram de pequenos acidentes. "Tenho certeza de que os poucos terraços que transbordaram têm como causa problemas de manejo do solo, como abuso



A fisionomia de algumas propriedades começa a mudar com a implantação do base larga

no uso da grade após subsolagem". Também pode ter influído o fato dos terraços serem novos, recém construídos. Ainda na época da chuva muito solo apresentava-se descoberto porque o trigo não havia nascido. "O próprio produtor está admitindo os seus erros e se propondo a consertar os estragos. Considera a experiência com terraços de base larga aprovada e garante que o trabalho precisa continuar e até ser melhorado. Os efeitos que aparecerem depois da chuva é o sinal de que ainda temos algo a melhorar", diz.

REFLORESTAMENTO

Na área de reflorestamento e reposição de matas, os trabalhos vão se intensificar a partir da distribuição de mudas, pela Cotrijuí, aos produtores interes-

sados e que estejam participando do programa de conservação de solos. As mudas serão produzidas pelo IBDF e repassadas a Cotrijuí através de um convênio recentemente assinado. Em torno de 200 mil mudas serão colocadas à disposição dos associados.

Depois de um balanço geral, a comissão achou que em apenas um ano e meio o trabalho, principalmente no que diz respeito a mudança no sistema de terraceamento teve um grande avanço. Como troca de experiências ficou acertada para ainda este mês, uma visita de produtores envolvidos no programa aos municípios de Santo Ângelo e Santa Rosa. Nesses dois municípios eles visitarão propriedades onde um trabalho semelhante vem sendo realizado.

O teste da resistência

As chuvas que caíram na noite do dia 29 e na manhã do dia 30 de julho foram decisivas para garantir o sucesso dos terraços de base larga na região. "Eles passaram pelo teste", diz o produtor Sardi Gallert. Só na sua propriedade localizada na Linha 8 Oeste, em Ijuí, e redondezas choveu nesse meio tempo 171 milímetros, "uma das chuvas mais fortes dos últimos anos". O seu Sardi vem fazendo o controle das chuvas desde 1981.

O seu Sardi e mais o cunhado, o seu Arlindo Treter estão entre os primeiros produtores daquela localidade que optaram pela substituição dos terraços convencionais — de base estreita em desnível — pelos de base larga em nível. Eles são lindeiros e, atualmente, as suas propriedades estão unidas pelos terraços que não respeitam divisas e passam de uma lavoura para a outra.

Mas apesar de convencido que o terraço de base larga já está aprovado, ele não nega que teve um pequeno contratempo, como prefere chamar. "Por um erro e até falta de prática, admite o agricultor, construí os primeiros terraços com um pequeno caimento. Com a chuva forte que caiu, dois desses terraços apresentaram um pequeno transbordamento". Diz que não aconteceu nenhum outro estrago nos terraços e tão logo faça a colheita do trigo, vai tratar de corrigir esse erro, levantando um pouco a canaleta para deixar o terraço em nível. "Por experiência posso garantir que o desnível tem que ficar em zero", aconselha.

Os terraços de base larga ocupam uma área de 24 hectares na propriedade do seu Sardi, numa extensão de 3 mil metros. São ao todo 22 terraços. Ele pretende estender essa prática ao res-

tante de sua propriedade. Mas não são só os terraços que contam, como alerta o seu Sardi. O capricho com a terra, a rotação de culturas, restos de palhas sobre o solo, uma boa subsolagem, trabalhos com implementos sempre em nível e o mínimo de operações com máquinas na lavoura são fundamentais. "É todo um conjunto de práticas que fazem com que os terraços de base larga deem certo". E as vantagens são muitas: a água não escorre mais das lavouras para as estradas e os riscos de erosão praticamente desaparecem.

MENOS SORTE

Bem ali perto, também na Linha 8 Oeste, na manhã do dia 30, abaixo de uma chuva fortíssima, o seu Willi Wottrich, resguardado apenas por um guarda-chuva, não se aguentou ficar em casa e se tocou para a lavoura. Ele queria ver como os terraços estavam se comportando diante de uma chuva tão torrencial. Para azar do seu Willi, alguns dos terraços começavam a transbordar. Mas ele tem várias justificativas para o "acidente", como prefere chamar:

— Acho que vários fatores influíram para que alguns dos terraços estourassem. Primeiro, que a terra estava nua porque o trigo ainda não havia nascido. Segundo, que os terraços recém haviam sido construídos. E terceiro, que cometi alguns erros de construção, por falta de prática.

Ele acha que deixou muito desnível e a água empossou na canaleta, forçando o terraço. Mas só vai esperar a colheita para corrigir o defeito. "Os primeiros sempre saem mal feitos, admite o seu Willi, que nem mesmo com um resultado negativo vai abandonar a idéia de construir mais terraços de base larga dentro da sua propriedade. Ele é



Sardi Gallert: o desnível tem que ficar a zero

proprietário de 37 hectares e meio. Os terraços de base larga já ocupam 10 hectares e 8 terraços estão marcados para serem construídos ainda nesse intervalo do trigo e da soja. "Os primeiros já me mostraram onde errei, admite. Agora vou construir direitinho porque ainda sou a favor do terraço de base larga. Acho que ele, aliado a outras práticas dentro da propriedade, é que vai resolver os nossos problemas de erosão nas lavouras".

O que mais chateia o seu Willi é o descrédito da maioria dos seus vizinhos em relação ao terraço de base larga. Ele diz que optou pela substituição de um terraço por outro, depois que ouviu o Pedro Pittol, técnico agrícola da Cotrijuí falar nas suas vantagens. "O meu vizinho, de baixo, não acredita ainda nos resultados do terraço de base larga. Ele diz que só vai acreditar no dia em que eu conseguir segurar a água dentro da lavoura",



Willi Wottrich: um acidente

lamenta. Mas mesmo que alguns terraços não tenham resistido as águas das chuvas, seu Willi conta que já observou alguns resultados positivos e se todos optassem pela prática, até a Prefeitura teria menos trabalho para conservar as estradas.



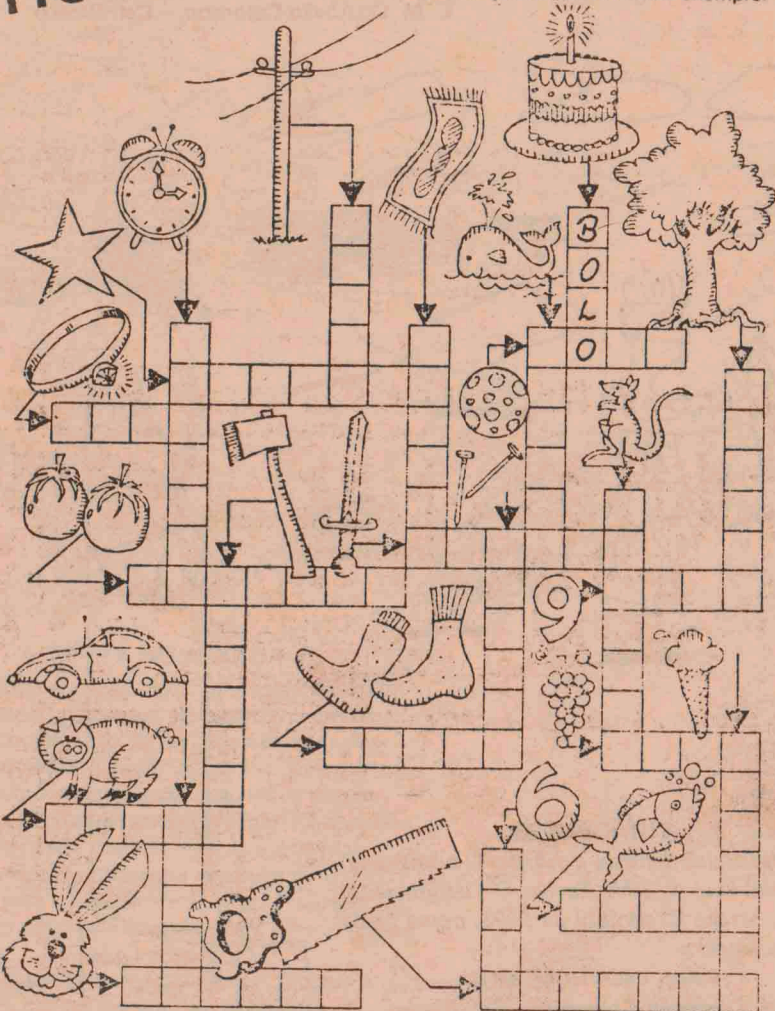
SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

Passatempo

FIGURAS DIRETAS Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já está escrito como exemplo.



Que animal é este?

Pinte com lápis marrom todos os espaços marcados com um quadradinho e, com lápis verde, os marcados com uma bolinha.

Página do leitor

OS ÍNDIOS

Os índios foram os primeiros moradores do Brasil. Eles moravam em ocas, feitas de barro e palha. Suas armas eram o arco, a flecha, a lança e o tacape. Vestiam-se de peles de animais. Eles eram diferentes de nós, mas hoje estão se atualizando.

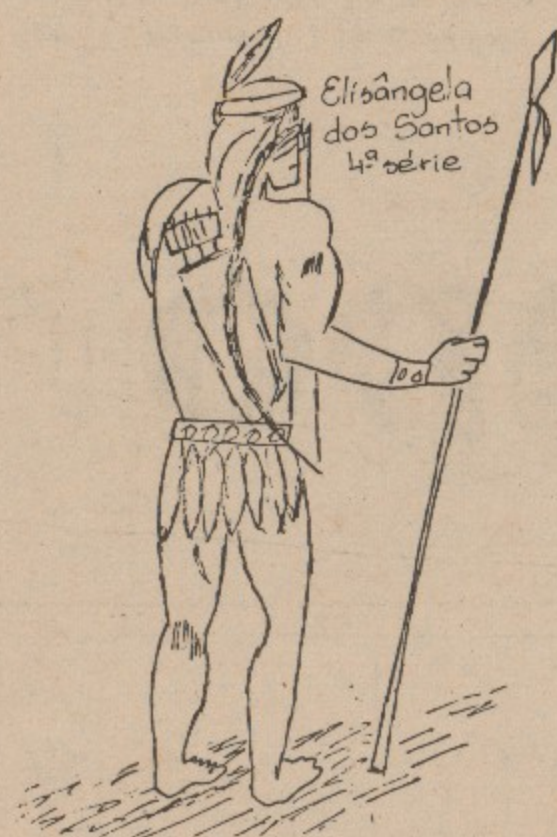
Pedro Leone - 4a. série
E. M. Cristóvão Colombo - Vila São Pedro
Cel. Bicaco - Profa. Terezinha Prates Germano

Os primeiros habitantes de nossa terra foram os índios. Eles viviam em ocas feitas de barro e palhas. Suas armas eram arcos, flechas, lanças e tacape. Alimentavam-se de caças, pescas e raízes.

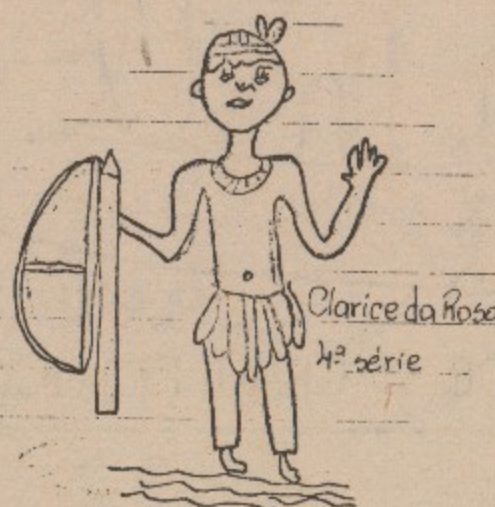
Pedro Dilson - 4a. série -
E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco
Profa. Terezinha Prates Germano

Comemoramos o dia do índio porque ele foi o primeiro a habitar o nosso Brasil. Trabalhavam, lutavam e se ajudavam, por isso no dia 19 de abril festejamos o dia do índio.

Clarice da Rosa - 4a. série
E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco



Elisângela dos Santos
4ª série



Clarice da Rosa
4ª série

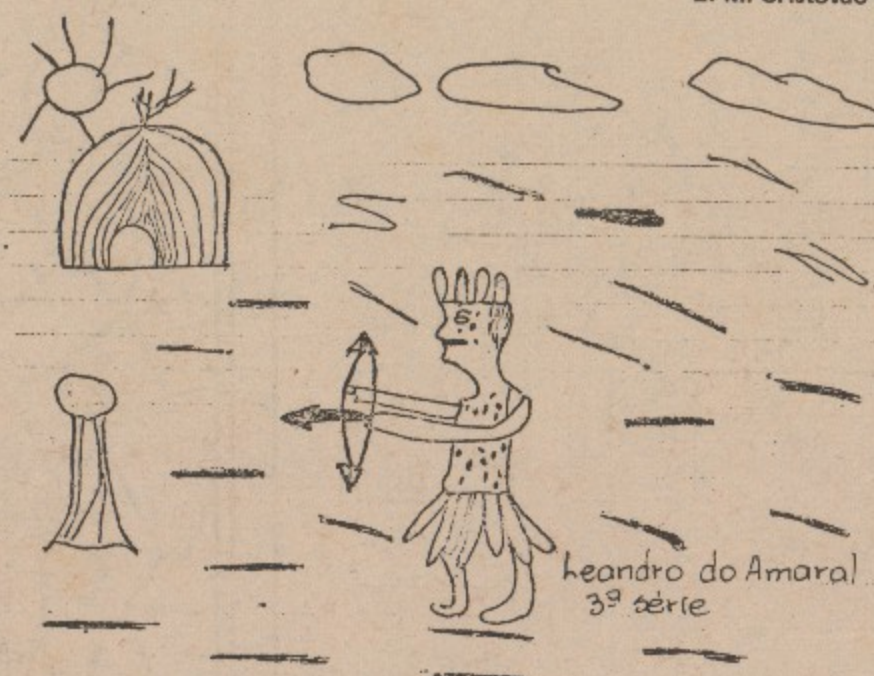
O ÍNDIO

O índio é um homem valente. Os índios faziam flechas e moravam nas ocas. Eles eram diferentes, usavam roupas de penas e pele de animais. Antigamente, eles não gostavam das pessoas, porque eles eram selvagens e comiam raízes, pescas, caças de muitos animais que hoje eles não comem. Hoje o índio é gente como nós, eles têm opiniões próprias e vivem em nosso meio, como nossos irmãos, apesar das suas diferentes maneiras de viver. Os índios também foram os primeiros habitantes da nossa terra. Devemos respeitá-los, porque eles são filhos de Deus, também.

Elisângela dos Santos - 4a. série
E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco

Os índios viviam em cavernas e casas feitas com barro e se alimentavam de caça e pesca. Suas armas eram o arco, a flecha e o tacape.

Paulo Gilberto - 4a. série
E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco



Leandro do Amaral
3ª série



Paulo Gilberto
4ª série

DIA DO ÍNDIO

O índio é valente. Eles são como nós. Mas antigamente, eles eram diferentes. Os índios usavam roupas que eram feitas de penas e peles de animais. Alimentavam-se de raízes, caças e pescas. Moravam em ocas de palha e barro. Devemos respeitá-los porque são gente como nós.

Leandro do Amaral - 3a. série
E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco

A TERRA DE JOÃO

João tinha pouca terra, mas estava indo muito bem, com aquilo que plantava. Depois de alguns meses, as plantas começaram a secar, pois não chovia e as águas acabaram.

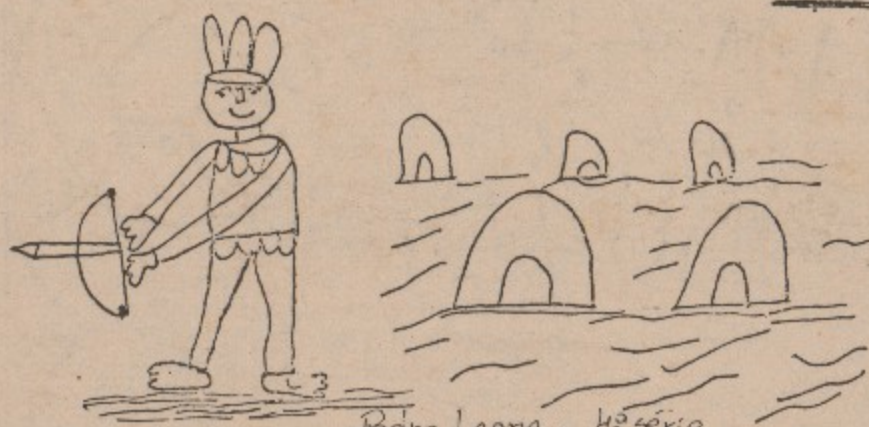
João ficou muito triste e todas as noites rezava, mas não chovia, porque lhe faltava fé em Deus. Então ele resolveu vender sua terra e ir morar na cidade.

No começo sofreu um pouco, mas tinha esperança de melhorar.

Nada melhorou!

Hoje em dia, acha uma grande falta do seu pedacinho de terra.

Elisângela Carvalho e Verônica Beatriz Bueno
4a. série - E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco



Pedro Leone - 4ª série

TIRADENTES

Tiradentes foi um dentista e militar. O nome dele era Joaquim José da Silva Xavier. O Tiradentes foi enforcado no dia 21 de abril de 1791, numa praça do Rio de Janeiro.

Pedro Leoni - 4a. série
E. M. Cristóvão Colombo - Cel. Bicaco

Pedro Leoni
4ª série

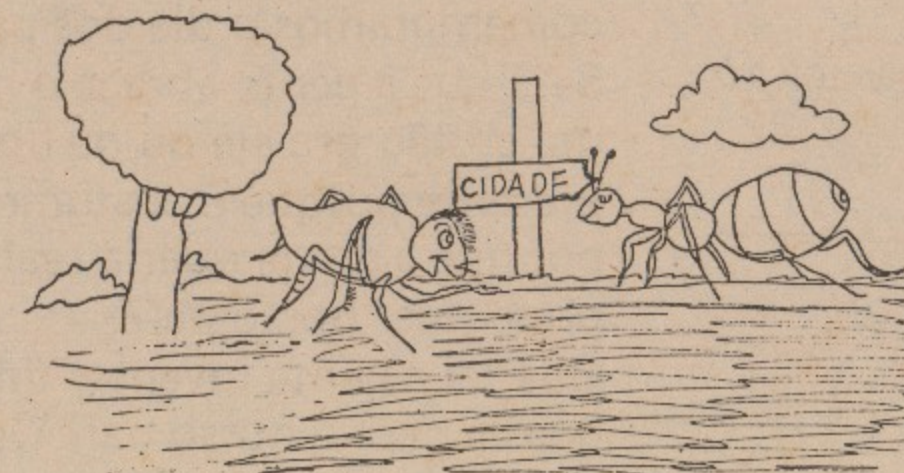
Este mês estamos publicando mais trabalhos dos nossos leitores e estamos muito contentes porque eles continuam chegando. Tanto que tivemos que colocar mais uma página à disposição deles. Continuem nos escrevendo. Um abraço. Cida.

Os trabalhos abaixo são da Escola de 1º e 2º Grau Santo Augusto, lá da cidade de Santo Augusto. São dos alunos da 2a. e 3a. séries, das professoras Dulce Burckardt e Leila Sperotto. São histórias e desenhos produzidos pelas crianças, a partir de uma história contada pelas professoras.

A PULGA AMBICIOSA

Era uma vez um cachorrinho. Ele era muito pulguento que até as pulgas já se sentiam mal. Ele vivia revirando latas de lixo a procura de ossos. Um dia, uma das pulgas teve uma ideia. Pulou de Joli e foi para a cidade. A pulga queria comprar um bilhete de loteria, para tirar sorte grande. A pulga queria comprar um cachorro só para ela.

Sirlei Terezinha Gonzatto - 2a. série



Izaque Nunes
8 anos - 2ª série
Dulce Burckhardt

A PULGA AMBICIOSA

Joli é um pobre cachorrinho abandonado. Vive na rua revirando latas de lixo a procura de ossos. O Joli é um cachorro pulguento.

Uma pulga saiu do Joli e foi para a cidade comprar um bilhete de loteria para tirar a sorte grande e comprar um cachorrinho só para ela. Ela encontrou uma formiguinha.

- Para onde vai, pulga?
- Eu vou para a cidade comprar um bilhete de loteria para tirar a sorte grande.

Jocelia Feller

Na edição do mês passado deixamos de publicar o texto A TERRA DO PEDRO, do nosso leitor Paulo Gilberto Silva, da Escola Municipal Cristóvão Colombo, da Vila São Pedro, Coronel Bicaco. Por isso estamos publicando o mesmo nesta edição. Pedimos desculpas pelo atraso. Um abraço, escrevam sempre. Cida.

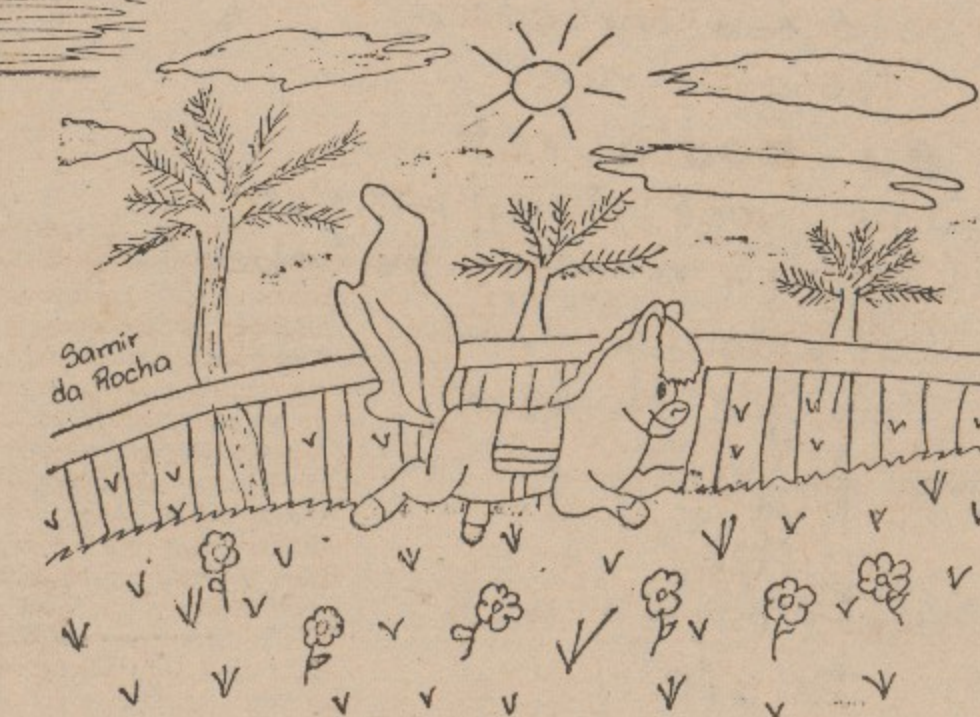


Samir Aristides da Rocha
3ª série - Profa. Leila Sperotto

A TERRA DO PEDRO

A terra do Pedro era boa, mas tinha bastante mato. Em vez de limpar as plantas, ele gastava muito com peões e o financiamento da lavoura não dava para pagar os empregados. Mesmo assim não desanimava. A lavoura tinha bastante pedra e no verão secava as plantações. No fim ele perdia o dinheiro de suas plantações, devia sua própria vida. Suas dívidas aumentavam. Então achou que vendendo suas terras e indo para a cidade era melhor. Chegando lá, não encontrou emprego, ele não tinha estudo e nem sua família.

Veio o arrependimento, mas era tarde demais, já não possuía mais o valioso pedacinho de terra.
Paulo Gilberto Silva - 4a. série.



Samir da Rocha



Elisângela Carvalho

Verônica Beatriz Bueno
4ª série

A PULGA AMBICIOSA

O Joli era um cachorro pulguento. Ele era um cachorro pobre. O Joli era um cachorro muito pulguento que até as pulgas se sentiam mal. Um dia uma pulga pulou do Joli e foi para a cidade. A pulga foi para a cidade comprar um bilhete de loteria. Ela queria tirar a sorte grande para comprar um cachorro só para ela.

Jefferson de Moura dos Santos

